

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, CULTURA, JUVENTUDE E DESPORTO

# SUGESTÕES PEDAGÓGICAS

4ª CLASSE

FUNDAÇÃO  
CARLOS  
GOLBERG

**Cooperação entre o Ministério da Educação, Cultura, Juventude e Desporto  
e Fundação Calouste Gulbenkian**

Concepção e Elaboração : **Escola Superior de Educação**  
**Instituto Politécnico de Santarém**

Coordenação do Projecto **Maria João Cardona**

|                            |                                   |
|----------------------------|-----------------------------------|
| Língua Portuguesa          | <b>Fátima Galveias</b>            |
|                            | <b>Ana Fonseca</b>                |
| Matemática                 | <b>Maria José Pagarete</b>        |
| Meio Físico e Social       | <b>George Camacho</b>             |
|                            | <b>Maria de Jesus Bento</b>       |
|                            | <b>Pedro Reis</b>                 |
| Expressão Plástica         | <b>Jean Campiche</b>              |
| Expressão Dramática        | <b>Célia Barroca</b>              |
| Expressão Musical          | <b>Margarida Togtema</b>          |
| Expressão Motora           | <b>António Mesquita Guimarães</b> |
| Formação e                 |                                   |
| Desenvolvimento Curricular | <b>Ramiro Marques</b>             |
| Impressão                  | <b>António Coelho Dias, S.A.</b>  |

Colaboração das equipas técnicas

**Gabinete de Planeamento e Inovação Educativa**  
**Direcção do Ensino Básico**  
**Escola de Formação de Professores e Educadores**  
**Inspecção da Educação.**

**Capa**  
**Pedro Campiche**  
**Ilustrações**  
**Teresa Cavalheiro,**  
**Paulo Serra**  
**Jean Campiche**

© Ministério da Educação, Cultura, Juventude e Desporto  
da República Democrática de São Tomé e Príncipe

Concepção e Impressão no âmbito do Projecto de Apoio ao Sector Social (PASS) com  
financiamento da Associação Internacional para o Desenvolvimento (IDA) do Banco Mundial

Setembro 2007

## Nota Prévia

Esta publicação faz parte de um conjunto de três documentos de trabalho que visam auxiliar professores e estudantes no processo de ensino-aprendizagem das primeiras classes da educação básica:

- **Manual da 4ª Classe**
- **Caderno de Actividades da 4ª classe**
- **Sugestões Pedagógicas – 4ª classe**

No respeito pela Lei de Bases da Educação da República Democrática de S. Tomé e Príncipe (Lei 2/2003 de 2 de Junho), houve a preocupação de acentuar a interdisciplinaridade e a transversalidade das diferentes áreas curriculares.

Esta preocupação é particularmente relevante no que diz respeito à área de Desenvolvimento Pessoal e Social cujos conteúdos são abordados transversalmente em todas as áreas curriculares sem esquecer que é na área do Meio Físico e Social que estes conteúdos podem ter maior destaque.

Esta preocupação é também especialmente evidente no que diz respeito à área das Expressões, que tendo em conta a sua especificidade é sobretudo desenvolvida nas sugestões pedagógicas apresentadas para a/os professora/es.

Neste sentido e considerando a legislação em vigor, são diferenciadas as seguintes áreas:

- Língua Portuguesa;
- Matemática;
- Meio Físico e Social (integrando de forma mais específica a área de Formação Pessoal e Social);
- Expressões - Plástica, Dramática, Musical e Motora .

Bom trabalho!



# **LÍNGUA PORTUGUESA**

**Nota prévia**

Tendo em conta que o manual e o caderno de actividades da 3ª e da 4ª classes obedecem à mesma estrutura e que as competências a trabalhar e a desenvolver a nível da Língua Portuguesa são as mesmas, ainda que com níveis de aprofundamento diferentes, progressivamente mais exigentes, faz todo o sentido apresentar as mesmas orientações/sugestões pedagógicas para as duas classes. Esta opção permitirá aos/às docentes irem, igualmente, aprofundando o seu conhecimento profissional, uma vez que lhes será permitido irem analisando os modos como o(a)s aluno(a)s vão reagindo, em termos de aprendizagem, às diversas orientações/sugestões, permitindo-lhes conceber estratégias cada vez mais adequadas e eficazes e partilhar experiências com os seus pares profissionais, com vista ao desenvolvimento linguístico de todos os seus/suas aluno(a)s.

**Introdução**

A área da Língua Portuguesa está organizada em torno de 12 unidades, cujos textos foram seleccionados e organizados de acordo com os seguintes objectivos:

- Desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores característicos da identidade e cultura santomense, através do contacto com textos da literatura (escrita e oral) de S. Tomé e Príncipe.
- Proporcionar o contacto com realidades culturais e literárias de outros países africanos de língua oficial portuguesa.
- Estimular a curiosidade e o desejo de conhecer outras culturas e realidades literárias, fora do continente africano.

Assim, os textos que integram as 12 unidades estão organizados em 3 blocos:

- **Por terras de São Tomé e Príncipe: histórias e gentes do meu país:** textos directamente ligados ao país, quer pela temática, quer por serem da autoria de escritores santomenses;
- **Por outras terras de África:** textos directamente relacionados com a realidade dos outros países africanos de língua oficial portuguesa;
- **Pelo resto do Mundo:** textos de autores portugueses e lendas tradicionais de outros países.

As unidades têm uma estrutura semelhante entre si e os conteúdos contemplam, **de forma explícita**, o desenvolvimento das competências da compreensão e expressão escritas – leitura e produção de texto – bem como o desenvolvimento do conhecimento explícito da língua (conhecimento das normas específicas do funcionamento da língua), competência transversal a todas as outras, uma vez que é fundamental para melhorar o oral em situações formais de uso, para aprofundar a compreensão textual e para promover o aperfeiçoamento do escrito.

No entanto, na sequência do processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa iniciado em anos anteriores, **continua a ser fundamental o trabalho a desenvolver pelos/pelas professores/professoras a nível do desenvolvimento das competências do domínio do oral** – compreensão e expressão - , pelas implicações que têm quer na aprendizagem e desenvolvimento da leitura e da escrita, quer na afirmação de uma cidadania mais participativa. Com efeito, o domínio progressivo do português padrão que as aulas de Língua Portuguesa devem proporcionar, associado ao conhecimento das situações sociais em que esta variedade deve ser usada, tornarão o/a aluno/aluna mais confiante no seu conhecimento da língua e na sua capacidade de seleccionar adequadamente a variedade que deve mobilizar em cada situação concreta.

Assim, considera-se essencial que, no âmbito da aprendizagem da leitura e da escrita, se mobilizem situações de diálogo e de cooperação com os/as alunos/alunas e de confronto de opiniões entre professor/a/aluno(a)s e entre aluno(a)s/aluno(a)s.

Em síntese, é fundamental que o/a professor/a descubra e faça descobrir no(a)s aluno(a)s as dimensões cultural, lúdica e estética da Língua, o gosto de falar, de ler e de escrever.

## ORGANIZAÇÃO DOS CONTEÚDOS EM CADA UNIDADE

## Comunicação Oral

Diálogo com as crianças sobre o tema do texto que irão ler em seguida a partir:

- da exploração das imagens associadas aos textos;
- do título dos textos;
- do suporte textual;
- do tipo de texto (...)

Manual do aluno  
*Desenvolvimento da compreensão e expressão orais:*

- práticas de leitura expressiva (por parte do(a) docente e dos aprendentes)
- desenvolvimento intencional e explícito do léxico
- estimulação para a escrita/conhecimento das diferenças entre os domínios do oral e do escrito.



## Comunicação escrita

Actividades de funcionamento da língua

Caderno de actividades  
*Aquisição de noções fundamentais de funcionamento da língua.*



Actividades de exploração/compreensão dos textos

Caderno de Actividades  
*Compreensão e expressão escrita; desenvolvimento de vocabulário*



Exercícios de ortografia

Caderno de actividades  
*Aperfeiçoamento das regras ortográficas iniciadas nos anos anteriores e aquisição de outras mais específicas*



Actividades de desenvolvimento da escrita

Caderno de Actividades  
*Desenvolvimento de técnicas de escrita e de organização/estruturação textual*

**Manual do Aluno**

No manual do aluno são apresentados os textos que irão ser objecto de leitura e ponto de partida para o conhecimento das regras de funcionamento da língua e para o desenvolvimento da expressão escrita.

**Para o trabalho a desenvolver com vista ao ensino da leitura/compreensão de textos os professores precisam de saber que:**

- Ler é compreender, obter informação, aceder ao significado do texto.
- Por compreensão de leitura, entende-se a atribuição de um significado ao que se lê, quer se trate de palavras, de frases ou de um texto.
- Quanto maior for a capacidade de ler um texto com precisão, rapidez e expressividade – **fluência** – mais facilitada está a tarefa da compreensão.
- Os factores que determinam a diferença na dificuldade de compreensão são (i) o conhecimento prévio que o leitor tem do tema; (ii) o (des)conhecimento do vocabulário utilizado no texto.
- Ensinar a compreender é ensinar explicitamente estratégias para abordar um texto. Essas estratégias são essenciais antes da leitura, durante a leitura e depois da leitura.

*Antes de iniciar a leitura, ensinar a:*

- Estabelecer um objectivo de leitura (ex: para que vou ler?...)
- Activar conhecimento anterior sobre o tema (ex: o que sei sobre isto?)
- Antecipar conteúdos com base no título e gravuras (ex: o que é que esta gravura me faz lembrar?...)
- Filtrar o texto para encontrar chaves/pistas que ajudam à compreensão (ex: que palavras estão a negrito ou sublinhadas?...)

*Durante a leitura, ensinar a:*

- Prestar atenção ao que está a ler
- Usar chaves contextuais e a estrutura do mesmo (ex: é uma história? Uma poesia?)
- Ler de novo cada parágrafo e procurar a informação nova (ex: o que diz aqui de novo?)
- Criar uma imagem mental (ou mapa mental) do que foi lido (associações, experiências sensoriais – cheiros, sabores – sentimentos, etc)
- Sintetizar à medida que avança na leitura do texto
- Ajustar a velocidade de leitura
- Adivinhar, pelo contexto, o significado de palavras desconhecidas
- Se necessitar, utilizar materiais de referência (dicionários, enciclopédias ...)
- Auto-questionar-se sobre o lido
- Tomar notas durante a leitura

*Depois da leitura, ensinar a:*

- Formular questões sobre o lido e tentar responder
- Confrontar as previsões iniciais de conteúdo com a informação do texto
- Discutir com os colegas sobre o lido
- A importância de reler

### **Implicações para o processo de ensino-aprendizagem:**

#### **Pré-leitura**

Para a compreensão do texto, são fundamentais as **actividades de pré-leitura**, em que o/a professor/a, através do diálogo, fomenta a análise da imagem ou do título para que a criança tente antecipar o conteúdo do texto, com o objectivo de activar/fornecer conhecimento prévio sobre o tema. Pretende-se, assim, facilitar a interacção entre a criança e o texto, para ajudar à compreensão do mesmo, fomentando o gosto pela leitura.

É igualmente importante que, nesta fase, o professor introduza e clarifique alguns dos vocábulos que, à partida, o professor ache que poderão ser um obstáculo ou inviabilizar a compreensão do que se vai ler.

Torna-se ainda muito importante a explicitação de um objectivo de leitura, para que o(a)s aluno(a)s direccionem a atenção para aquilo que, no final, é suposto fazerem ou o/a professor/a pretende que façam.

#### **Leitura**

As crianças deverão fazer uma primeira leitura individual, em silêncio.

Faça uma primeira avaliação, global, da compreensão do texto, procurando detectar possíveis dificuldades sentidas pelos aprendentes. Caso verifique que se torna necessário, faça uma primeira leitura expressiva do texto, na sua globalidade, em voz alta.

Tendo em conta que a não soletração, rapidez e expressividade são fundamentais para a compreensão do texto, serão o(a)s aluno(a)s, de seguida, a fazer a leitura do texto em voz alta. Poderão realizar uma leitura em cadeia, ou seja, dividir o texto em pequenas partes e peça a tantos aluno(a)s, quantas as partes, que façam a leitura expressiva de texto em voz alta. Corrija, sempre que necessário, a articulação e entoação.

No final desta leitura cujo objectivo é, apenas, treinar a fluência, há que trabalhar com os aluno(a)s o processo de compreensão, de acordo com as sugestões que lhe foram propostas anteriormente (*Durante a leitura, ensinar a:*).

Apenas como sugestões:

- \* Reveja em conjunto com as crianças os momentos principais do texto;
- \* Coloque oralmente questões aos alunos sobre o conteúdo do texto e seus elementos constituintes (personagens, espaço, tempo, acções,...), para verificar se entenderam a informação contida no texto;
- \* Peça-lhes que:

- sintetizem partes do texto que ache fundamentais à compreensão global do mesmo;
- relacionem a informação lida com conhecimentos exteriores ao texto (por exemplo, com um acontecimento do quotidiano, com as suas vivências, etc), permitindo ainda que a criança dê a sua interpretação pessoal do texto.
- \* Leve-as a:
  - inferir o significado de uma palavra desconhecida com base na estrutura interna e no contexto;
  - compreender inferências, mobilizando informações textuais implícitas e explícitas e conhecimentos exteriores ao texto
  - extrair conclusões do que foi lido;
  - reconhecer os objectivos do escritor(a);
  - apreender o sentido global do texto, identificando o tema central e os acessórios
  - recontar e/ou resumir o texto;

### **Pós-leitura**

- \* Peça às crianças que formulem questões sobre o lido e as coloquem umas às outras, no sentido de obter as respectivas respostas;
- \* Leve-as a:
  - confrontar o que haviam antecipado relativamente ao conteúdo do texto na fase da pré-leitura com a efectiva informação do texto;
  - reler o texto, nos casos em que surjam dúvidas relativamente ao conteúdo;
  - discutir com os colegas sobre o lido e a propor actividades e tarefas a levar a cabo na sequência da leitura;
  - propor outro título ou que, a partir dele, aprofundem conhecimentos;
- \* Estimule as crianças a ler autonomamente pequenas obras integrais adequadas ao interesse da faixa etária em questão ou a ler outros tipos de textos em diferentes suportes textuais.

### **CADERNO DE ACTIVIDADES**

Todas as unidades estão organizadas em torno de 3 grandes domínios:

- Leitura: compreensão dos textos;
- Funcionamento da língua;
- Escrita: ortografia; desenvolvimento da escrita;

### **Compreensão dos textos**

A realização das actividades propostas **pressupõe o trabalho prévio de estimulação à compreensão leitora desenvolvido no domínio da comunicação oral – compreensão e expressão**, realizado a nível do manual do aluno.

As questões de compreensão dos textos, procuram ter em conta e desenvolver, no(a)s aluno(a)s os diversos níveis de compreensão: da mais “simples”, porque mais explícita (questões em que apenas basta retirar a informação directamente do texto), às questões que exigem aos alunos fazer inferências, ou seja, ler “entre linhas”, tirar conclusões, avançar hipóteses, impregnar de sentido o que é dado parcialmente no texto. Surgem, ainda, questões com a intenção de desenvolver no(a)s aluno(a)s a capacidade de formular juízos críticos em termos verbais, requerendo que o(a)s aprendentes comparem informação e ideias do texto com os conhecimentos e experiências pessoais a fim de formular juízos de valor. O objectivo é fomentar o desenvolvimento de uma efectiva compreensão leitora.

Dependendo da autonomia dos aluno(a)s e da constituição da classe, solicite aos aprendentes que realizem as actividades escritas de compreensão do texto, vocabulário e ortografia, individualmente ou a pares. Verifique se estes compreendem o que lhes é solicitado. Em caso de necessidade – **e só em caso de necessidade**, uma vez que o que se pretende é que, progressivamente, o(a)s aluno(a)s sejam cada vez autónomos no seu processo de leitura e compreensão textual - pode ler as questões para toda a classe, pedindo àqueles que, tendo compreendido o que lhes é pedido para fazer, o expliquem, eles mesmos, aos seus colegas. Se nenhum aluno compreendeu aquilo que tem que fazer na sequência das questões formuladas, então terá que ser o/a professor/a a fazê-lo.

### Funcionamento da língua

Conforme referido na Introdução, o desenvolvimento do **conhecimento explícito da língua** (conhecimento das normas específicas do funcionamento da língua) é uma competência transversal a todas as outras. Com efeito, é fundamental conhecer as normas e as regras que presidem ao modo como a língua se organiza para que, progressivamente, os alunos compreendam e se expressem cada vez melhor em Língua Portuguesa, quer a nível do escrito quer a nível do oral.

Em cada unidade, na parte dedicada ao Funcionamento da Língua, a análise e reflexão sobre o modo como a língua “funciona” é, na generalidade, fomentada a partir de pequenos textos, excertos de poesias, destrava-línguas, para que o **uso da língua** e o **sentido** que dele decorre sejam privilegiados.

Noutros casos, é colocada uma questão que remete para uma vivência ou conhecimento prévio do(a) aluno(a), adquirido através do oral e do trabalho efectuado com vista ao desenvolvimento linguístico já efectuado, que serve de motivação para a aprendizagem do conteúdo gramatical que se pretende trabalhar.

É depois apresentada uma explicitação dos conteúdos/conceitos, em jeito de uma pequena gramática, com as noções básicas necessárias, que deverão ser bem explicadas às crianças.

O **uso da língua** e o **sentido** que dele decorre continua a estar presente nos exercícios de aplicação/sistematização dos conteúdos gramaticais trabalhados uma vez que, também estes, remetem para os textos que foram objecto de leitura, permitindo, mais uma vez, “afinar” a compreensão dos mesmos.

**Muito importante:** O/A professor/a deverá realizar outras actividades semelhantes de aplicação/sistematização, que permitam, de novo, a análise de situações linguísticas, com vista a

uma progressiva compreensão, assimilação e utilização das regras que presidem ao funcionamento da Língua Portuguesa, uma vez que estas não se esgotam no Caderno de Actividades. Assim, e apenas a título de sugestão, poderá retomar os textos trabalhados, outros tipos de texto, de diferentes suportes textuais, que com as temáticas abordadas estejam, de alguma forma, relacionados e contribuam para desenvolver a formação integral do(a) aluno(a)s (cartazes, panfletos, publicidades, documentos informativos receitas, embalagens de produtos alimentares, jornais, adivinhas, canções, etc.).

Pode, igualmente, partir dos textos produzidos pelos próprios alunos, tornando, assim, mais significativas as suas aprendizagens.

Este trabalho pode ser feito no colectivo ( o professor escreve no quadro, ou pede ao aluno que escreva a(s) frase(s) que vão ser objecto de análise e reflexão por parte de toda a classe), em pequenos grupos, a pares e individualmente, com e sem recurso a materiais auxiliares (dicionários, gramáticas, prontuários, dicionários de verbos conjugados, ...), na aula e em casa.

O objectivo, é garantir que as generalizações descritivas e descobertas na(s) fase(s) anterior(es) de trabalho fiquem armazenadas na memória de longo prazo e possam, portanto, ser activadas pelo aluno sempre que necessário.

### Ortografia

Nesta parte pretende-se que os alunos mobilizem conhecimentos já adquiridos nas 1ª e 2ª classes e que os aprofundem e apropriem no que diz respeito à correcção ortográfica.

São apresentadas as regras ortográficas e propostas actividades para a sua correcta aplicação.

**Sublinha-se, mais uma vez, que estas propostas não se esgotam no Caderno de Actividades, pelo que o(a) docente deverá realizar outras actividades e outros exercícios semelhantes.**

### Desenvolvimento da escrita

Em Portugal, uma investigadora e especialista no ensino da escrita foi uma vez questionada sobre o motivo pelo qual, em sua opinião, os alunos não aprendem a escrever. Ao que ela respondeu: *“Não aprendem a escrever pela razão simples de que, na escola, não se ensina a escrever”*<sup>1</sup>

É, então, uma das funções da escola, ensinar o(a)s aluno(a)s a escrever.

Ao nível das 3ª e 4ª classes a competência gráfica (desenho/inscrição dos sinais (letras) já deve estar completamente adquirida. O mesmo se passa relativamente à competência ortográfica (normas para a representação das palavras), ainda que esta deva continuar a ser alvo de reflexão e trabalho, com vista à sua consolidação plena.

<sup>1</sup> Fernanda Irene Fonseca (1991), “A urgência de uma Pedagogia da Escrita” – comunicação II Jornadas de Formação de Professores, Viseu, (Universidade Católica Portuguesa).

Assim, o grande trabalho a desenvolver nestas fases será ao nível da competência compositiva, ou seja, ensinar os alunos combinar as palavras para formar textos, de acordo com as diversas intenções comunicativas.

No caderno de actividades são propostas actividades de escrita, geralmente relacionadas com os temas dos textos da unidade, que apelam à imaginação e à construção de vários tipos de texto, através de sugestões que ajudam à planificação e estruturação das ideias.

Até à autonomia plena em termos de expressão escrita, que, desejavelmente, será progressivamente atingida, há um longo caminho a percorrer por cada aluno(a), que deverá, em cada uma das fases do processo, ser devidamente acompanhado pelo(a) seu/sua professor/a.

Assim, **é fundamental o papel a desempenhar pelo(a)s docentes junto dos alunos**, desde as actividades de pré-escrita (conjunto de actividades orais e/ou escritas tendentes a forjar o “conhecimento do mundo” prévio à prática escrita da língua ou a reactivar elementos de “enciclopédia” do aprendente relativos ao tópico/assunto sobre o qual se lhe pede que ele escreva e elaboração do plano), passando pelas actividades de textualização ( processo de estruturação das ideias e composição das palavras em texto) e, finalmente, pelas actividades de revisão e aperfeiçoamento textual, até à produção final (“obra-prima”).

**Implicações para o processo de ensino-aprendizagem:****Actividades de pré-escrita**

Para escrever, o aluno terá que “ter assunto” e vocabulário que lhe permita “passar para o papel” as suas ideias.

Assim, o professor terá necessidade de prever um dispositivo pedagógico capaz de colocar o/ aluno(a), em fase prévia à produção do texto escrito, em posição de:

- Evocar o conhecimento de que dispõe relativamente ao assunto sobre o qual deverá escrever;
- Adquirir informação nova sobre esse mesmo assunto (se a que tiver for pouca ou mesmo inexistente);
- Aprender a processar a organização da informação de que se vai apropriando, através da selecção e hierarquização das noções (e respectivas relações) a versar no texto.

Para a consecução destes objectivos, pode o/a professor/a prever vários tipos de microestratégias de ensino:

- A transmissão directa da informação aos alunos, caso haja condicionalismos que o justifiquem (natureza da informação a fornecer, carência de recursos técnicos e tecnológicos,:), procurando sempre ter em atenção as possíveis intervenções que o/as aluno(a)s vão fazendo, tornando-os “co-construtores” da informação que passa a estar disponibilizada para todos;
- A pesquisa de informação pelos aprendentes, através da consulta - tomada de notas e elaboração de fichas de leitura - de textos escritos (de imprensa, de ficção - poesia ou prosa - , de divulgação científica, etc.) ou de textos transcritos, assim como a utilização de fontes orais - entrevistas, diálogos informais ...;
- O visionamento, pelo(a)s aluno(a)s de fotografias, filmes, diapositivos e a leitura de esquemas, diagramas, etc.;
- A construção interactiva, no grupo-classe, de discursos que representem experiências pessoais, impressões, memórias, numa atitude de permuta de informação entre os “saberes” diversos e diferentes dos aluno(a)s. ...). Nestes casos, aconselha-se os professores a envolverem, o mais possível, os aprendentes, fomentando o diálogo com eles e entre eles, no sentido de se ir enriquecendo a natureza das ideias e o vocabulário que permitirá que elas sejam convertidas em texto. O professor irá registando no quadro as ideias que forem surgindo, estimulando sempre os alunos a alargar o seu vocabulário passivo.

Qualquer que seja a microestratégia pela qual opte o/a professor/a (pode, inclusivamente, optar por mais do que uma estratégia, com vista a um maior enriquecimento do texto a produzir pelo(a)s aluno(a)s), é importante que tenha em conta a necessidade de se irem organizando os conhecimentos prévios e a informação nova que vai sendo adquirida. Assim, recorrendo a processos de negociação com o(a)s aluno(a)s, o professor vai elaborando no quadro um “esquema de conteúdo” (“mapa semântico”), no qual ficam devidamente registadas as noções verbalizadas, assim como as possíveis relações a serem estabelecidas entre tais noções, no âmbito do domínio

de referência que vinha sendo trabalhado, tendo em vista a produção de texto por parte do(a)s aluno(a)s.

A construção dos “esquemas de conteúdo”, para além de contribuir para uma aprendizagem significativa de novos vocábulos (o enriquecimento do léxico é conseguido através da utilização de sinónimos, antónimos, perífrases, etc.), desenvolve no(a)s aluno(a)s a capacidade para estabelecerem princípios organizadores das informações que forem resultando da negociação no interior do grupo-classe.

Apresenta-se, a título de exemplo, um “esquema de conteúdo” organizado em torno do conceito de *Poluição*: trata-se de um conjunto de noções organizadas de acordo com um conjunto de relações entre si, e entre o tópico e essas mesmas relações.

#### Esquema de conteúdo – tópico: poluição



(Nota: O presente esquema de conteúdo foi inspirado por P. Carrel, 1990).

A partir daqui, ou seja, após “construído” o conteúdo a versar no texto em projecto, torna-se necessário determinar outras variáveis a ter em conta em qualquer processo de escrita: i) o tipo de texto a produzir (poema, história, notícia, carta,...); ii) a identidade do destinatário a quem se vai escrever; iii) o objectivo comunicativo que se tem em vista no acto de escrita em questão (Escrever para quê?) iv) o “onde” e o “quando” da enunciação.

Definidas estas variáveis com o(a)s aluno(a)s, diversos tipos de texto podem ser produzidos. Por exemplo, o tópico “Poluição” (e o respectivo esquema de conteúdo), poderá dar origem, entre outros, a i) um discurso apelativo para intervenção pública no combate contra o mal social em questão; ii) um poema para ser cantado ou apenas recitado ao som de qualquer melodia, como forma de sensibilização para os perigos de destruição do ambiente.

Qualquer que seja a opção do tipo de texto a produzir, importa que o/a aluno(a) desenvolva, **devidamente orientado pelo professor/a até o conseguir fazer autonomamente**, a sua capacidade de elaborar um plano-guia, espécie de “fio condutor” do processo textual a levar a cabo; o plano-guia será elaborado de acordo com a natureza do discurso a produzir.

A título exemplificativo, apresenta-se uma proposta de plano-guia de um texto informativo relativo ao “esquema de conteúdo” anteriormente apresentado relativo ao tópico *Poluição*.

### **Plano-guia de um texto informativo relativo ao tópico “poluição”**

#### **Título**

1.º Parágrafo – 1. *Introdução*: situação actual do planeta no que toca à poluição

2.º Parágrafo – 2. *Tipos de poluição*

2.1. Sonora

2.1.1. nas fábricas e noutros locais de trabalho

2.1.2. nas ruas

2.1.3. nas discotecas e noutros locais de divertimento

3.º Parágrafo

2.2. Química

2.2.1. viciação da atmosfera por gases tóxicos

2.2.2. contaminação dos rios e mares por productos tóxicos

2.2.3. contaminação de produtos alimentares por insecticidas

4.º Parágrafo

2.3. Nuclear

2.3.1. dificuldades na eliminação de resíduos radioactivos

2.3.2. contaminação radioactiva de águas, produtos agrícolas, etc., na sequência de acidentes em centrais nucleares

5.º Parágrafo – 3. *Causas da poluição*

3.1. ausência de políticas ambientais nas fases de expansão industrial e ainda hoje

3.2. interesses económicos de vulto

3.3. falso conceito de progresso

3.4. ausência de educação cívica e moral

3.5. ambição pelo lucro fácil

6.º Parágrafo – 4. *Consequências da poluição*

4.1. degradação da Natureza

4.2. degradação da qualidade de vida

- 4.3. doenças
- 4.4. formação do buraco de ozono
- 4.5. efeito estufa: aquecimento do planeta

7.º Parágrafo – 5. *Luta contra a poluição: acções propostas*

- 5.1. reflorestação de montanhas devastadas pelo fogo
- 5.2. recurso a formas tradicionais de tratamento de vegetais
- 5.3. “reciclagem” de lixos e de resíduos tóxicos
- 5.4. despoluição de rios e praias
- 5.5. educação e sensibilização das populações para a necessidade de preservar e proteger a Natureza
- 5.6. empenhamento da Escola na formação dos educandos para os valores da cidadania, no sentido de os levar a respeitar os homens e a Natureza que lhes dá vida

8.º Parágrafo – 6. *Conclusão*

- 6.1. outras “doenças” sociais do fim do século
- 6.2. o Homem e os seus projectos de vida

### **Actividades de textualização**

Nesta fase – a fase de passar à construção textual – há que combinar as palavras e as frases elaboradas para dar origem ao texto. De acordo com o tipo de texto a produzir, há que:

- decidir se se vão integrar todas os conteúdos gerados ou não;
- em caso afirmativo, articulá-los de forma coerente, com os restantes elementos do texto;
- dar-lhes uma expressão linguística para figurarem no texto, respeitando as exigências de coesão e coerência.

A produção de texto por parte do(a)s aluno(a)s poderá ser feita individualmente, a pares ou no colectivo, de acordo com as necessidades de cada classe, devidamente identificadas pelo/a professor/a(a), tendo em vista a formação de “crianças produtoras de texto”.

Se as crianças revelarem grandes dificuldades de escrita, é importante que as actividades de textualização se processem através da negociação oral, no colectivo constituído pelo grupo-classe, com registo escrito subsequente no quadro, após selecção consensual das unidades linguísticas mais apropriadas.

Nesta situação, **é fundamental o papel do professor/a**. Este(a) tem, assim, a possibilidade de contrariar a tendência natural das crianças para a aplicação de estratégias de estruturação centradas apenas ao nível da frase simples. O trabalho colectivo – enquanto actividade de interacção oral – permite o “pensar em voz alta”, o qual permite: i) a intervenção reguladora do/a professor/a(a), no sentido de reorientar as propostas e/ou hipóteses do(a)s aluno(a)s, explicando o porquê de tais reajustamentos; ii) a observação, negociação e aplicação de unidades linguísticas em função de uma prática que se vai cumprindo em simultâneo com a reflexão sobre essa mesma prática.

Neste processo, o/a professor/a(a) poderá trabalhar aspectos relacionados com o modo de funcionamento da língua – nomeadamente de tipo lexical ou morfossintáctico –, assim como os articuladores de discurso e os sinais de pontuação mais adequados, com vista à produção de frases

progressivamente mais complexas, tendo em vista a progressão lógica das ideias e a construção de textos mais ricos e gratificantes para os próprios alunos.

À medida que o(a)s aluno(a) forem ficando mais confiantes e autónomos relativamente à capacidade de expressão escrita, poderão começar a trabalhar individualmente ou a pares, de acordo com a intencionalidade do/a professor/a(a) e a especificidade da classe.

Também nesta situação, é fundamental que o/a professor/a(a) continue a acompanhar o processo de construção textual, circulando pela sala, numa constante interacção com o(a)s aluno(a)s, o que permite um apoio mais individualizado aos que têm mais dificuldades, através da correcção oral e contínua, promovendo um efectivo empenhamento do(a)s aluno(a)s na aprendizagem.

**Actividades de revisão e aperfeiçoamento textual**

Nesta fase, o que se pretende é que o(a)s aluno(a)s, **devidamente orientado(a)s pelo(a) seu/sua professor/a**, façam a revisão dos seus textos e consequente aperfeiçoamento, reescrevendo-os de forma a superar as lacunas detectadas. Assim, pode mesmo considerar-se que a correcção será o momento fulcral no processo de ensino-aprendizagem da escrita. Esta afirmação pode parecer estranha se a correcção da escrita se centrar apenas no texto-produto. Com efeito, na correcção escrita tradicional, o texto é visto pelo/a professor/a(a), que nele assinala determinados erros ou incorrecções, faz alguns comentários escritos, atribui uma classificação e entrega-o ao/a aluno(a), que raras vezes se debruça, de novo, sobre ele. Este tipo de correcção não contribui minimamente para a construção de uma pedagogia da escrita motivadora: ao/a aluno(a) raras vezes se dá a possibilidade de refazer o seu texto com base em indicações do/a professor/a(a) e num acompanhamento personalizado. A correcção deve estar ao serviço de uma aprendizagem contínua e programada, deve tornar-se no cerne de uma aprendizagem da escrita que privilegia o texto-processo em detrimento do texto-produto.

Assim, a correcção será um momento intermédio de um processo: ao/a aluno(a) deve ser facultada a possibilidade de analisar as incorrecções assinaladas ( o/a professor/a pode combinar com o(a)s aluno(a)s marcas de correcção para assinalar os diversos tipos de erros detectados), de as discutir com o/a professor/a(a) ou com o(a)s colegas, de reescrever o texto, em parte ou na totalidade, até chegar à “obra-prima”.

Apresentam-se a seguir, como forma de melhor clarificar o que vem sendo dito, os objectivos da correcção e alguns conselhos para a melhorar, propostos por Daniel Cassany<sup>2</sup>

**OBJECTIVOS DA CORRECÇÃO**

1. Informar o aluno sobre o seu texto.
  - 1.1. Dar-lhe uma impressão global.
  - 1.2. Dar-lhe uma informação precisa sobre algum aspecto concreto (ortografia, léxico, gramática, originalidade, etc.).
  - 1.3. Marcar-lhe os erros que cometeu.
  - 1.4. Dar-lhe as soluções correctas para estes erros.
2. Conseguir que modifique o seu texto.
  - 2.1. Dar-lhe instruções gerais para o melhorar.
  - 2.2. Dar-lhe instruções precisas para reformular um ponto.
  - 2.3. Dar-lhe instruções para que corrija as faltas.
3. Que o aluno melhore a sua escrita.
  - 3.1. Que aprenda com os erros que cometeu.
  - 3.2. Que aprenda com a apreciação geral que fez.
  - 3.3. Que o aluno aprenda gramática e ortografia.
4. Modificar o comportamento do aluno ao escrever.
  - 4.1. Desenvolver as suas estratégias de composição.
  - 4.2. Incrementar a consciência sobre esse facto.
  - 4.3. Aprender novas técnicas de redacção.
  - 4.4. Aprofundar um tema.

<sup>2</sup> Daniel Cassany (1996), *Reparar la Escritura – Didáctica de la Corrección de lo Escrito*, Barcelona: Graó.

## CONSELHOS PARA MELHORAR A CORRECÇÃO

PARA O PROFESSOR<sup>(48)</sup>

|                                                                                                                                                                                                                                                    |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1. Corrija somente o que o aluno possa aprender. Não vale a pena gastar tempo a corrigir coisas para as quais o aluno não está preparado.                                                                                                          |
| 2. Corrija enquanto o aluno tem fresco o que escreveu; ou seja, no momento em que escreve ou pouco depois. Não deixe passar muito tempo entre a redacção e a correcção.                                                                            |
| 3. Se possível, corrija as versões anteriores ao texto, os rascunhos, os esquemas, etc. Lembre-se que esta atitude é muito mais vantajosa do que corrigir somente a versão final.                                                                  |
| 4. Não faça todo o trabalho da correcção. Deixe algum para os seus alunos. Em alguns casos pode marcar as incorrecções no texto e pedir-lhes que procurem eles próprios a solução correcta.                                                        |
| 5. Dê instruções concretas e práticas e deixe-se de comentários vagos e gerais. Por exemplo, <i>rescreve o texto, amplia o terceiro parágrafo, escreve frases mais curtas...</i> Escreva ou diga coisas que o aluno possa compreender rapidamente. |
| 6. Arranje tempo para que na aula os alunos possam ler e comentar as suas correcções. Assegure-se de que as lêem e aproveitam com elas.                                                                                                            |
| 7. Se lhe for possível, fale individualmente com cada aluno. Corrija oralmente os trabalhos escritos deles. É mais prático e seguro.                                                                                                               |
| 8. Forneça instrumentos para que o aluno se possa autocorrigir; ensine-lhe a manusear dicionários e gramáticas, dê-lhes pistas sobre os tipos de erro que cometeram, estimule-os para que revejam os seus escritos...                              |
| 9. Não tenha pressa em corrigir tudo. Arranje tempo para corrigir com consciência cada escrito. Assegure a qualidade da correcção, embora a quantidade se ressinta com isso.                                                                       |
| 10. Utilize a correcção como mais um recurso didáctico e não como uma obrigação. Utilize técnicas de correcção variadas. Adapte-as às características de cada aluno.                                                                               |

Uma actividade importante, no final da produção do texto e após a sua correcção e aperfeiçoamento, é que a criança leia aos colegas o que escreveu. Esta actividade permite que ela atribua um significado e uma funcionalidade à escrita, fundamentais para promover o gosto pela escrita.

Por outro lado, os textos escritos pelo(a)s aluno(a)s poderão ser aproveitados para ser trabalhados na aula, à semelhança dos textos de autor do manual, podendo, por exemplo, organizar a turma em grupos: um elabora perguntas de interpretação, outro elabora exercícios de funcionamento da língua, outro elabora exercícios de ortografia e vocabulário. No final, toda a turma resolve os enunciados realizados.

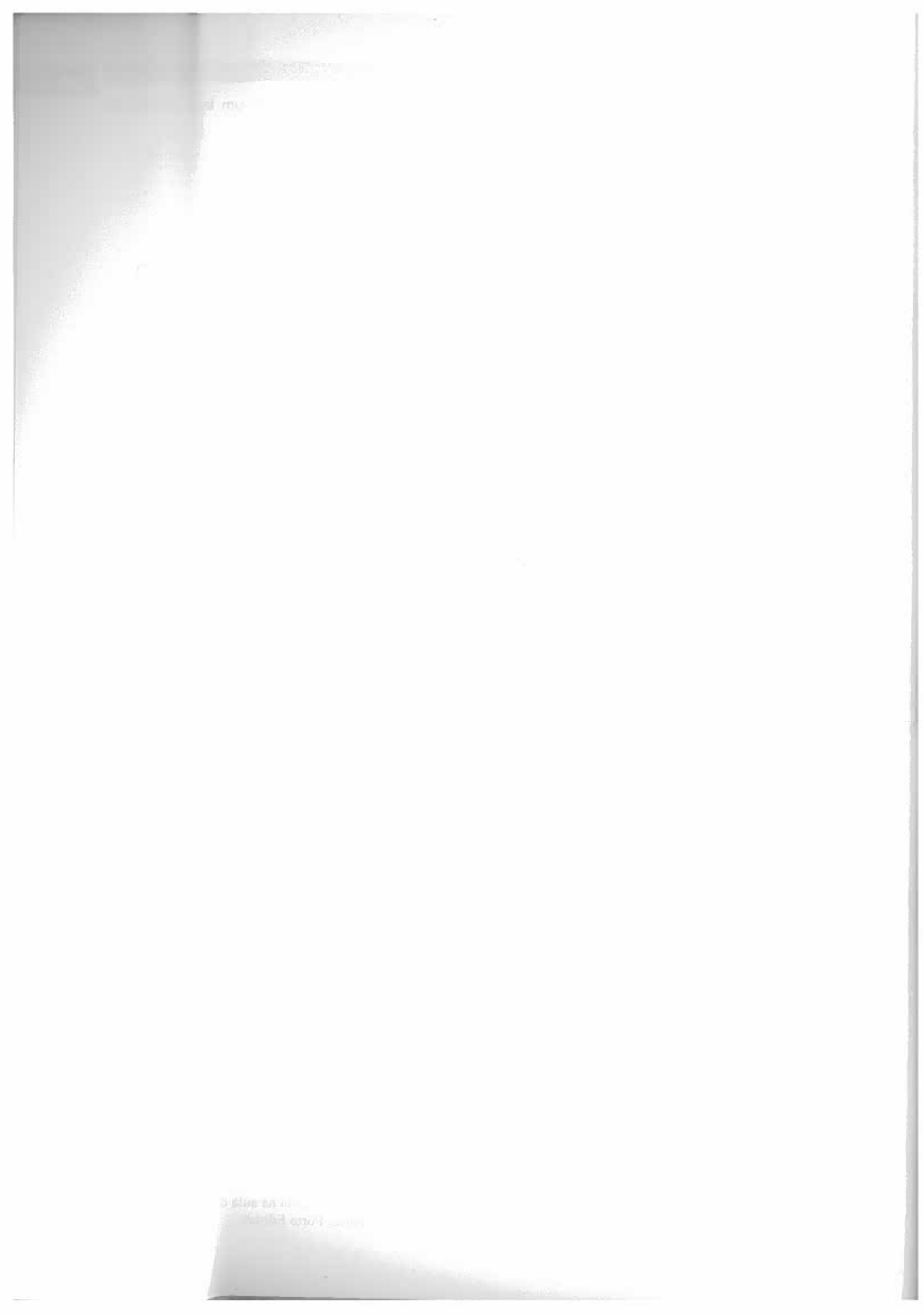
Enquanto documento de consulta, propomos ainda aos/às docentes um instrumento de auto-orientação da avaliação de textos escritos<sup>3</sup>.

### INSTRUMENTO DE AUTO-ORIENTAÇÃO DA AVALIAÇÃO DE TEXTOS ESCRITOS

|                           | Texto globalmente considerado                                                                                                                                                                                                    | Relação entre frases                                                                                                                                                                                                  | Frase                                                                                                                                                                                                                   |
|---------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Pragmática</i>         | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Adequação do tipo de texto à situação: carta, anúncio...</li> <li>• Eficácia do acto comunicativo</li> </ul>                                                                            | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Condução do leitor assegurada pela utilização de organizadores textuais: (primeiro, em seguida...)</li> <li>• Progressão da informação (meta-regra da progressão)</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Variedade na construção de frases</li> <li>• Utilização de processos para pôr em relevo a informação principal</li> </ul>                                                      |
| <i>Semântica</i>          | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Qualidade da informação (pertinente ao tópico)</li> <li>• Vocabulário e registo de língua adequados</li> </ul>                                                                          | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ausência de contradição (meta-regra da contradição)</li> <li>• Substitutos lexicais apropriados</li> <li>• Eficácia dos articuladores interfrásicos</li> </ul>               | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Léxico adequado, sem imprecisões, nem confusões</li> <li>• Carácter de aceitabilidade semântica das frases</li> </ul>                                                          |
| <i>Morfossintaxe</i>      | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Correspondência entre modo de organização e tipo de texto</li> <li>• Adequação do sistema dos tempos verbais ao tipo de texto</li> <li>• Domínio do valor dos tempos verbais</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Utilização dos artigos definidos...</li> <li>• Utilização dos tempos verbais de modo correcto</li> <li>• Utilização adequada das regras da concordância</li> </ul>           | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Carácter de aceitabilidade gramatical da sintaxe da frase</li> <li>• Domínio da morfologia verbal (ausência de erros de conjugação)</li> <li>• Correção ortográfica</li> </ul> |
| <i>Aspectos materiais</i> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Organização satisfatória no espaço da escrita</li> </ul>                                                                                                                                | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Organização adequada da segmentação das unidades do discurso</li> <li>• Pontuação adequada</li> </ul>                                                                        | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Domínio da pontuação frásica (vírgulas, parêntesis...)</li> <li>• Uso adequado das maiúsculas</li> </ul>                                                                       |

**Nota:** Como é explicitado pela própria designação, as sugestões metodológicas são apenas propostas de modos de trabalhar que poderão, e deverão, ser complementadas e enriquecidas com o conhecimento e a experiência profissional de cada docente, bem como adequadas ao respectivo contexto específico de trabalho e de cada grupo de alunos.

<sup>3</sup> Odete Santos (1994), Um modelo de estratégia de ensino-aprendizagem da escrita na aula de língua materna, in Fernanda Irene Fonseca (org.), *Pedagogia da Escrita – Perspectivas*, Porto: Porto Editora.





# **MATEMÁTICA**

## 1\_ As Instituições

O professor deve começar por fazer uma revisão dos assuntos tratados nas classes anteriores, necessários para a continuação dos trabalhos.

Começa por recordar a numeração, contagens e representação de quantidades.

O aluno deve escrever números no sistema de numeração decimal e explicar o mecanismo de posição. Aproveitando os numerais escritos pelos alunos o professor recorda as ordens e classes já estudadas, unidades e milhares, e as relações que existem entre eles.

No Caderno de Actividades os alunos resolvem exercícios, onde explicam o valor de posição de um algarismo num número, escrevem sequências numéricas e representam números, decompondo-os na forma de uma adição de parcelas, onde cada uma delas indica o valor do algarismo na ordem que representa.

Em seguida os alunos trabalham com o professor a classe dos milhões e resolvem várias questões, apresentadas no Caderno de Actividades, sobre este assunto, comparando valores, preenchendo espaços ou escrevendo números.

Por fim, o professor lembra o conceito de regularidade numérica encontrado nas contagens que fazem, por exemplo, de 2 em 2.

Encontram a lei que explica uma dada sequência numérica e continuam-na. Há um padrão para cada uma dessas sequências. Uns são mais fáceis de encontrar do que outros. No Manual estão registados alguns deles.

No Caderno de Actividades o aluno consolida os conhecimentos sobre padrões e regularidades numéricas preenchendo espaços, encontrando o padrão e continuando sequências de números.

## **2\_ A Localidade**

Os alunos recordam com o professor o conceito de divisão exacta, já estudado anteriormente, apresentado a partir de uma situação de agrupamento de botões.

Na sequência dessa situação aparece uma outra, também com botões, onde já aparece resto. Estamos perante o conceito de divisão inteira. O professor pede aos alunos que efectuem uma divisão e, no final, pede que façam a verificação do resultado obtido, através da multiplicação.

No Caderno de Actividades os alunos preenchem as igualdades relativas aos produtos que nos indicam a forma como considerámos a disposição dos botões no cartão, em coluna ou em linha.

Preenchem quadros com os valores que representam as situações descritas nos desenhos e efectuem divisões, encontrando quocientes a partir dos valores de tabelas preenchidas anteriormente.

Em seguida, os alunos fazem a verificação dos resultados obtidos e resolvem problemas onde aplicam o que aprenderam.

## **3\_ Actividades Económicas**

O professor leva para a aula alguns modelos de sólidos geométricos, de madeira ou de plástico, que faz passar pelas mãos das crianças para que se familiarizem com o material. Após os minutos de excitação inicial das crianças o professor chama a atenção para os pontos ou bicos que a maioria dos modelos tem e diz que se chamam vértices, mostrando-os no material de que dispõe. A linha onde se juntam duas superfícies forma a aresta e as superfícies são as faces, como está indicado no desenho do manual.

Para melhor fazer compreender aos seus alunos estes conceitos o professor leva para a sala umas palhinhas de refresco ou pauzinhos, todos do mesmo tamanho, e um pouco de plasticina e constrói um cubo com os alunos, como está proposto no Caderno de Actividades.

No final da construção contam as faces, os vértices e as arestas e preenchem esses valores no exercício apresentado no Caderno de Actividades.

Com papel ou outro material os alunos constroem 6 quadrados todos iguais e juntam-nos de forma a poderem armar um cubo, colando-os com fita adesiva.

Cada aluno deve construir um. Se não houver tesouras suficientes o professor deve levar para a sala os quadrados já cortados. O desenho da figura que construíram no plano é uma planificação do cubo.

O professor deve aproveitar para explorar com os alunos algumas ou todas as 11 planificações do cubo. No Manual aparecem desenhadas algumas dessas planificações e os alunos devem recortar as que estão no Caderno de Actividades para descobrirem quais são e quais não são.

Dado que este esquema se aplica à construção de outros modelos de sólidos, o professor deve chamar a atenção dos alunos para esse facto e pedir que resolvam as questões apresentadas no Caderno de Actividades, identificando faces e preenchendo tabelas com o número de faces, vértices e arestas de cada um dos modelos desenhados.

Se for necessário, o professor deve fornecer modelos de sólidos idênticos, para que os alunos possam visualizar as situações propostas para resolução.

Cada aluno fica com uma planificação de um cubo, que vai utilizar na questão 2 do Caderno de Actividades, para construir um dado, pintando as pintas adequadas em cada uma das faces e utilizando-o para responder às questões propostas.

A partir do desenho de uma das faces o aluno vai pensar numa decoração para lhe fazer, de forma que apresente um padrão geométrico. O professor deve lembrar o que significa a palavra padrão e que já construíram padrões numéricos. Neste caso, os padrões são geométricos e a tarefa consiste em repetir uma forma ou desenho, sempre da mesma forma, enchendo o espaço que houver. No manual aparecem alguns exemplos de padrões e de frisos que se comportam como se de um padrão se tratasse.

No Caderno de Actividades os alunos devem identificar padrões, criar padrões e completar frisos, tendo sempre presente o conceito de cada um deles.

#### **4\_ Os Transportes e as Comunicações**

Nesta unidade os alunos vão aprender a identificar partes de uma unidade e a relacionar este conceito com o que acontece ou se deparam no seu dia a dia.

No manual aparecem várias situações de metade, da terça parte, da quarta parte ... até à décima parte.

O professor deve ajudar os alunos a perceber estes conceitos. Para isso, pode recorrer-se de material que concretize as várias situações. Esses materiais podem ser um bolo, um chocolate, frutos, queijo ou desenhos geométricos, como aparecem no Caderno de Actividades. No caso da divisão da unidade em 10 partes iguais obtemos, então, para cada parte um décimo ou a décima parte. Aparecem assim as décimas, uma nova ordem do sistema de numeração decimal.

A partir de agora já podemos falar de valores menores do que a unidade. No nosso sistema de numeração decimal os valores das unidades separam-se dos das décimas por uma vírgula, que assinala a parte decimal.

#### **5\_ Os Transportes e as Comunicações**

Nesta unidade o professor deve começar por representar um número em décimas, escrevendo-o por extenso, como aparece no Manual. Em seguida, explica, numa recta numérica que deve desenhar no quadro, onde se posiciona o número que representou, mostrando que cada unidade está dividida em 10 partes e cada parte é uma décima ou a décima parte da unidade. Assim, para representar 18 décimas o aluno terá de contar 18 espaços a partir do zero e marcar o número.

Depois dos alunos perceberem como se processa esta marcação devem resolver as questões do Caderno de Actividades, para consolidarem esta forma de representação.

Lembrando que já falaram na unidade anterior da classe das décimas, o professor mostra como se dispõem as ordens, para a direita da vírgula e diz a sua designação; Décima, Centésima e Milésima, conforme as divisões da unidade se fazem em 10, 100 ou 1000 partes.

Para uma melhor aprendizagem deste tipo de representações, os alunos consultam o manual e resolvem as questões relacionadas com o tema no Caderno de Actividades, escrevendo números, representando-os numa recta graduada ou comparando-os quanto à sua ordem de grandeza.

## **6\_ Saúde e Segurança**

Após a introdução dos números decimais e sua representação, na última unidade, o professor vai agora introduzir as operações com decimais. Para isso, começa por recordar a adição e a subtracção com números inteiros, pedindo a alguns alunos que vão ao quadro e efectuem operações de adição e de subtracção.

Como as situações de trabalho devem ser concretas, vamos usar números decimais relacionados com a medição de comprimentos, pelo que o professor deve começar por rever as equivalências entre elas, ou seja, a forma de representar as medidas dos mesmos comprimentos, usando múltiplos ou submúltiplos da unidade principal. Os alunos consultam o Manual no que diz respeito à adição de número decimais, seguindo em conjunto com o professor uma situação de cálculo do perímetro de um terreno quadrangular.

O professor chama a atenção para a forma de realizar a adição: partes inteiras debaixo de partes inteiras e partes decimais da mesma forma.

Em seguida resolvem no Caderno de Actividades várias situações de adição de números decimais. O mesmo se passa quanto à subtracção de números decimais, em que o algoritmo se efectua da mesma forma.

Na questão 2, dos problemas, as medidas dos comprimentos dos lados dos polígonos têm de ser todas convertidas na mesma unidade, para se efectuar a operação. Esta é uma situação em que o professor deve chamar a atenção dos alunos para o procedimento a realizar, antes de efectuarem o cálculo.

### **7\_ Os Seres Vivos e o Ambiente**

Embora já tenha sido estabelecida a diferença entre Massa e Peso, em ano anterior, é sempre conveniente que o professor a recorde aos seus alunos antes de retomarem este tema. Os alunos devem saber que a unidade principal de medida de massa é o grama, com múltiplos e submúltiplos, mas que também há outras unidades de medida que têm a ver com a massa de objectos de grandes dimensões. Nesses casos, usa-se mais frequentemente o quintal ou a tonelada, como no café e no cacau.

No Caderno de Actividades, os alunos resolvem várias situações em que determinam a massa de objectos e representam os valores encontrados em medições, de acordo com as unidades de medida. Na resolução de problemas os alunos encontram essencialmente situações de cálculo de custos de compras diárias, tendo em conta o peso das quantidades a adquirir.

### **8\_ O Território**

O desenvolvimento desta unidade deve começar por uma conversa do professor com os alunos, no sentido de os motivar a falar da construção do novo liceu, como será, como gostariam que fosse e o que é preciso fazer até iniciar a sua construção. Certamente vem à conversa o desenho que é preciso fazer do edifício.

Surge aqui a oportunidade para o professor introduzir a noção de planta de um edifício. O professor pede aos alunos que consultem o Manual e levantem as dúvidas que tiverem sobre o que é uma planta.

Ultrapassada essa fase o professor pede aos alunos que respondam às questões do Caderno de Actividades, relacionadas com este assunto, nomeadamente a questão da construção da planta da sala de aula e a marcação da posição do aluno face à planta.

Da conversa estabelecida surge a ideia do ângulo que as paredes das salas fazem entre elas. O professor deve aproveitar para pedir que identifiquem na sala de aulas situações de ângulos, formados por linhas perpendiculares ou outras. Aparece, assim, a forma de introduzir o conceito de ângulo e os tipos de ângulos que existem, recto, agudo e obtuso.

Para consolidação destes conceitos os alunos resolvem no Caderno de Actividades as questões relacionadas com a noção de ângulo e os tipos de ângulos, identificando-os em figuras geométricas.

Os alunos devem usar o esquadro, com a ajuda do professor, para desenhar os 3 tipos de ângulos e para os distinguir.

Na sequência da realização destas tarefas, o professor deve traçar no quadro um quadrado ou um rectângulo, com a ajuda do esquadro e de uma régua.

Em seguida, pede aos alunos que reproduzam a figura traçada no quadro no caderno diário, com a ajuda de uma régua e de um esquadro.

Estas situações de manipulação de meios auxiliares de traçado de figuras geométricas são muito importantes para o desenvolvimento da destreza das crianças e fá-las adquirir o gosto pelo desenho.

Após todas estas actividades, realizadas na aula, o professor prepara com as crianças a construção de um círculo, com a ajuda de um fio, um prego e um lápis. O traçado deve ser feito no quadro e com os alunos a olharem para verem como o professor faz e então, a seguir, tentarem eles próprios realizar esse traçado. É uma actividade que está explicada no Manual e que deve ser preparada e acompanhada pelo professor, para ter êxito. É também muito importante que o professor distinga, com as crianças,

círculo de circunferência, falando da linha (circunferência) e da região limitada pela linha (círculo). Após este trabalho conjunto as crianças traçam um círculo no Caderno de Actividades.

Para terminar, o professor deve aproveitar para referir aos alunos que é possível determinarem as áreas das superfícies que construíram, usando unidades de medida de área ou, no caso dos terrenos agrícolas ou para construção, as unidades agrárias. Estas últimas são quatro mas, normalmente, usam-se apenas o are e o hectare.

## 9\_ Terra no Espaço

O estudo deste tema deve iniciar-se com uma revisão sobre a multiplicação de números inteiros, já aprendida em anos anteriores, lembrando o algoritmo. O professor deve programar várias multiplicações, que escreve no quadro, e pedir aos alunos que venham resolvê-las, para que recordem a técnica de cálculo.

No Manual aparecem várias situações com números decimais, que se resolvem com produtos, embora inicialmente se traduzam por uma adição de parcelas iguais.

Em conjunto com os alunos o professor deve explorar todas as situações apresentadas de uma multiplicação com números decimais, explicando a forma como se chega às regras de cálculo, nos casos gerais e nos particulares como 10, 100, 1000 ou 0,1; 0,01 ou 0,001.

As situações apresentadas no Manual surgem sempre associadas a situações concretas, para mais facilmente despertarem o interesse dos alunos.

Para consolidar as aprendizagens aparecem, no Caderno de Actividades, propostas para os alunos efectuarem vários produtos e respectivos algoritmos, aplicando as regras para a multiplicação de número decimais.

Como aplicação deste conceito aparecem no Caderno de Actividades vários problemas, onde se aplica a multiplicação de números decimais, para determinar valores em dinheiro, peso, ou medida.

No final desta unidade os alunos devem aplicar os conhecimentos sobre unidades de medida da área de terrenos, adquiridos anteriormente, realizando equivalências entre unidades agrárias e unidades de área e vice versa e resolvendo problemas relativos ao custo de terrenos com áreas de construção ou cultivo, apresentados no Caderno de Actividades.

## **10\_ Património Cultural, Língua e Tradição**

De forma análoga ao que se sugeriu para a multiplicação de número decimais, deve acontecer uma revisão sobre o conceito de divisão e formas de cálculo do quociente, em situações variadas.

Esta revisão é da responsabilidade do professor, que a fará com os alunos, de forma adequada aos resultados que eles forem apresentando. Em seguida, os alunos consultam o Manual e, em grupo, analisam a primeira situação proposta, em que se utiliza a formação de grupos de 100, de 10 e de 1 unidade para distribuir uma determinada quantidade por um número de crianças.

O esquema apresentado facilita a compreensão do processo de cálculo, mostrando como nos casos em que não é possível repartir centenas, dezenas e unidades, separadamente, o podemos fazer agrupando algumas e dividindo-as a seguir, obtendo no final o número de grupos de 10, o número de grupos de 1 e o resto, caso exista.

No Caderno de Actividades os alunos realizam divisões entre números decimais, verificando o que acontece em cada um dos casos. O professor deve acompanhar os alunos nesta unidade, de uma forma muito atenta, dada a complexidade dos casos de divisão que aparecem e das regras de procedimento a seguir.

Nos problemas temos situações de compra/venda onde aparecem as unidades de massa (peso), de comprimento ou simplesmente quantidades a repartir. Os casos de

divisão devem ser consultados no Manual pelos alunos e compreendido o seu funcionamento, para poderem aplicar as regras na resolução das situações previstas no Caderno de Actividades.

### 11\_ Património Natural

O professor deve começar por exemplificar aos alunos a diferença entre volume e capacidade, utilizando material concreto que leva para a sala de aulas. Pode usar água ou areia. Em conjunto com os alunos devem analisar o conteúdo do Manual e fazê-los perceber a existência das unidades de medida de volume e também das de capacidade, consultando os esquemas apresentados para representar  $1\text{dm}^3$ ,  $1\text{cm}^3$  e  $1\text{l}$ . Deve chamar a atenção para o facto da capacidade de um recipiente se medir como sendo o volume interno desse recipiente. Há, portanto, uma diferença entre o valor do volume e o da capacidade de um dado recipiente, mesmo que seja mínima.

O professor deve referir aos alunos quais são as unidades de medida usadas para determinar a capacidade de um recipiente e dar a conhecer que há múltiplos e submúltiplos dessas unidades.

No Caderno de Actividades os alunos devem estabelecer igualdades entre valores representados em diferentes unidades, compará-los, determinar a medida de volumes, por contagem de unidades de medida, e relacioná-las entre si. O professor deve estar sempre presente nestas actividades dos alunos para poder explicar e ajudar a resolver as situações propostas no Caderno de Actividades.

O professor deve ainda incentivar os alunos a completarem as igualdades que se encontram no Caderno de Actividades, relativas à equivalência entre unidades de medida de volume e unidades de medida de capacidade, e explorar com toda a turma as situações problemáticas propostas, onde se aplicam os conhecimentos relativos às operações com números decimais, os conceitos e as unidades de medida de volume e de capacidade.



**MEIO FÍSICO  
E SOCIAL**

С. 100  
С. 101

## 1\_AS INSTITUIÇÕES

estes dados  
estão na constituição

### Órgãos de soberania nacional e suas funções

A sociedade, tal como o aluno a vivencia na actualidade, não esteve sempre organizada da mesma forma. É por isso importante referir que a realidade social de São Tomé e Príncipe também sofreu grandes mudanças, sobretudo após a independência.

Será oportuno esclarecer o significado de termos como: independência, república, democracia, soberania e outros que considere necessário.

Deverá esclarecer os alunos sobre o significado e importância da Constituição Política do País.

Após estas explicações poderá então solicitar a leitura da informação do Manual, fazendo pausas sempre que necessário para esclarecer dúvidas e colocar questões.

Algumas dessas questões poderão ser:

- Que cargo foi criado na Constituição de 1987?
- Quais as funções do Presidente da República?
- Onde funciona a Assembleia Nacional Popular e o que é aí decidido?
- Porque será tão importante que cada País tenha a sua bandeira? Porque serão todas diferentes?

### Actividade 1

Recolha dados sobre eleições legislativas e presidenciais a que tenha acesso. Explore com os alunos as informações aí veiculadas: candidatos, percentagens de resultados, partidos políticos que concorreram, regiões do país onde cada partido tem mais representatividade e outros aspectos que os dados suscitem.

### Actividade 2

Procure organizar uma visita de estudo à Assembleia Nacional Popular. Prepare a mesma estabelecendo contacto com grupos parlamentares que se possam disponibilizar para receber os alunos e responder a questões que estes coloquem. Estas questões têm de ser pensadas e discutidas em aula, para que possa orientar as crianças numa tarefa que lhes é totalmente desconhecida.

Será conveniente ter uma planta da Assembleia para que possam ser assinalados os locais de passagem e permanência dos alunos, com respectiva legenda, indicando a função de cada um desses espaços

Poderá ainda constituir uma Assembleia em que uns alunos assumam o papel de deputados e de presidente da Assembleia. Escolha um assunto e prepare as intervenções de cada criança. Defina regras em tudo semelhantes às da Assembleia (de que se deverá informar previamente).

### **Principais Momentos de História de São Tomé e Príncipe**

Conhecer os principais momentos de História do seu país, situá-los no tempo e começar a desenvolver uma compreensão dos principais factos históricos é o que se pretende com esta unidade.

Só aos 8 anos o aluno adquire a noção de passado e apenas aos 11 tem condições de compreender correctamente o sistema de contagem do tempo histórico. Nestes níveis etários as crianças evidenciam um grande desejo em descobrir a realidade que as rodeia, assim como se sentem atraídas pelo pormenor, pelo detalhe. Aprendem sequências temporais curtas e sentem necessidade de preencher essas sequências com narrativas que lhes despertem o encanto.

Há alguns princípios a ter em consideração no ensino da História. Conhecer a realidade, o concreto, possibilitará progredir para o abstracto; do mesmo modo deve-se partir do conhecido para o desconhecido e do pormenor para a generalização. O meio local deverá ser explorado partindo dos vestígios existentes e que sejam marcas da acção humana.

O questionamento é um procedimento didáctico muito adequado para a aquisição do conhecimento em História. As questões devem ser colocadas incidindo sobre o principal, serem de natureza muito distinta e exigirem diferentes processos mentais, ajustadas ao nível de compreensão do aluno, e proporcionarem reflexão no mesmo são alguns dos cuidados a ter na formulação de perguntas. Questões bem elaboradas deverão permitir ao aluno uma aprendizagem por descoberta, em que é o próprio aluno que vai tirar as principais conclusões.

Esta unidade deverá ser gerida segundo a ordem apresentada e distribuída por vários dias. Ao planificar deve decidir quais os conteúdos que vai trabalhar em

cada dia e fazer sempre uma mobilização dos conteúdos aprendidos anteriormente como forma de ajudar o aluno a apropriá-los.

Num primeiro momento deverá trabalhar a descoberta das ilhas e a contagem do tempo histórico.

Parta das imagens dos descobridores e leve os alunos a repararem no vestuário, postura e outros aspectos que considere importantes:

-Estas pessoas viverão nos nossos dias ou serão de tempos muito antigos? Porquê? Em que século terão vivido? E nós, estamos em que século? Não sabem? Então vamos descobrir!

Pode colocar as seguintes questões (de acordo com os conteúdos a trabalhar):

-O que significará doar? E capitánias?

-Na sociedade dessa época todos os homens teriam os mesmos direitos? Justifica com expressão do texto

(...)

-Existiriam motivos para a ocorrência de lutas sociais?

-Em que século começaram? Que papel teve o rei Amador?

(...)

-O que eram os engenhos? Quem trabalhava neles?

-O que era a escravatura? Concordas com a sua existência? Porquê?

(...)

-Antes do século XVIII existia café no nossos País? Porque dizes isso?

-E cacau? Onde eram cultivados esses produtos? Actualmente ainda se cultivam?

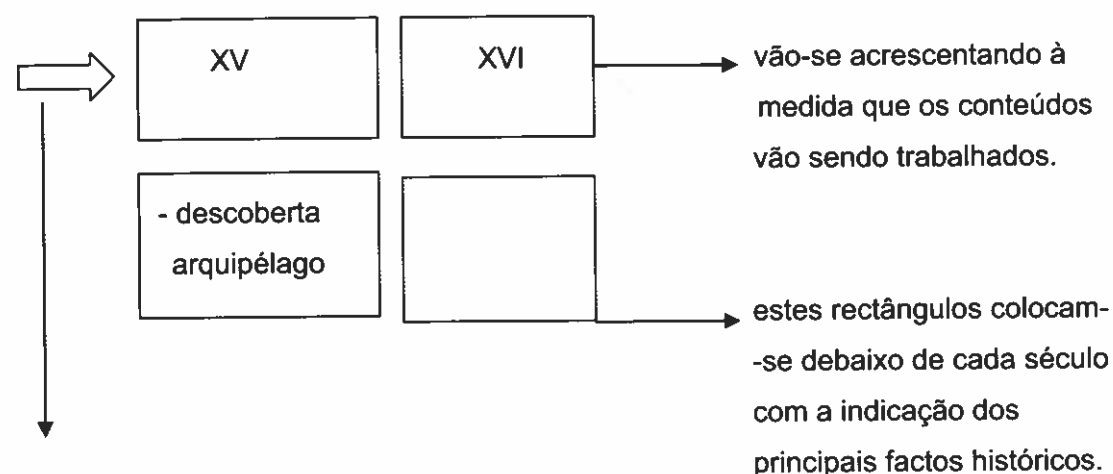
(...)

Para os restantes conteúdos formule questões deste tipo e aproveite sempre as imagens para explorar os aspectos que entenda convenientes.

### **Actividade 1**

O ensino da História implica sempre a localização dos factos no tempo. Devem dar-se várias referências históricas e situar os factos uns em relação aos outros. Os frisos cronológicos permitem uma representação/situação dos factos na época em que se verificaram. Para a construção de um friso cronológico podem ser usados rectângulos de cartolina com cerca de 15cm por 10. Cada um destes rectângulos

representa 1 século. À medida que os conteúdos de História vão sendo trabalhados, vão-se construindo os rectângulos que se afixam na parede da sala de aula, em sítio visível e bem organizado. O esquema seguinte ilustra uma possibilidade de construção.



A seta indica que existem mais séculos antes daquele que estamos a considerar

### **Actividade 2**

Realize trabalho de investigação com os alunos sobre aspectos mais detalhados. Por exemplo, procure indagar junto da população se existem ainda idosos que tenham sido contratados e peça-lhes para dizerem como eram as condições de vida nas roças. O mesmo pode ser feito relativamente a uma personalidade, realizando a sua biografia ou sobre a capela que existe na vila ou na cidade: quando foi construída? Que religião representa? Que papel teve/tem na vida da comunidade? São alguns dos tópicos que deve dar aos alunos para os orientar na pesquisa.

**Nota:** é fundamental que cada professor e metodólogo se documente cientificamente procurando bibliografia sobre História de São Tomé e Príncipe (Biblioteca, Arquivo Histórico são locais onde procurar documentação).

## 2\_A LOCALIDADE

Nos anos anteriores, os alunos foram aprendendo a observar a sua localidade, a identificar quer os elementos naturais que existem dentro e fora da localidade quer os elementos humanizados que foram sendo introduzidos pelas populações que aí habitam. Ao nível dos elementos naturais foram identificando, por exemplo, a vegetação, os diferentes tipos de solos, as formas de relevo, a existência de um rio, de uma colina ou de uma praia, enquanto que ao nível dos elementos humanizados foram identificando as práticas agrícolas, as actividades industriais e comerciais existentes, as vias de comunicação, os tipos de construção, as suas funções e a sua distribuição na paisagem.

Aprenderam também a localizar todos aqueles elementos de uma forma relativa, ou seja, dando a indicação da localização de um elemento face à localização de um outro elemento (por exemplo, ao dizerem : “está atrás de...”; “está ao lado de...”) e perceberam a necessidade da existência de uma forma de localização absoluta. Identificaram também as áreas funcionais que estruturam a organização espacial de uma localidade, por exemplo, a área residencial, a área comercial, entre outras.

Após terem representado, nos anos anteriores, a estrutura de uma parte da localidade e a localização dos principais pontos de referência através de desenhos e de esboços, é importante que os alunos se vão familiarizando com formas mais precisas de representação do território. A planta de uma localidade é uma forma cartográfica que representa a sua estrutura e nos indica a localização dos principais pontos de referência. Para além de ser um instrumento necessário ao nível da localização também é fundamental em termos de orientação. Quando nos deslocamos para uma área desconhecida é através da planta que mais facilmente identificamos o percurso a seguir. A análise da planta também nos permite compreender melhor como está organizada uma localidade, onde se encontra a área comercial, onde está a área desportiva e de lazer, onde estão as áreas residenciais.

Outra formas cartográficas importantes, nesta fase, são os mapas de distribuição da população, através da indicação da localização das cidades, das vilas e de outras povoações. Tanto no mapa de São Tomé como no mapa do Príncipe, consta-se facilmente que a população se distribui ao longo do litoral, sendo aí que se encontram as principais cidades. De facto, no interior das ilhas existem poucas localidades importantes, embora se registem algumas excepções como, por exemplo, a Trindade e Guadalupe . Este facto explica-se por diversas razões, sendo de salientar

o relevo mais acidentado do interior das ilhas, a complementaridade entre a actividade piscatória e a actividade agrícola, junto ao litoral, a maior facilidade de deslocação junto à costa pois, em alguns casos, a deslocação por mar é essencial, para além, evidentemente, de factores históricos que estão relacionados com o processo de ocupação e de povoamento do território.

Para além da análise da distribuição da população através da observação dos mapas das ilhas, também importa que os alunos compreendam que nas povoações podemos encontrar pessoas provenientes de vários pontos do país ou mesmo do estrangeiro. As pessoas deslocam-se por diversas razões quer de natureza pessoal, como é o caso do casamento, quer de natureza profissional, por exemplo, na procura de um trabalho melhor. Há também muitas pessoas que se deslocam por motivos de estudos porque na localidade onde vivem não podem continuar a estudar para níveis superiores de educação e há ainda os que se deslocam para fazer turismo.

A análise destes movimentos migratórios deve começar exactamente pelo meio familiar, procurando saber, por exemplo, onde nasceram os seus familiares e que razões os levaram a deslocarem-se, ou analisando onde residem e onde trabalham e procurando compreender como e porquê é feita essa deslocação entre os dois pontos. Após a análise destes movimentos migratórios no seio familiar, os alunos podem alargar o seu âmbito ao meio social mais próximo, os vizinhos e os amigos, ficando assim com uma visão mais alargada.

A análise da planta de uma localidade pode ser orientada por um conjunto de questões como, por exemplo:

- o que podemos observar nesta planta?
- que símbolos existem na legenda?
- onde se encontra a escola?
- onde se encontram as ruas comerciais?
- que caminho devemos seguir para ir até à igreja?
- que outro caminho podemos seguir para ir até ao mercado?

Do mesmo modo, a análise dos mapas de distribuição da população pode ser orientada questionando os alunos sobre:

- o que representa este mapa?
- qual é o título do mapa?
- que símbolos existem na legenda?
- onde se encontram as principais localidades?
- que partes da ilha têm menos população?

- indica uma razão que explique por que é que essas áreas têm menos população.
- que localidades conheces?

Quanto aos movimentos migratórios da população, o professor pode questionar os alunos sobre:

- onde nasceram os teus pais?
- onde nasceram os teus avós?
- porque é que vieram viver para esta localidade?
- conheces outras pessoas que tenham nascido noutras localidades?
- conheces pessoas que vão trabalhar noutras localidades?
- gostarias de ir viver para outra localidade? Porquê?

A opção por apresentar a planta da cidade de São Tomé, no Manual da 4 classe, deve-se ao facto de esta cidade ser a capital do país e, por conseguinte, ser não só um espaço de referência para todos como também, possivelmente, o espaço que é do conhecimento do maior número de alunos. No entanto, o trabalho fundamental deve ser desenvolvido em torno da localidade do aluno, partindo de uma planta já existente ou do esboço de uma planta criada pelos próprios alunos (actividade 1.1 do Caderno de Actividades). Este esboço deve ser o mais rigoroso possível, procurando respeitar a proporcionalidade das distâncias. Para que a proposta de planta fique mais completa deverá ser colocado um título “Planta de ...”, que a identifique, e deve também ser colocada uma legenda que assinale a localização dos principais pontos de referência (actividade 1.2).

Os alunos devem tomar consciência da importância e da utilidade das plantas (actividade 2). As plantas são úteis em muitas circunstâncias do dia-a-dia: quando queremos localizar um ponto; quando queremos ter uma noção da distância entre dois pontos; quando queremos definir o melhor trajecto entre dois pontos; quando queremos ter uma imagem de conjunto da organização e da estrutura de uma localidade, entre outras utilizações.

Para além de um conhecimento mais aprofundado sobre a sua localidade, os alunos também devem começar a ter um conhecimento mais preciso sobre outras localidades do país. No ano anterior, os alunos compararam a sua localidade com outras localidades procurando identificar semelhanças e diferenças; neste ano procura-se que os alunos adquiram uma noção da localização geográfica das principais localidades do país, nomeadamente das suas cidades. Este exercício de

localização deve partir das localidades que são mais familiares aos alunos (actividade 3).

Em todas as localidades podemos encontrar pessoas de diversas origens, por isso, é importante que os alunos se apercebam não só da diversidade das origens como também das razões que levam as pessoas a se deslocarem. (actividade 4). Estes movimentos migratórios têm tendência a aumentar e os alunos devem começar a tomar consciência deles e a perceber os seus impactos nas comunidades locais.

**Actividade 1** – Organize uma visita de estudo a uma área central da localidade e escolha um sítio onde os alunos se possam sentar a desenhar. Peça-lhes para desenharem as ruas em volta e assinalarem os principais pontos de referência.

**Actividade 2** – Construa com os alunos uma legenda para a planta, não com base em números mas sim com base em símbolos que sejam reconhecidos por todos. Assim, os alunos vão criando e percebendo as linguagens simbólicas que normalmente são utilizadas nas legendas dos mapas.

**Actividade 3** – Numa folha de papel grande, faça com os alunos, um mapa das ilhas de São Tomé e Príncipe e coloque na parede. Assinale as principais cidades e as localidades que são mais conhecidas dos alunos. À medida que forem falando de outras localidades podem ir acrescentando-as ao mapa.

**Actividade 4** – Construa com os alunos um questionário de modo a recolherem informação sobre a origem das pessoas que vivem na localidade e sobre os locais de trabalho. Podem colocar questões como, por exemplo:

- onde vive?
- onde nasceu?
- onde trabalha?
- porque motivo veio viver para esta localidade?
- porque motivo vai trabalhar noutra localidade?
- está a pensar ir viver para outra localidade? Porquê?

Os alunos podem levar o questionário para casa e aplicá-lo a 3 pessoas da sua família ou a amigos. Depois recolha os questionários e trate a informação, por exemplo, construindo tabelas com o nome das localidades e o número de pessoas que nasceram ou que trabalham em cada uma delas. Também podem assinalar, num mapa, as localidades referidas nos questionários.

### 3\_ACTIVIDADES ECONÓMICAS

Em anos anteriores, os alunos descobriram as várias profissões e a complementaridade que existia entre elas, no sentido de garantir a satisfação das nossas necessidades individuais e colectivas. Esta é, no fundo, a razão de ser da actividade produtiva: satisfazer as necessidades das populações e garantir uma qualidade de vida satisfatória. Naturalmente que o padrão de qualidade de vida varia em função dos vários contextos sócio-culturais e dos níveis de desenvolvimento científico-tecnológico. À medida que o progresso científico-tecnológico vai introduzindo novos instrumentos, os sistemas produtivos vão-se alterando, novos produtos vão surgindo e as relações de trabalho e os hábitos de consumo modificam-se.

Por outro lado, as actividades produtivas, nomeadamente as que estão directamente relacionadas com a extracção e muitas das que estão relacionadas com a transformação dos produtos, estão dependentes dos recursos naturais existentes em cada região. Estes recursos constituem a matéria-prima essencial à sua actividade. No entanto, também existem, em todas as regiões, actividades produtivas que utilizam matérias-primas importadas.

Progressivamente, os alunos devem ir tomando conhecimento da organização das actividades económicas em sectores e ramos de actividade. Naturalmente que a classificação das actividades económicas irá caminhando para tipologias cada vez mais abrangentes e, por conseguinte, mais abstractas; no entanto, a este nível da 4ª classe, devemos abordar a questão com base numa classificação das actividades económicas que seja facilmente compreensível pelos alunos.

Assim, podemos classificar em: agricultura; pecuária; floresta; pesca; indústria; comércio e serviços. Esta classificação é facilmente relacionável com as vivências dos alunos em todas as comunidades, tendo em consideração que em cada categoria existem diferentes tipos de actividades e de profissões, dependendo do nível de desenvolvimento socio-económico considerado. Por exemplo, a agricultura, em algumas comunidades, é apenas praticada pelos agricultores que desenvolvem uma agricultura de subsistência, produzindo os produtos que são essenciais à satisfação das necessidades da sua família e vendendo alguns poucos excedentes; por outro lado, noutras comunidades, a agricultura pode apresentar também uma dimensão empresarial pela existência de empresas agro-pecuárias (por exemplo, relacionadas com a produção do café ou do cacau) que empregam muitos trabalhadores a quem pagam um determinado salário. Como vemos, existe uma grande diversidade de

situações profissionais, de práticas produtivas e até de produtos obtidos. Situação idêntica se passa na pecuária, nas florestas e nas pescas.

No sector industrial também existe uma grande diversidade de situações, desde as práticas mais artesanais, por exemplo, no fabrico de cestaria ou de tapetes, até às actividades com maior componente tecnológica como são as serrações, a produção industrial de óleo de palma, o fabrico de sabões e de cerveja ou refrigerantes. Associado a este sector de transformação também temos a construção de barcos e a construção civil. Nestes ramos de actividade existem vários profissionais, com diferentes especializações que trabalham em conjunto para obtenção do produto final. Um bom exemplo, é o que se passa ao nível da construção civil. Também a produção de energia, quer seja de origem hídrica, através das barragens construídas nalguns dos rios, quer seja de origem termoeléctrica, através das centrais eléctricas que utilizam combustível, está associada às actividades transformadores.

O sector do comércio integra desde o pequeno comércio local (quitandas), que existem em todas as localidades, até às lojas especializadas e a venda internacional de produtos como a copra, o café ou o cacau. É um sector em expansão pois o facto de as populações deixarem de ser auto-suficientes na produção dos bens que necessitam torna-as mais dependentes da sua compra a terceiros. O mesmo se passa no sector dos serviços pois as populações procuram cada vez mais serviços com vista à satisfação das suas necessidades. Os serviços integram diversas áreas: saúde; assistência social; educação; segurança; comunicação; informação; transportes; finanças; fiscais; cultura, entre outros. Um ramo que tem vindo a desenvolver-se bastante, não apenas a nível nacional como também a nível internacional é o do turismo. Os serviços turísticos são uma das actividades económicas com maior potencial em São Tomé e Príncipe, considerando as belezas naturais e o carácter acolhedor da sua população. Como facilmente se constata, o sector dos serviços integra uma grande diversidade de profissões e de actividades.

Existindo tantas actividades económicas e à medida que o desenvolvimento social das populações e o progresso científico-tecnológico avançam elas vão sendo cada vez mais diversificadas, o que implica, naturalmente, que as populações vão tendo cada vez mais acesso a produtos e serviços diversos. É importante que os alunos compreendam e interiorizem a diferença entre necessidades básicas e necessidades secundárias. Necessidades básicas são aquelas que são absolutamente indispensáveis à sobrevivência das populações, por exemplo, a alimentação, a saúde, a educação, no seu sentido mais amplo, a habitação. Sem a satisfação plena destas necessidades, as populações podem correr sérios riscos. Só depois de garantidas as

necessidades básicas é que as pessoas podem pensar em adquirir outros bens ou serviços que têm um carácter secundário, como, por exemplo, bens de diversão, de lazer ou de carácter turístico. Numa sociedade cada vez mais consumista, é importante que os alunos compreendam que prioridades devem existir nas compras individuais ou familiares.

Para salvaguarda dos interesses dos consumidores, e considerando que nem sempre os agentes económicos respeitam o interesse das pessoas, colocando, por vezes, a obtenção do lucro acima de qualquer outro interesse, existem direitos dos consumidores que estão devidamente salvaguardados em termos de legislação. Por exemplo, ao nível das condições de conservação dos produtos, das condições de embalagem; das condições de transporte; das condições de higiene e segurança; da informação sobre os conteúdos das embalagens; da informação sobre os preços; e em muitas outras situações, existem direitos dos consumidores que os comerciantes e os prestadores de serviços devem respeitar. Se um consumidor se sentir enganado ou suspeitar de fraude, deve reclamar imediatamente com o agente económico ou apresentar queixa às autoridades. Paralelamente aos direitos do consumidor também existem deveres que deverá respeitar, nomeadamente ao nível da igualdade de tratamento e à honestidade das relações.

Os alunos devem desenvolver a sua curiosidade sobre a realidade económica que os envolve e devem questionar-se sobre o seu significado na promoção de uma melhor qualidade de vida para as populações:

- que profissões conheces?
- em que actividades económicas essas pessoas trabalham?
- onde trabalham?
- que instrumentos utilizam para produzirem?
- que matérias utilizam para produzirem?
- de onde vêm essas matérias? Elas existem na tua região?
- o que produzem?
- para quem produzem?
- como é que esses produtos são colocados no mercado?
- porque é que as pessoas compram esses produtos?
- porque é que as pessoas vão a esse serviço?
- esses produtos são mesmo essenciais? Porquê?
- esses serviços são essenciais? Porquê?
- já alguma vez te sentiste enganado ao fazer uma compra?
- já alguma vez te apeteceu reclamar?
- o que fizeste nessa situação?

- já alguma vez foste incorrecto com um vendedor? Porquê?

Estas questões podem ajudar os alunos a observar e a pensar sobre a realidade económica da sua localidade e da sua região, mas é importante que eles também aprendam a sistematizar a informação. No Caderno de Actividades (actividade 1, actividade 2 e actividade 3), são apresentadas umas tabelas de síntese quer das profissões quer dos produtos associados a cada um dos sectores da actividade económica. Para além de descreverem a realidade económica que observam, também devem ser incentivados a apresentarem propostas sobre novas actividades económicas, tendo em consideração as potencialidades e os recursos da sua localidade ou região. O sector do turismo presta-se muito a este tipo de exercícios pois é um sector em expansão (actividade 4).

A questão dos valores é sempre das mais difíceis de trabalhar mas também é das mais essenciais em termos de escolaridade. É fundamental que os alunos discutam e assumam, quer individualmente quer em grupo, o que consideram ser necessidades básicas e necessidades secundárias. (actividade 5). Numa sociedade em que os apelos ao consumo são uma constante, é importante que os alunos adquiram um espírito crítico. Dentro desta questão dos valores, é importante que sejam os alunos a expressar e a assumir um conjunto de direitos e de deveres enquanto consumidores (actividade 6); assim eles sentir-se-ão mais comprometidos com esses valores.

**Actividade 1** – Com base nos resultados do preenchimento das tabelas das actividades 1 e 2, do Caderno de Actividades, fazer desenhos representativos das várias profissões e dos vários produtos, por sector de actividade, e construir dois posters para afixar na parede da sala.

**Actividade 2** – Depois de analisar a actividade económica da localidade e da região com os alunos, organizar um debate (dividindo a turma em grupos) em que cada grupo terá de propor uma nova actividade económica para a região, indicando quais as matérias-primas que vai utilizar, que instrumentos são necessários e que profissionais irão trabalhar nessa actividade.

**Actividade 3** – Construa, com os alunos, uma carta dos Direitos e Deveres dos Consumidores, que seja afixada no átrio da escola para conhecimento de todos. Para esta actividade pode aproveitar as propostas apresentadas pelos alunos, na actividade 6 do Caderno de Actividades.

## 4\_TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES

### Meios de transporte de serviço internacional.

Para falar da importância dos meios de transporte de serviço internacional, pode fazê-lo questionando os alunos sobre possíveis viagens que estes, ou familiares e conhecidos, tenham feito ao estrangeiro. Questione sobre os meios de transporte internacional que utilizaram e o que foram fazer a esses destinos. Deste modo induzirá os alunos no reconhecimento da importância destes meios de transporte.

Explore depois as imagens do manual, colocando questões que desenvolvam a capacidade de observação dos alunos. Após esta tarefa, proceda à leitura da informação, fazendo pausas sempre que entender necessário colocar ou esclarecer alguma questão.

Algumas das questões a colocar poderão ser:

- O que podemos ver na imagem? Porque será importante o aeroporto?
- De que outro modo se podem estabelecer ligações com o exterior? Os barcos de grande porte podem atracar no porto de S.Tomé e Príncipe?

### Actividade 1

Procure saber em que dias e horas há voos de e para São Tomé e Príncipe. Poderá também procurar informações sobre o número de passageiros e construir gráficos com os mesmos, por exemplo, número de passageiros por mês.

### Actividade 2

Investigue com os seus alunos que mercadorias são importadas e exportadas por via marítima e que limitações se verificam ao nível da deslocação de produtos por via marítima. Procure também saber quais os organismos que estão ligados à importação/exportação de produtos. Redija textos com estas informações organizando os alunos em pequenos grupos.

## Meios de Comunicação Social

Nas sociedades actuais, os meios de comunicação assumem um papel cada vez maior. O alargamento do conhecimento do mundo tem sido facilitado, em grande medida, pelos meios de comunicação social. Importa dialogar com os alunos no sentido de os fazer compreender que os acontecimentos que se verificam em qualquer ponto do mundo são rapidamente divulgados e conhecidos, muitas vezes em tempo real. A evolução que se tem verificado deve-se ao grande desenvolvimento tecnológico que a pesquisa e o saber do Homem têm proporcionado.

Questione os seus alunos sobre que meios de comunicação social conhecem e como os caracteriza: a rádio, a televisão e a imprensa. Refira a importância cada vez mais relevante da Internet como meio de comunicação e divulgação da informação. Refira a existência de locais, em São Tomé e Príncipe, onde é possível aceder à Internet. Se possível, leve os seus alunos a um desses locais para eles tomarem contacto com este meio e, para tal, procure organizar com o responsável pelo local, uma sessão explicativa das várias possibilidades que a Internet proporciona. Algumas possíveis questões:

- Que ideias podemos retirar deste artigo?
- Quais os meios de comunicação social? Qual a sua importância? Em tua casa é costume ler o jornal? Qual?
- E rádio, costumas ouvir? Que programas?
- ...

Após esta breve abordagem, suportada fundamentalmente em diálogo e uso eventual de imagens, passe para o manual seguindo os procedimentos habituais.

### Actividade 1

Realize com os seus alunos um jornal de parede cujo suporte pode ser uma cartolina que se deve afixar num local que seja acessível a toda a comunidade escolar.

Comece por definir os assuntos que os alunos consideram importante referir e que tenham a ver com as suas vivências: trabalhos realizados na escola que queiram destacar, o melhor texto do mês, actividades desportivas realizadas, visitas de estudo, contos tradicionais recolhidos pelos alunos, etc.

Depois de definidas as áreas que são contempladas no jornal de parede, há que seleccionar os materiais e escolher os redactores e os ilustradores. Antes de começarem a escrever e a ilustrar (com desenhos, imagens de revistas...) há que distribuir o espaço de forma harmoniosa e que possibilite uma leitura agradável.

É fundamental envolver todos os alunos ainda que em funções diferentes.

### **Actividade 2**

Durante uma semana faça o levantamento dos programas transmitidos pela televisão. Na semana seguinte, com os dados recolhidos, faça uma calendarização, em grelha, dos programas e dias e horas a que podem ser vistos. A organização desta produção escrita requer alguns cuidados pelo que deve ensaiar primeiro para poder orientar os seus alunos. Tenha em atenção as características dos seus alunos e as condições que tem para decidir se há-de fazer uma calendarização colectivamente, individual ou em grupo.

## 5\_ALIMENTAÇÃO

Com esta unidade pretende-se que as crianças conheçam os factores que afectaram no passado e que afectam actualmente os hábitos alimentares das populações humanas. A educação e a tecnologia constituem factores essenciais para uma alimentação saudável e equilibrada. Através da educação podemos aprender o tipo e as quantidades de alimentos que devemos ingerir, evitando tanto carências, como excessos alimentares. A tecnologia permite-nos produzir mais e melhores alimentos, transportá-los para zonas distantes e conservá-los durante muito mais tempo.

A discussão deste tema poderá ser iniciada através da seguinte sequência de questões:

Será que todas as pessoas comem os mesmos alimentos?

És capaz de dar exemplos de diferentes hábitos alimentares?

O que faz com que as populações humanas tenham hábitos alimentares diferentes?

Como têm evoluído os hábitos alimentares das populações humanas ao longo dos tempos?

Depois da discussão das respostas a estas questões, poderão explorar-se os textos do manual do aluno sobre esta temática e as questões 1, 2 e 3 do caderno de actividades.

Posteriormente, torna-se extremamente importante que as crianças desenvolvam uma atitude crítica relativamente: a) aos processos utilizados pelas suas famílias para a conservação dos alimentos; e b) aos hábitos alimentares das diferentes populações de São Tomé e Príncipe. Desta forma, pretende-se envolver activamente os alunos na detecção e na correcção de eventuais comportamentos incorrectos. Para se alcançarem estes objectivos poderão ser lidos e discutidos os textos do manual do aluno sobre estes assuntos e realizadas as actividades 5, 6, 7 e 8 do caderno de actividades.

As respostas aos itens do Caderno de Actividades devem ser discutidas na sala de aula, primeiro pelos alunos (eventualmente divididos em grupos) e, só depois, pelo professor.

**Actividade 1** – Peça a um grupo de três crianças para imaginarem e representarem perante toda a turma uma conversa entre amigos na qual discutem os cuidados alimentares que devem ter de forma a crescerem fortes e saudáveis.

**Actividade 2** – Peça às crianças para construírem um cartaz com as regras para uma alimentação saudável.

**Actividade 3** – Envolver as crianças na realização de sessões de informação da população (em locais fora da escola) sobre as regras de uma alimentação completa e equilibrada. Estas sessões poderão decorrer sob a forma de pequenas peças de teatro em que se discutam os problemas resultantes dos principais erros alimentares das populações de São Tomé e Príncipe e se apresentem formas de ultrapassar esses erros.

## 6\_SAÚDE E SEGURANÇA

Nesta unidade pretende-se que as crianças estudem várias formas de evitar e de combater as doenças resultantes do contágio por microrganismos e da poluição ambiental. A qualidade de vida da população de São Tomé e Príncipe depende do envolvimento activo de todos os cidadãos no combate às doenças e à poluição.

Para iniciar a discussão deste tema poderá começar por realizar, juntamente com os alunos, um levantamento das doenças que eles já tiveram. Qual foi a doença mais comum entre os alunos? E a menos vulgar? E a mais perigosa? Quais são as ideias dos alunos acerca das causas dessas doenças?

Utilize esta informação para discutir as diferenças entre doenças infecciosas e doenças não infecciosas.

Seguidamente, faça um levantamento das ideias das crianças acerca das formas de prevenir doenças. Qual é a ideia das crianças acerca da finalidade da vacinação?

Faça um levantamento das crianças que foram vacinadas. Com base nos resultados, contacte o centro de saúde para a eventual implementação de uma campanha de esclarecimento e vacinação na escola.

Nesta fase, explore os textos do manual do aluno sobre esta temática e os itens 1 a 9 do caderno de actividades.

### Soluções da actividade 6

Conjunto de doenças incluídas na sopa de letras: Tétano, Sarampo, Constipação, Obesidade, Depressão, Tifo, Febre-amarela, Reumatismo, Diabetes, Difteria, Hepatite, Tuberculose, Paludismo, Alcoolismo, Gripe.

Doenças infecciosas: Tétano, Sarampo, Constipação, Tifo, Febre-amarela, Difteria, Hepatite, Tuberculose, Paludismo, Gripe.

Doenças contagiosas: Sarampo, Constipação, Difteria, Hepatite, Tuberculose, Gripe.

Doenças para as quais existem vacinas: Tétano, Sarampo, Tifo, Febre-amarela, Difteria, Hepatite, Tuberculose, Gripe.

Posteriormente, questione as crianças acerca do significado da palavra poluição e dos diferentes tipos de poluição que conhecem. Discuta as ideias das crianças acerca das causas e dos efeitos dos diferentes tipos de poluição.

Leiam e discutam os textos do manual do aluno sobre poluição. De seguida, realizem as actividades sobre a temática da poluição que se encontram no caderno de actividades.

**Actividade 1** – Peça às crianças para investigarem o efeito de várias substâncias poluentes (detergentes, óleo, álcool, etc.) no crescimento de plantas. Para tal, podem cultivar algumas plantas da mesma espécie em diferentes recipientes (feijoeiros, por exemplo). De seguida, introduzam umas gotas de uma substância poluente em cada um dos recipientes (excepto num que servirá de controlo) e investiguem o efeito dessas substâncias no desenvolvimento da planta.

**Actividade 2** – Peça às crianças para fazerem uma lista de dez maneiras em que cada uma delas polui o ambiente em que vive. De seguida, discutam os vários comportamentos incorrectos detectados e formas de os modificar.

**Actividade 3** – Proponha às crianças que discutam sobre o que devem fazer as pessoas que vivem em zonas onde não existem latrinas ou casas de banho para contribuírem positivamente para a saúde da população.

## 7\_SERES VIVOS E AMBIENTE

Todos os seres vivos, por mais pequenos e insignificantes que nos pareçam, desempenham um papel muito importante na natureza. Logo, a sua extinção tem consequências directas ou indirectas na vida de todos os outros seres vivos que vivem nesse ecossistema. Os seres humanos devem preservar as diferentes espécies de seres vivos: todas elas desempenham um papel importante no funcionamento da natureza.

Geralmente, a natureza está em equilíbrio, ou seja, todas as espécies animais e vegetais têm possibilidade de sobreviver num determinado local com determinadas características ambientais. No entanto, este equilíbrio pode ser interrompido por transformações naturais (resultantes de fenómenos espontâneos da natureza – secas, inundações ou terremotos) ou artificiais (resultantes da intervenção do ser humano – caça, pesca, abate de árvores, queimadas, extracção de areia das praias e construção de barragens, estradas ou pontes).

A conservação do equilíbrio do nosso planeta requer a implementação de medidas que impeçam a destruição dos ambientes, nomeadamente, a criação de zonas protegidas e a proibição da caça de espécies em vias de extinção e do derrube de árvores em determinadas zonas.

O professor deverá iniciar esta unidade questionando as crianças acerca dos conceitos de herbívoro e carnívoro. Logo de seguida, deverá explicar o conceito de cadeia alimentar e propor a leitura e discussão dos textos do manual sobre esta temática.

Posteriormente, o professor deverá promover uma discussão centrada nas ideias prévias das crianças sobre as causas e as consequências dos principais problemas ambientais existentes nos locais onde vivem. As ideias principais deverão ser escritas no quadro.

As diferentes comunidades de São Tomé e Príncipe constituem um bom recurso para o estudo tanto de diferentes cadeias alimentares como dos diferentes tipos de problemas ambientais nelas existentes. Idealmente, este estudo deverá ser feito através do contacto directo com os ambientes locais. Para tal, os alunos serão convidados a realizar diversas actividades de investigação incluídas no Caderno de Actividades (actividades 1, 3 e 4). Estas actividades deverão ser realizadas pelos alunos e não pelo professor. Caberá ao professor o papel de orientador das actividades.

Os resultados obtidos podem ser registados sob a forma de um relatório ilustrado com desenhos.

**Actividade 1** – Peça às crianças para indicarem razões pelas quais os animais NÃO poderiam viver num mundo sem plantas.

**Actividade 2** – Envolver as crianças na realização de uma peça de teatro em que se identifiquem os principais problemas ambientais de São Tomé e Príncipe e se apresentem e discutam algumas formas de os resolver.

## 8\_TERRITÓRIO

O conhecimento do território, nesta fase da escolaridade, parte fundamentalmente da observação directa do espaço envolvente e, em alguns casos, da observação indirecta de territórios distantes, através, por exemplo, de fotografias, procurando identificar semelhanças e diferenças entre esses territórios. Com base na observação, os alunos descrevem as formas de relevo, identificam diferentes tipos de rochas, descrevem as linhas de água e os processos erosivos, quer eles sejam determinados pelas ocorrências de água quer sejam determinados pela força do vento ou por acção do Homem, e identificam diferentes tipos de solos, descrevendo-os sumariamente. Observam e descrevem também as formações florestais e as diferentes formas de ocupação humana existentes no território.

Os alunos deverão ir progressivamente estruturando um conhecimento do território à escala nacional. Deverão complementar o conhecimento adquirido através da observação directa do território envolvente com o conhecimento apreendido através das leituras e das descrições feitas pelo professor ou por outras pessoas, e através das observações indirectas de territórios distantes. Deste modo, os alunos irão construindo uma imagem do território do país, tendo em consideração diversos aspectos. Neste processo, a cartografia é um excelente instrumento pois através dos mapas podemos registar e analisar os aspectos fundamentais do território.

O trabalho sobre os mapas deverá ser feito a várias escalas para que os alunos compreendam os vários contextos em que o território está integrado e comecem a adquirir competências de análise a vários níveis. Assim, é importante que os alunos adquiram uma visão global da superfície da Terra, que saibam identificar os continentes e os oceanos e que conheçam e saibam localizar os principais círculos de referência – o Equador; o Trópico de Câncer; o Trópico de Capricórnio e o semi-meridiano de Greenwich. Embora ainda não seja oportuno ensinar as coordenadas geográficas (latitude; longitude; altitude), os alunos já devem ir tomando consciência de que estes círculos maiores e menores, que formam uma quadrícula sobre a superfície terrestre, têm valores numéricos. A compreensão do significado desses valores virá evidentemente mais tarde aquando do estudo das coordenadas geográficas.

É também importante que os alunos possuam uma ideia geral do continente africano, em particular do Golfo da Guiné, por ser o contexto mundial em que São Tomé e Príncipe se encontra inserido e que conheçam os países mais próximos :

Gabão; Guiné Equatorial; Camarões; Nigéria, entre outros. Um outro contexto importante que os alunos devem ter conhecimento, por haver a partilha de uma herança histórica e de uma língua em comum, é o da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) que é constituída pelos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP's) – Cabo Verde; Guiné-Bissau; São Tomé e Príncipe; Angola; Moçambique – conjuntamente com o Brasil, Timor-Leste e evidentemente Portugal. A este nível é importante que os alunos saibam quais são os países que integram quer a CPLP quer os PALOP's, onde se localizam e que os une um passado histórico em comum, alguns traços culturais e uma língua – o português.

Sobre o arquipélago de São Tomé e Príncipe é importante que os alunos saibam onde se localiza – sobre a linha do Equador, no Golfo da Guiné – e quais as principais ilhas que o constituem. Também deverão ter uma ideia do relevo acidentado do arquipélago, devido à sua origem vulcânica, e saber identificar e localizar no mapa alguns dos pontos mais altos do arquipélago – Pico de São Tomé, com 2024m e o Pico do Príncipe com 948m. Podem também ir aprendendo a localizar outros picos ou cones conhecidos, como, por exemplo, o Pico da Ana Chaves com 1636m; a Lagoa Amélia com 1488m, o Cão Grande com 663m, todos na ilha de São Tomé, ou o Pico do Mencone com 935m, e o Pico do Carriote com 839m, na ilha do Príncipe. Deverão também ter conhecimento de algumas particularidades do litoral das ilhas, nomeadamente a existência de costas altas e abruptas, principalmente no lado Oeste da Ilha de São Tomé, e de costas mais baixas, por vezes, quase planas, principalmente no lado Nordeste da ilha de São Tomé, que determinam tipos de praias diferentes. Outro aspecto do litoral a considerar é a existência de várias baías, a principal das quais é a Baía de Ana Chaves, em frente à cidade de São Tomé, e de vários cabos, normalmente designados por “Pontas”.

Para além do relevo, os alunos deverão adquirir um conhecimento geral sobre a rede hidrográfica. Os cursos de água são pouco extensos, nascem quase todos na parte central das ilhas, nas áreas mais acidentadas, e dirigem-se radialmente para o litoral. Localmente, muitos deles, são designados por “águas”. Devido à sua reduzida extensão, ao perfil bastante inclinado e às abundantes chuvas do arquipélago, o seu caudal por vezes é bastante elevado e com carácter torrencial. Os rios principais na ilha de São Tomé são o Iô Grande, o Abade, o Manuel Jorge, o Água Grande e o Ouro; na Ilha do Príncipe é o rio Papagaio e a Ribeira dos Frades. O relevo acidentado das ilhas determina a existência de vales, por vezes, muito encaixados, e o aparecimento de cascatas.

A aprendizagem destas referências espaciais e destes aspectos físicos do território deve ser feita por um processo de descoberta, consolidado por uma consulta regular dos mapas. Assim, os alunos deverão ser questionados sobre:

- que continentes conheces?
- que oceanos existem?
- que círculos de referência conheces, a nível da superfície da Terra? Assinala-

os no mapa.

- em que Continente se encontra São Tomé e Príncipe?
- como se chama o golfo onde se encontra São Tomé e Príncipe?
- que países se encontram mais próximo?
- que significa a sigla CPLP? e PALOP's?
- que países fazem parte da CPLP ? e dos PALOP's?
- o que têm em comum esses países?
- onde se localizam esses países?

- que ilhas conheces no arquipélago de São Tomé e Príncipe?
- como é o relevo dessas ilhas?
- como é o litoral dessas ilhas?
- quais são os pontos mais altos dessas ilhas?
- quais são os rios principais dessas ilhas?
- porque é que os seus caudais são muitas vezes elevados?
- o que são cascatas? Conheces alguma?

O trabalho sobre mapas, nesta fase, é fundamental, não só para efeitos de localização como também para a aquisição de competências de análise espacial a várias escalas (da escala mundial, passando pela escala continental e a escala nacional, para além da escala regional e local). Os exercícios práticos com a utilização dos mapas levam a um conhecimento cada vez mais aprofundado dos territórios aí representados (actividade 1 e actividade 2 do Caderno de Actividades). Por outro lado, os alunos devem não só saber ler os mapas como também devem ir adquirindo competências de construção dos seus próprios mapas (actividade 3), pois assim, vão tomando consciência das potencialidades e das limitações dos mapas como forma de representação dos territórios.

**Actividade 1** – Fazer um mapa-mundi de grande dimensão, com a representação dos continentes e dos oceanos, e afixá-lo na parede da sala. À medida que, nas aulas, forem falando dos vários países, podem ir completando o mapa.

**Actividade 2** – Construir, com barro, uma maquete da ilha de São Tomé e da ilha do Príncipe, reproduzindo o relevo, algumas das principais formas da linha de costa, marcando o trajecto das principais linhas de água e indicando a localização das principais cidades.

## 9\_TERRA NO ESPAÇO

A Terra é um dos planetas do Sistema Solar, conjuntamente com Mercúrio; Vénus, Marte, Júpiter, Saturno, Urano e Neptuno. Para além dos planetas principais, que giram em volta do Sol, existem outros planetas mais pequenos, alguns dos quais giram em volta dos planetas principais e que, por isso, se designam de satélites naturais. No caso da Terra, o seu satélite natural é a Lua. Todos estes planetas têm forma esférica, o que no caso da Lua é directamente observável e no caso da Terra as melhores evidências são as imagens captadas do espaço pelos satélites artificiais. Embora o Sistema Solar seja bastante mais complexo na sua estrutura e dinâmicas, nesta fase, apenas é feita uma referência a alguns dos elementos fundamentais e que os alunos mais facilmente conseguem apreender.

A Terra não é um corpo estático no Universo, apresentando diversos movimentos. De entre eles interessa chamar a atenção para dois em particular, pelas consequências directas que têm sobre a vida à superfície terrestre: o movimento que a Terra descreve em volta do Sol, o chamado movimento de translação da Terra, que tem a duração de aproximadamente 365 dias; e o movimento que a Terra descreve em volta do seu próprio eixo, o movimento de rotação da Terra, e que tem a duração de aproximadamente 24 horas. O movimento de translação da Terra é responsável pela variação da temperatura e da precipitação ao longo do ano, determinando, para o caso de São Tomé e Príncipe, a ocorrência das ligeiras variações da temperatura média mensal e da existência de um período mais húmido e de períodos mais secos como são o caso da "Gravana", de Junho a Setembro, e do "Gravanito" em Janeiro. É com base nestas características termoclimáticas que o clima de São Tomé e Príncipe é classificado como Equatorial (quente e húmido). Nesta fase é fácil os alunos constatarem a ocorrência destes fenómenos mas não têm ainda a capacidade para compreenderem toda a complexidade das suas causas. Para além de constatarem a variação da temperatura e da precipitação ao longo do ano, também, através da observação dos mapas, conseguem constatar, por exemplo, a variação espacial da precipitação, associando a localização das regiões mais húmidas a Sul à influência dos ventos predominantes e na região central da ilha à influência do relevo montanhoso, ficando as regiões mais áridas a Norte.

O movimento de rotação da Terra tem implicações que são facilmente observáveis e compreensíveis pelos alunos, nomeadamente através da realização de experiências simples. A consequência mais imediata é a sucessão do dia e da noite, facilmente demonstrada fazendo girar uma bola em frente a um feixe de luz emitido

por uma lanterna. Uma outra consequência é o movimento diurno aparente do Sol, em que o Sol parece descrever uma órbita de Nascente (Este) para Poente (Oeste). Este facto é facilmente observável a olho nu e pode ser registado, por exemplo, no átrio da escola. Associado a este fenómeno, também se constata facilmente a variação diurna da temperatura, quer ao longo do dia, quer o contraste de temperatura entre o dia e a noite. A realização de uma experiência simples, como as que foram realizadas nos anos anteriores, facilmente explica este fenómeno.

A compreensão da dimensão cósmica do nosso planeta e dos fenómenos a ela associados exige uma capacidade de abstracção que ainda não está plenamente desenvolvida nos alunos desta idade, assim, as abordagens devem ser feitas a partir das evidências directamente observáveis dos fenómenos. Para despertar a curiosidade e a observação crítica dos alunos, o professor poderá questioná-los sobre:

- o que distingue um planeta de uma estrela?
- para além da Terra, que outros planetas conheces?
- o que é o Sistema Solar?
- o que são satélites naturais?
- como se chama o satélite natural da Terra?
- a Terra está parada no espaço?
- porque existe a alternância entre o dia e a noite?
- como varia a temperatura ao longo do dia? Porquê?
- como se chama o movimento da Terra que explica estes fenómenos?
- conheces outro movimento da Terra? Como se chama? Qual o seu tempo de duração?
- a temperatura é constante ao longo do ano?
- quais são os meses mais secos? Como se chama a este período?
- quais são os meses mais húmidos?
- em São Tomé (ou no Príncipe) existem regiões onde chove mais do que outras? Porquê?

A observação de esquemas simplificados do Sistema Solar ajuda os alunos a situarem a órbita da Terra relativamente ao Sol e à dos outros planetas (actividade 1 do Caderno de Actividades). Para além da observação de esquemas, os alunos também devem treinar outras formas de registo como as tabelas de síntese (actividade 2), os textos resumo (actividade 3) e a análise dos gráficos (actividade 4). Estas diferentes formas podem ser complementares entre si e deve-se levar os alunos a escreverem textos sobre, por exemplo, o que observam em gráficos ou a construírem tabelas de síntese do que lêem em textos.

**Actividade 1** – Numa aula de expressão plástica construa, com os alunos, um modelo simples com o Sol e a Terra ligados por um braço, devendo o braço girar em volta do eixo do Sol, simulando o movimento de translação da Terra, e a Terra deverá girar sobre o seu próprio eixo, simulando o movimento de rotação. Assim os alunos compreenderão mais facilmente a complementaridade entre os dois movimentos.

## 10\_PATRIMÓNIO CULTURAL: LÍNGUAS E TRADIÇÕES

A língua constitui um forte elemento de ligação entre povos que, não obstante as diferenças culturais e geográficas, podem comunicar usando o mesmo código linguístico. Se tomarmos em consideração o número de falantes em língua portuguesa tomamos consciência do seu peso na comunidade internacional. Todavia, é igualmente necessário tomar em consideração e dar o devido realce às várias expressões locais que, no caso de S. Tomé e Príncipe, assumem a forma de línguas crioulas. Assim, tão importante é formar os seus alunos no domínio correcto do português padrão, como nas formas de crioulo existentes no arquipélago. Não esquecer que o forro, sendo falado por 85% da população, é a língua nacional de maior relevo.

Nesta linha de pensamento, a divulgação de vultos da literatura do país não pode ser esquecida pela divulgação que fazem de aspectos próprios da literatura e tradições populares. Estes são valores a enaltecer e a preservar.

Comece por orientar os alunos na observação do mapa localizando, em primeiro lugar, São Tomé e Príncipe no âmbito da Comunidade de Países de Língua Portuguesa. Questione os alunos sobre os outros países do continente africano, e de outros continentes, localizando-os e ligando-os às respectivas bandeiras. Coloque questões do tipo:

- Quais os Países africanos de língua oficial portuguesa?
- No continente americano em que país se fala português?
- Em que outro continente se fala português? Em que país?
- Tens algum familiar a residir em algum destes países? Onde?

...

Leia o texto explicativo assinalando os vocábulos cujo significado seja desconhecido pelos seus alunos. Procure encontrar esses sinónimos no contexto da frase e depois consultar um dicionário.

O mesmo procedimento pode ser seguido no que respeita à literatura santomense e às tradições. Aproveite as imagens para explorar traços fisionómicos das personalidades e outros que entender oportunos.

- Conheces algum escritor santomense? Como se chama?
- E escritor moçambicano?
- E escritor brasileiro?
- Em que língua escrevem?

...

Após a leitura da informação do Manual passe à realização das tarefas do Caderno de Actividades. Propomos ainda a realização das seguintes actividades complementares.

### **Actividade 1**

Pode construir com o seu aluno um glossário de termos em crioulo (o que for predominante na região dos alunos) com respectiva correspondência em português.

Este glossário organizado, por ordem alfabética, pode ser ilustrado pelos alunos. Recomenda-se a construção colectiva do mesmo, havendo assim um único exemplar. Será conveniente organizar as folhas do glossário todas do mesmo tamanho e protegê-las com uma capa

### **Actividade 2**

Orienta os seus alunos na realização de uma recolha de contos, provérbios, adivinhas e poesias, junto dos mais idosos.

Cuide que os textos, podendo ser escritos em crioulo, tenham sempre correspondência em português padrão.

No final do ano lectivo, pode convidar os familiares mais próximos dos alunos (e outras individualidades que lhe pareça oportuno) para ouvirem ler os textos fruto da recolha que fizeram.

## 11\_PATRIMÓNIO NATURAL

A floresta existente nas ilhas de São Tomé e Príncipe é uma das florestas primárias equatoriais mais bem preservadas de todo o continente africano, tendo afinidades com as que se encontram nas outras ilhas do Golfo da Guiné e das altas montanhas dos Camarões. Vários factores contribuíram para a sua preservação até aos dias de hoje, entre eles, podemos salientar o relevo acidentado do interior das ilhas, as baixas densidades populacionais do arquipélago que determinaram uma fraca pressão demográfica, o facto de a população se ter fixado principalmente no litoral das ilhas. A sua condição insular favoreceu o desenvolvimento de um grande número de espécies endémicas (mais de 80), o que a torna particularmente interessante em termos botânicos.

A criação do Parque Natural do Ôbo, nas regiões centro-sudoeste das ilhas de São Tomé e do Príncipe, coincidindo o seu perímetro aproximadamente com os limites das zonas cultivadas nos finais do século XIX, conjuntamente com a criação do Jardim Botânico do Bom Sucesso, foram duas medidas que muito contribuíram para a preservação deste património florestal. A criação do Parque Natural do Ôbo justifica-se por diversas razões, pelo facto de:

- ser necessário proteger a região onde nascem a maioria dos rios do arquipélago, pois a sua destruição poderia provocar cheias e inundações graves, nas zonas baixas, e a erosão acelerada dos solos, principalmente nas encostas mais íngremes;
- o abate da floresta provocar alterações locais das condições climáticas e consequentemente destruir os habitats pondo em risco a sobrevivência das espécies animais e vegetais, reduzindo assim a biodiversidade;
- existirem aqui plantas medicinais que já há muito tempo desapareceram das regiões mais habitadas;
- a área do parque ser uma das áreas onde se encontram muitos dos animais de caça no arquipélago como, por exemplo, o macaco e o porco do mato, constituindo por isso, uma reserva proteica importante.

Para além do património florestal e animal, no qual se destacam as aves, entre elas o mocho, o periquito, o papagaio, o papa-figos e o beija-flor, existe também um património natural geomorfológico interessante, no qual podemos salientar:

- algumas nascentes de águas minerais, localmente conhecidas por "água flebê", que ainda se encontram pouco exploradas sob o ponto de vista económico;

- algumas manifestações secundárias de vulcanismo como as furnas, no ilhéu das Rolas, que atestam a origem vulcânica do arquipélago;
- os picos e os cones de origem vulcânica como, por exemplo, o do Cão Grande, que é um *neck*, ou seja, uma formação em forma cilíndrica que se eleva verticalmente, ou a Lagoa Amélia (1488m), que é o resultado do enchimento de uma cratera vulcânica;
- as cascatas resultantes das rupturas abruptas de declive, no leito dos rios;
- as formações litorais, como a Boca do Inferno, próximo de Água Izé, onde uma abertura nas rochas origina um repuxo;
- as praias, algumas delas constituem local de desova das tartarugas marinhas.

Todo este património natural constitui uma riqueza com forte potencial científico mas também turístico. O desenvolvimento desta actividade deverá, no entanto, ser controlado de modo a preservar a riqueza e a natureza deste património.

O conhecimento e a sensibilização à preservação e à valorização destas formas de património natural deverá iniciar-se desde os primeiros anos de escolaridade, para isso, deverá chamar-se a atenção dos alunos para aspectos como:

- pensas que se devem preservar as florestas? Porquê?
- que espécies de árvores conheces?
- qual a sua importância?
- que animais habitam a floresta?
- porque é que eles vivem principalmente na floresta?
- que plantas conheces na floresta?
- para que servem essas plantas?
- já alguma vez tomaste chá dessas plantas? Para quê?
- achas que é importante a criação de áreas protegidas como, por exemplo, o

Parque Natural do Ôbo?

- já visitaste um Jardim Botânico?
- que outras formas de património natural conheces?
- já estiveste ao pé uma fonte de água mineral ("água flebê")?
- que praias conheces?
- o que devemos fazer para proteger as praias?

Nesta fase da escolaridade, os alunos devem ser incentivados a consultar diferentes fontes de informação escrita para além do manual escolar, como, por exemplo, jornais, revistas, brochuras, folhetos, e também a obterem informações por

via oral, através do contacto com outras pessoas. Dessas informações devem ser capazes de fazer uma síntese elaborando pequenos textos (actividades 1, 2 e 3 do Caderno de Actividades). Para além disso, os alunos também devem ser incentivados a proporem medidas de protecção do património natural, a partir das suas vivências e das suas valorizações. (actividade 4).

**Actividade 1** – Construa com os alunos um pequeno Jardim Botânico, nos terrenos da escola, colocando placas com a identificação das plantas.

**Actividade 2** – Faca um levantamento da plantas medicinais mais utilizadas na comunidade.

diver-  
samente per



# **EXPRESSION PLÁSTICA**

## ORIENTAÇÕES GERAIS PARA O TRABALHO A DESENVOLVER NO ÂMBITO DA EXPRESSÃO PLÁSTICA

### 1. Introdução

Na 3ª e 4ª classes, os principais objectivos da **expressão plástica** são os mesmos que tinham sido já definidos para as duas primeiras classes do ensino básico.

Estes objectivos são transversais a todas as áreas da aprendizagem e da escolaridade, visando a possibilidade de as crianças se exprimirem **de forma livre**, através das suas representações do mundo, libertando a sua personalidade e afectividade (que, como sabemos, se articulam com a capacidade de aprendizagem).

É preciso ter em conta que o desenho e as representações gráficas e plásticas se integram nas **diferentes fases de desenvolvimento psicológico** (motor, intelectual e afectivo) das crianças.

Quando dizemos que se trata de uma expressão **livre**, isto significa que não deve haver indicações obrigatórias da parte do professor ou da professora (como deve ser o desenho, dar um modelo para copiar, etc.), mas sim incentivar a criança a manifestar espontaneamente o modo como se vê a si própria, às pessoas que a rodeiam e ao mundo que conhece ou imagina.

Para ser mais evidente o que dizemos, deixamos à disposição da/os docentes tabelas que fazem uma síntese das principais características do desenvolvimento das crianças segundo o ponto de vista de vários autores que têm vindo a estudar a evolução da capacidade expressiva e criadora da criança.

## DESENVOLVIMENTO DA CAPACIDADE EXPRESSIVA DA CRIANÇA

| ESTÁDIO                                   | HERBERT READ                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|-------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Rabiscar<br>(2/4 anos)                    | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Traçados a lápis sem objectivo: - movimentos puramente musculares do ombro, normalmente da direita para a esquerda.</li> <li>- Traçados a lápis com objectivo: - O rabisco é um centro de atenção e pode começar a ter um nome.</li> <li>- Traçados a lápis imitativos: o interesse dominante é ainda muscular, mas os movimentos do pulso substituíram os dos braços e os movimentos dos dedos tendem a substituir os dos pulsos - normalmente um esforço para imitar os movimentos do desenhador adulto.</li> <li>- Rabiscos localizados: - A criança procura reproduzir partes específicas de um objecto - fase de transição para o estágio seguinte.</li> </ul> |
| Linha<br>(4/5 anos)                       | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Controlo visual progressivo.</li> <li>- Figura humana - tema favorito - círculo para a cabeça, pontos para os olhos e linhas simples para as pernas.</li> <li>- Raramente, 2º círculo para o corpo e mais raramente um par de linhas para os braços.</li> <li>- Vulgarmente - os pés são representados mais cedo que braços e corpo.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| Simbolismo<br>descritivo<br>(5/7 anos)    | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Figura humana - é agora reproduzida com cuidado tolerável, mas com esquema simbólico rude.</li> <li>- O esquema geral assume um tipo bastante diferente de criança para criança, mas a mesma criança mantém-se bastante fiel, durante largos períodos, ao seu modelo favorito.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| Realismo<br>descritivo<br>(7/9 anos)      | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Os desenhos são ainda lógicos, mais do que visuais.</li> <li>- Põem o que conhecem não o que vêem.</li> <li>- Tentam catalogar num tema tudo quanto lembra ou tudo o que lhes interessa.</li> <li>- Tentativas de vista de perfil do rosto.</li> <li>- Ainda não se consideram perspectiva e opacidade.</li> <li>- Começam a revelar interesse pelos detalhes decorativos.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| Realismo<br>visual<br>(9/11 anos)         | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Passa da fase do desenho de memória e imaginação para a fase de desenho da natureza.</li> <li>- Duas fases: <ul style="list-style-type: none"> <li>1 - Bidimensional - apenas usa o contorno.</li> <li>2 - Tridimensional - tenta a consistência. Dá atenção à sobreposição e perspectiva. Tenta a paisagem.</li> </ul> </li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| Repressão<br>(11/15 anos)                 | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Esta fase começa mais vulgarmente aos 13 anos.</li> <li>- Parte do desenvolvimento natural da criança.</li> <li>- Progresso na tentativa de reproduzir objectos: <ul style="list-style-type: none"> <li>É laborioso e lento.</li> <li>Sente-se desiludido e desencorajado.</li> </ul> </li> <li>- O interesse é transferido para a expressão através da linguagem.</li> <li>- No desenho (se continua) a preferência vai para desenhos convencionais.</li> <li>- A figura humana torna-se rara.</li> </ul>                                                                                                                                                          |
| Renascimento<br>artístico<br>(15/16 anos) | <ul style="list-style-type: none"> <li>- O desenho floresce pela primeira vez numa actividade artística genuína.</li> <li>- Os desenhos contam uma história.</li> <li>- A distinção entre sexos é nítida.</li> <li>- Raparigas - amor pela riqueza da cor pela graça da forma.</li> <li>- Rapazes - tendem a usar o desenho mais como sai da mecânica e técnica.</li> <li>- Para muitos (as), talvez a maioria esta fase final não é nunca alcançada (por repressão no estágio anterior).</li> </ul>                                                                                                                                                                                                         |

## DESENVOLVIMENTO DA CAPACIDADE EXPRESSIVA DA CRIANÇA

| ESTÁDIO                         | LUQUET                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|---------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Realismo fortuito (2/4 anos)    | <ul style="list-style-type: none"> <li>- A criança traça para fazer linhas e não para fazer uma imagem.</li> <li>- Faz traços sem qualquer objectivo.</li> <li>- Não está ainda na posse de uma perfeita faculdade arábica.</li> <li>- O desenho é esporádico e torna-se, depois, intencional.</li> <li>- A criança tem o instinto da imitação.</li> <li>- Imita, não para fazer aquilo que faz outra pessoa, mas para fazer como essa pessoa.</li> <li>- Ela traça porque sente que tem um poder criador que a iguala às outras pessoas.</li> </ul> <p>Aplica a cada um dos seus desenhos uma interpretação; pode acontecer com frequência que o mesmo traçado receba sucessivamente várias interpretações.</p>                                                                                                                                              |
| Realismo falhado (4/6 anos)     | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Incapacidade sintética - imperfeição geral do desenho (característica do realismo falhado).</li> <li>- O desenho quer ser realista mas não chega a sê-lo.</li> <li>- A criança não sabe ainda dirigir e limitar os seus movimentos arábicos de modo a dar ao seu traçado o aspecto que quereria.</li> <li>- Só reproduz um número restrito de pormenores não ignorando a existência dos que não representa.</li> <li>- Os seus movimentos gráficos correspondem a uma certa ordem dependendo do grau de importância que lhes atribui.</li> <li>- As dimensões relativas dos diversos elementos não têm nenhuma correspondência.</li> </ul>                                                                                                                                                                           |
| Realismo intelectual (6/9 anos) | <ul style="list-style-type: none"> <li>- É superada a incapacidade sintética.</li> <li>- O desenho para ser parecido tem que conter todos os elementos reais do objecto, mesmo invisíveis e também os elementos abstratos que só têm existência no espírito do desenhador.</li> <li>- Oposição do realismo intelectual ao realismo visual.</li> <li>- Para indicação de certos pormenores a criança utiliza o contorno ou a mancha de cor.</li> <li>- Existência de legendas nos desenhos (mesmo quando ainda não sabe escrever).</li> <li>- Recorre à pictografia.</li> <li>- A criança inventa espontaneamente os seus processos.</li> <li>- Representação do objecto em projecção no solo ( planificação ).</li> <li>- Rebatimento ( utilizado nos objectos planificados ).</li> <li>- Mudança de ponto de vista - (planificação, rebatimento).</li> </ul> |
| Realismo visual (9/16 anos)     | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Realismo visual ( exclui os diferentes processos impostos pelo realismo intelectual.)</li> <li>- à transparência segue-se a opacidade ( supressão dos pormenores que são objectivamente invisíveis).</li> <li>- O rebatimento e a mudança de ponto de vista são substituídos pela perspectiva.</li> <li>- Representação do espaço - o sentido da profundidade é dado pela perspectiva linear, sombras, perspectiva cromática.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |

AUTOR: VIKTOR LOWENFELD  
IDADE

| 1                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | 2 | 3 | 4 | 5                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | 6 | 7 | 8                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       | 9 | 10                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          | 11 | 12 |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---|---|---|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---|---|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|----|
| GARATUJA                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |   |   |   | PRÉ-ESQUEMÁTICA                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |   |   | ESQUEMÁTICA                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |   | REALISMO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |    |    |
| Começa por riscos desordenados que evoluem até se converterem em desenhos.<br>Garatuja desordenada: traços sem sentido, variam em consistência e direcção; não há domínio muscular; a criança não tem intenção de reproduzir o que vê à sua volta; os desenhos são o reflexo do desenvolvimento físico e psicológico.<br>Garatuja controlada: descobre a relação entre os seus movimentos e os traços que risca no papel; controlo visual nos traços que executa - o que a entusiasma a desenhar; desenha com o nariz colado ao papel.<br>Garatuja com nome: dá um nome aos seus desenhos; desenha com intenção e compara-os com o seu meio ambiente.<br>Cor<br>Desempenha um papel secundário; usa as cores segundo determinada ordem, em relação directa com o lugar em que se encontram na caixa; o uso da cor é necessariamente exploratório.<br>Materiais<br>Deve adaptar-se às necessidades e características da criança; o papel deve ser branco e fino. |   |   |   | Começa a criação consciente da forma. É o começo de uma criação gráfica. Os traços já não são fruto de movimentos corporais, são controlados e referem-se a objectos visuais.<br>Aos cinco anos já se observam casas, pessoas e árvores e aos seis anos o desenho apresenta um tema.<br>A 1ª. forma reconhecível é o homem - o homem cabeçado. A criança desenha o que para ela é mais importante.<br>Distribui os elementos do desenho segundo a forma que vê. Eles parecem não ter qualquer relação entre si quanto à sua disposição no papel. Relaciona o espaço consigo próprio.<br>A maneira de representar as coisas indica as experiências que a criança teve com elas.<br>Cor<br>A relação entre o desenho e o objecto desperta mais interesse do que entre a cor e o objecto; se selecciona alguma cor é por razões mecânicas (ser + espessa); há que dar à criança ampla oportunidade, nesta idade, para descobrir as suas relações com a cor.<br>Só através de uma contínua experimentação, a criança estabelecerá uma correspondência entre as reacções afectivas - cor e a organização harmónica desta no seu desenho. |   |   | Há um conceito definido do homem e do seu ambiente. Repete continuamente esquemas de objectos e seres vivos. Estes estão determinados pelo significado afectivo que a criança lhes atribui.<br>A figura humana é facilmente reconhecível; desenha diferentes partes do corpo, segundo o conhecimento activo que tem do mesmo. Verifica-se a existência de símbolos para os pés e mãos.<br>Descoberta da existência de uma ordem em relação ao espaço; todo o ambiente se expressa numa linha de base; a linha do céu aparece traçada na parte superior do desenho (o espaço entre as 2 linhas representa o ar).<br>Representações subjectivas são outro tipo de representação do espaço. Há também representações que apresentam um misto de plano e elevação.<br>Nos desenhos infantis aparecem 3 formas de desvios: exagero das partes importantes - supressão das partes não importantes - mudança de símbolos para partes com significado afectivo. |   | Esta etapa da evolução é muito importante na integração social da criança.<br>Surge a distinção rapaz-rapariga devido à tomada de consciência das diferenças físicas. Formam-se grupos segundo o sexo. Tentativa de independência.<br>Na figura humana há distinção entre rapaz (representado com calças) e rapariga (representada com saias). Há uma carência de representação visual (os vestidos não têm pregas e em baixo são rectos).<br>A figura humana é ainda um pouco exagerada, mas vai desaparecendo ao longo da etapa.<br>Os elementos do desenho aproximam-se da natureza e adquirem um significado próprio.<br>A criança já se preocupa com o pormenor.<br>Descobre o plano e desaparece a linha de base.<br>Toma consciência que um objecto pode cobrir outro segundo a sua posição no espaço. Estabelece relações harmoniosas.<br>Cor<br>Existe grande carência na forma como a criança muda a sua expressão. Vai desde a relação cor objecto até à caracterização da cor. Goza com as cores e revela agora uma > sensibilidade para as diferenças e semelhanças entre elas |    |    |

El niño e su Arte, Buenos Aires, Kapelusz, 1973

## ESTÁDIOS DE DESENVOLVIMENTO DA EXPRESSÃO DA CRIANÇA

JUDITH BURTON

| ESTÁDIO                       | CARACTERÍSTICAS                                                                                                                                                                               | EXEMPLOS                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | PAPEL DO PROF.                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|-------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Começo da linguagem artística | As crianças trabalham os materiais; transformam-nos e aprendem os conceitos básicos visuais, relacionais e expressivos.                                                                       | Traçam ao acaso actividade lúdica.<br>Materiais usados para conjuntos de actividades.<br>Actividades de selecção, controlo e inventivas - aprendizagem das propriedades e qualidades que distinguem cada material.<br>Criação com intenção - linhas, formas, cores e suas combinações em configurações e desenhos.                    | Reconhecer o conjunto de acções e intenções da criança.<br>Reforçar e ampliar a actividade através do diálogo, concentrando a criança nas suas actividades e aprendizagem.<br>Apresentar novas opções e possibilidades de exploração.<br>Discussão e diálogo.                                                        |
| Os primeiros símbolos visuais | As crianças aprendem a ligar as ideias que têm dos materiais com as ideias que têm das coisas, criando símbolos organizados.<br>Estádios sensório-lógico e de sentimento - conteúdo de acção. | Identificação depois de um trabalho feito - assunto fluido e pouco consistente.<br>Identificação durante o processo - ideias do assunto fluidas mas moldagem directa da imagem final.<br>Identificação precedente, mas ideia conduzida através de todo o trabalho até à imagem final - ligações ainda baseadas no sentimento e acção. | Deixar a criança ligar as suas ideias com os materiais no seu tempo próprio.<br>Continuar ao suporte de exploração das diferentes propriedades e qualidades dos materiais.<br>Preparar lições estruturadas de modo a fomentar não só a exploração mas também os primeiros passos na criação de símbolos organizados. |

## JUDITH BURTON

| ESTÁDIO                                               | CARACTERÍSTICAS                                                                                                                                                                                                                         | EXEMPLOS                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | PAPEL DO PROF.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|-------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Acontecimentos visuais                                | As crianças aprendem a reflectir nas suas experiências à medida que criam imagens de objectos e composições de acções a contecimentos.                                                                                                  | Representações planeadas de objectos: categorias básicas, sub-categorias de identidade, sexo e função.<br>Combinações de objectos em representações planeadas de acontecimentos vividos directamente ou de memória.<br>Enfoque nos aspectos concretos do contorno, representação de acção, características de pormenor, relações de tamanho e proporção, cor e formas sobrepostas. | Investir em novas curiosidades e interesses no mundo dos objectos e acontecimentos.<br>Focar a exploração das diferentes características dos objectos igual/diferente, pequeno/grande, etc.<br>Fazer a ligação das novas ideias sobre os objectos com as propriedades e qualidades dos materiais e ajudar as crianças a integrar ambos os conjuntos de ideia.                                                                       |
| Representação de experiências de imaginação e memória | As crianças vêm o mundo criticamente.<br>Procuram novas informações observando, registando e inventando à medida que criam representações das suas experiências.<br>Começo da preocupação com a representação do espaço tridimensional. | As crianças desgostam-se muitas vezes dos seus próprios esforços.<br>Emergência do interesse na 3ª dimensão: esforço, projecção.<br>Fatos, posições, pormenores compreendidos para mostrar o carácter da pessoa; preocupação com a descrição da proeza na acção, parecer bonito ou feliz.                                                                                          | Encorajar trabalhos de memória e observação e permitir a cada actividade suportar a outra.<br>Convidar as crianças a escolher os modelos de entre uma larga gama de diferentes tipos de objectos manuais e naturais.<br>Fazer descobrir novos pontos de vista, perspectivas não usuais, pormenores característicos e ajudar as crianças a explorar as ligações entre elas.<br>Sustentar e integrar ideias novas sobre os materiais. |

## JUDITH BURTON

| ESTÁDIO                                                     | CARACTERÍSTICAS                                                                                                                                                                                                                                             | EXEMPLOS                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | PAPEL DO PROF.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|-------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Representação de experiências<br>ideias à procura de formas | Os jovens tornam-se conscientes das múltiplas possibilidades e pontos de vista na criação de obras de arte.<br>As suas representações e respostas ao seu trabalho estão intimamente ligadas ao sentido de uma mudança do seu eu e uma perda de competência. | Desencantamento com os seus próprios esforços e tendência para compararem com exemplos adultos.<br>Discrepância entre ideias e sentimentos sobre os assuntos e a habilidade para manipular os materiais de modo a exprimir ideis.<br>Exploração de perspectiva e volume.<br>Representação de temas baseados no amor, poder da morte, fraqueza em relação ao futuro.<br>Exploração de diferentes estilos com ênfase no realismo.<br>Exploração de materiais através de jogos. | Planear exercícios sequenciais designados para reexplorar e alargar ideias sobre os materiais e seu uso potencial.<br>Permitir novas aprendizagens em contextos de interesse para adolescentes.<br>Encorajar a observação cuidadosa e pensada da estrutura, massa e volume dos objectos.<br>Dar suporte ao desenvolvimento de ideias através de uma série de passos estruturados dando possibilidade de mudança e possibilitando a lógica da mudança e transformação.<br>Evitar o ensino de regras formais de perspectiva antes dos jovens terem, eles próprios, adquirido estes conceitos abstratos em contextos de interesse para eles. |

**NOTA:** O conteúdo de cada estádio foi esquematizado. No entanto, é de ter em atenção o facto dos estádios não serem exclusivos. Na prática há uma sobreposição de estádio para estádio e por vezes as crianças podem regressar a um estádio anterior se vier de encontro a uma necessidade. Também, numa classe, o professor tem que reconhecer que pode haver crianças de vários estádios.

A **expressão plástica** deve estar sempre presente e, como foi dito, ser integrada nas outras áreas, de acordo com a ordem das unidades de conteúdo. Com efeito, é um dos melhores meios para conhecer cada criança, as suas vivências e preocupações, sonhos e realidades, desenvolvendo, ao mesmo tempo, a sua imaginação e criatividade. É importante não esquecer que as propostas de actividades de expressão plástica, devem evoluir em cada classe e em cada ano, em função do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças.

Por tudo isto, não há, na expressão plástica, *exercícios* programados e obrigatórios pois trata-se de uma actividade que se inclui nas propostas das outras disciplinas.

Mas, na 3ª e 4ª classe, as alunas e alunos de forma mais autónoma e elaborada são capazes de utilizar uma maior diversidade de técnicas de expressão plástica, tais como por exemplo: a **colagem** e a **modelagem**. Cada vez mais conseguem conjugar várias técnicas e materiais para a **construção de jogos e materiais**, como fantoches, instrumentos de música, lotos, dominós, etc.

## Técnicas:

### Colagem

- A cola pode ser feita de farinha e água
- Podemos assim colar qualquer tipo de materiais – papel; cartão; pedras pequenas; conchas; fragmentos de louça; etc.
- O papel colado pode ser trabalhado de várias maneiras:
  - o O papel é rasgado e conseguimos uma forma com uma justaposição dos diferentes pedaços;
  - o O papel é recortado e podemos juntar outros elementos;
  - o Podemos fazer sobreposições;
  - o Se o papel é transparente ou semitransparente podemos fazer sobreposições jogando com as transparências;
- O mosaico consegue-se a partir da sobreposição de pedras pequenas ou conchas sobre um suporte forte.

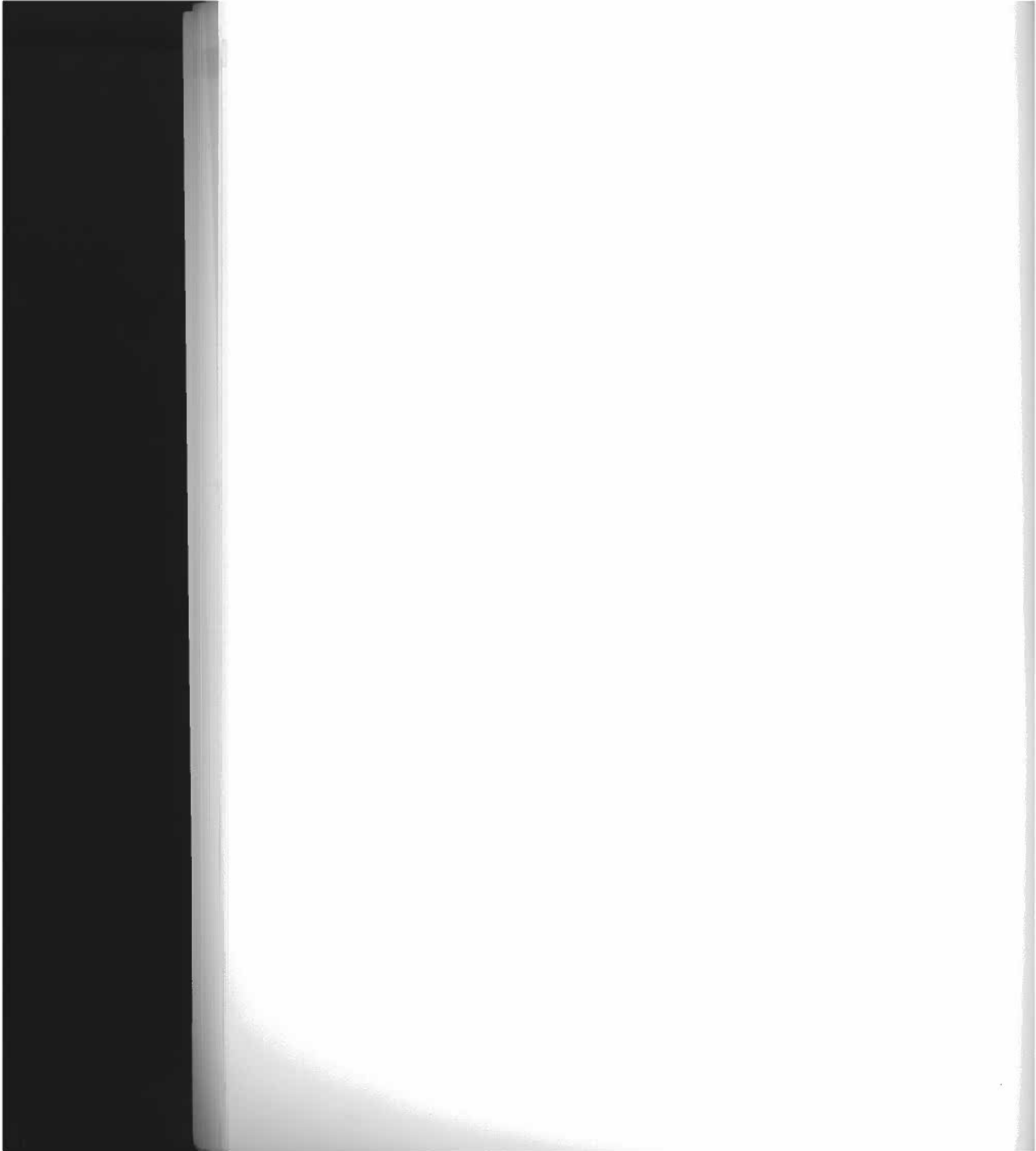
### Barro

- O barro (terra especial misturada com água) permite fazer bases para a construção de objectos, fantoches, máscaras, que podem ser recobertos com tiras de papel misturadas com cola e pintadas.



(Exemplo do fantoche)







# **EXPRESSION DRAMATICA**

### Orientações Gerais

Na 4ª classe, em expressão dramática, continua a trabalhar-se a **imitação** de pessoas: os seus gestos, actos e atitudes; a imitação de coisas e animais, as suas formas, os seus movimentos. Continua a trabalhar-se a **mímica**, ou seja, a representação por gestos sem recorrer à fala, permitindo o desenvolvimento da comunicação não-verbal. Trabalha-se a **improvisação** ou seja a livre exploração de temas em acções livres sem obedecer a texto ou guião escrito, apenas com uma preparação mínima, permitindo que as crianças se expressem pela palavra e pela acção. Trabalha-se a **dramatização** ou seja a representação apoiada num guião escrito, com preparação prévia, definindo as **personagens**, a **acção** (o que acontece) e os **espaços** onde as coisas acontecem. As dramatizações devem ser preparadas, ensaiadas, e em seguida representadas diante dos outros grupos. No final devem ser discutidas e avaliadas por todos.

Na dança faz-se recolha de **danças tradicionais**, recriam-se essas danças, experimentam-se **danças novas pequenas coreografias** com movimentos criados pelas crianças.

Alguns objectivos devem estar sempre presentes como:

- resolver criativamente situações propostas;
- organizar de forma criativa elementos das suas vivências naturais;
- integrar diferentes áreas de expressão e comunicação;
- utilizar as linguagens corporal e vocal para expressar sentimentos e ideias;
- desenvolver a sensibilidade artística e o sentido crítico;
- reflectir sobre valores e atitudes;
- dominar uma linguagem técnica simplificada;
- cooperar com os outros em actividades interpessoais e de grupo

## **Tema 1: POR TERRAS DE S. TOMÉ E PRÍNCIPE: GENTES E HISTÓRIAS DO MEU PAÍS**

### **Sessão 1**

#### **Objectivos:**

Desenvolver o domínio respiratório

Desenvolver a oralidade

Desenvolver o imaginário

Utilizar a linguagem corporal para expressar sentimentos e ideias

Realizar uma improvisação em grupo

### **1 - Respiração**

As crianças imaginam que se encontram no Jardim Botânico do Bom Sucesso a respirar o ar puro. Inspiram pelo nariz e expiram lentamente pela boca. Fazem o exercício três vezes, abrindo os braços na inspiração e fechando os braços na expiração.

### **2 - Descobrir o Ôbo**

As crianças imaginam que caminham no Ôbo, afastando a vegetação para poderem passar, até chegarem a uma cascata onde se podem banhar livremente. Depois do *banho* sentam-se, fecham os olhos, e imaginam o que poderiam encontrar no Ôbo.

Sentadas em roda cada uma fala daquilo que imaginou.

### **3 - Um dia no Ôbo**

Em grupos, cada grupo improvisa um dia passado no Ôbo, desde manhã até à noite, ao longo do qual acontecem várias peripécias que despertam vários sentimentos como alegria, medo, surpresa, irritação, dor, entusiasmo, etc. Combinam rapidamente o que vão fazer, e em seguida, um grupo de cada vez, realiza a sua improvisação para os outros grupos.

### **4 - Notícias de S. Tomé e Príncipe**

A partir das improvisações realizadas anteriormente, cada grupo inventa uma notícia relacionada com o Parque Natural Obô. Em seguida, em cada grupo, uma criança faz de apresentador de televisão que diz a notícia, enquanto as outras crianças do grupo representam as imagens da notícia em mímica. Os outros grupos observam e, em seguida, comentam.

## Sessão 2

Objectivos:

Conhecer os principais componentes do teatro

Conhecer e apreciar formas nacionais de teatro e dança

Escrever um argumento

Definir personagens

Criar máscaras e personagens correspondentes

Desenvolver o imaginário

Desenvolver a oralidade

### 1 - O que é o Tchiloli

Levar as crianças a tomar contacto com esta forma de teatro tradicional, através de uma representação ao vivo, através de imagens, ou através de relatos de pessoas que conhecem esta forma de representação, pessoas que assistem regularmente, ou pessoas que participam nessa representação.

Explicar às crianças que o Tchiloli é uma mistura de teatro, música e dança, que tem origem em peças de teatro representadas na Europa, noutros tempos, por companhias de comediantes que andavam de terra em terra a representar. Os actores são todos do sexo masculino, cinco dos quais representam papéis de personagens femininas, vestindo-se e caracterizando-se para isso.

### 2 - O Argumento em teatro

Explicar às crianças que o **Argumento** em teatro é o resumo daquilo que se passa na peça de teatro. Depois de dar a conhecer o que acontece ao longo da peça do Tchiloli, pedir às crianças que escrevam o argumento do Tchiloli. Exemplo:

**Argumento:** O Marquês de Mântua, andando perdido na caça, encontrou o seu sobrinho Valdevinos, no chão, ferido. O autor do crime foi condenado pelo Príncipe Carloto.

### 3 - Os elementos do teatro

Os elementos do teatro respondem às perguntas:

Quem? - As personagens.

O quê? - A acção

Quando - O tempo

Onde - O espaço cénico

**Personagens** são pessoas ou outros seres vivos ou coisas que tomam características humanas, que falam e se mexem, como por exemplo o Sol, árvores, extraterrestres, casas, etc, etc; **Acção** é o desenrolar dos acontecimentos, o que vai acontecendo com as personagens; **Tempo** é a hora do dia ou a época em que decorre a acção; **Espaço Cénico** é onde decorre a acção.

**Cenários** – são objectos ou estruturas que decoram e identificam o espaço cénico.

**Actores** - são as pessoas que representam as personagens. Para se transformarem nas personagens, recorrem por vezes à **caracterização** através da **maquilhagem** ou de pintura do rosto, ou do uso de **máscaras** e de **guarda-roupa** e **adereços**, e também ao uso especial da voz.

**Encenador** - é a pessoa que decide como vai ser representada a peça, e que dirige os actores nos ensaios, até a peça estar pronta para ser representada tornando-se um espectáculo de teatro.

**Público** - são as pessoas que assistem ao espectáculo de teatro.

**Críticos** - são as pessoas que falam nas rádios ou nas televisões, ou escrevem nos jornais ou nas revistas sobre os espectáculos, fazendo uma apreciação crítica, técnica e artística dos espectáculos.

## 2 - As personagens do Tchiloli

Pedir às crianças que definam as personagens do Tchiloli. Exemplo:

**Personagens:**

Marquês de Mântua;

Valdevinos, sobrinho do Marquês;

Príncipe Carloto, etc.

### 1 - As máscaras e o guarda-roupa do Tchiloli

Explicar às crianças o significado das máscaras e do guarda-roupa das diferentes personagens do Tchiloli.

### 2 - A minha máscara

Cada criança realiza uma máscara inspirada nas máscaras do Tchiloli. Em seguida cria uma personagem para a sua máscara e apresenta-se como se fosse essa personagem inventando o nome e o que lhe acontece na peça de que faz parte.

**Sessão 3**

Objectivos:

Conhecer os principais componentes do teatro

Conhecer e apreciar formas nacionais de teatro

Desenvolver a capacidade de improvisação

Desenvolver o imaginário

Desenvolver a oralidade

Organizar o espaço em função da acção dramática

Cooperar com os outros em tarefas comuns

**1 - O Auto de Floripes**

Contar o que se passa no Auto de Floripes.

**2 - O nosso Auto de Floripes**

Cada grupo improvisa a partir do Auto de Floripes criando novas personagens e novas situações.

**4 - Os elementos da nossa improvisação**

Depois de realizadas as improvisações, cada grupo preenche o seu guião definindo: as cenas, os espaços cénicos, as personagens, a acção, as falas, os sons, etc.

Em seguida um porta voz de cada grupo lê o guião e todos comentam.

| Guião         |             |       |       |      |
|---------------|-------------|-------|-------|------|
| Espaço cénico | personagens | acção | falas | sons |
|               |             |       |       |      |

**Sessão 4**

Objectivos:

Pesquisar danças populares

Conhecer e apreciar formas nacionais de dança

Dominar alguns passos de dança tradicional

Memorizar sequências de movimentos

Coordenar os movimentos com a música

Explorar maneiras pessoais de desenvolver o movimento

Criar coreografias simples

Analisar e apreciar a dança

### 1 - A Dança

Explicar às crianças que os elementos da dança são o **corpo**, o **espaço** onde o corpo se movimenta, a **energia** que o corpo emprega nesse movimento, e a **relação** que o corpo estabelece com outro corpo ou outros corpos ou com objectos.

Na dança os executantes são os **bailarinos/bailarinas**, ou **dançarinos/dançarinas**.

Na dança contemporânea chama-se **coreógrafo** ou **coreógrafa** à pessoa que cria as danças e dirige os bailarinos nos ensaios até à realização do espectáculo de dança.

### 2 - Danças tradicionais de S. Tomé e Príncipe

Solicitar às crianças que junto das suas comunidades recolham nomes de danças tradicionais e maneiras de dançar.

Explicar a origem das danças tradicionais mais conhecidas e levar as crianças a tomar contacto com essas formas de dança tais como: a Dêxa, o Danço Congo, o Socopé, etc.

### 3 - Aquecimento

Ao som de música movimentam de cada vez os pés, depois as pernas, o rabo, as costas, os braços, as mãos, a cabeça. Depois movimentam duas partes do corpo ao mesmo tempo e depois tentam movimentar todas ao mesmo tempo.

### 4 - Dançar à maneira tradicional

Solicitar às crianças que exemplifiquem e experimentem formas de dançar que conhecem.

### 5 - Inventar uma dança

Em pequenos grupos as crianças inventam danças a partir das danças tradicionais que conhecem e em que tenham que: **andar**, **correr**, **saltar**, **girar**, **cair** e **levantar-se**; e fazê-lo em diferentes direcções: para a **frente**, para **trás**, para **cima**, para **baixo**, para a **direita**, para a **esquerda**; em que tenham que **balancear**, **puxar**, **empurrar**, **torcer** e **tremar** com diferentes energias ora **forte** ora **fraca**, ora **agressiva** ora **doce**, sem esquecer **pausas** e **velocidades diferentes**.

Cada grupo mostra a sua dança depois de a ensaiar. No final todos comentam o que viram e realizaram.

**6 - Fotografia das nossas danças**

Fazem um desenho que represente a dança de um dos grupos que viram dançar e em seguida falam do seu desenho.

**Tema 2: POR OUTRAS TERRAS DE ÁFRICA...****Sessão 5**

Objectivos:

Criar e manipular fantoches

Desenvolver a memória

Explorar as capacidades expressivas da voz

Desenvolver a criatividade

Desenvolver o domínio respiratório e vocal

Desenvolver a oralidade

Cooperar com os outros em tarefas comuns

**1 - A tartaruga adivinhadora**

As crianças recordam o texto *A tartaruga adivinhadora* trabalhado em Língua Portuguesa e escolhem uma das três personagens da história: o Imperador, a Tartaruga, a Rainha.

**2 - As personagens em fantoches**

Cada criança realiza um fantoche que represente a personagem que escolheu. Guardam os fantoches.

**3 - Descontracção**

Caminham pela sala criando formas de andar para as diferentes personagens do texto que representaram em fantoches. Ao sinal de palmas mudam de personagem. Ex: começam a andar como a rainha, depois como a tartaruga, etc.

**4 - Aquecimento vocal**

As crianças murmuram, de lábios fechados, a música de uma canção trabalhada em Expressão Musical.

**5 - A voz da personagem**

As crianças experimentam vozes especiais para a personagem que representa o seu fantoche. Experimentam várias vozes e depois escolhem a preferida.

**6 - Teatro de fantoches**

As crianças, em grupos de três, representam a historia inventando os diálogos, manipulando os fantoches, e acrescentando-lhes a voz que escolheram.

**7- Vamos falar do que fizemos**

Todos comentam o que realizaram e viram realizar.

**Sessão 6**

Objectivos:

Definir e organizar espaços cénicos

Improvisar sobre texto dramático

Mimar atitudes, gestos e acções

Desenvolver o domínio da leitura expressiva

Utilizar adereços, cenários, caracterização, guarda-roupa, som

Realizar dramatização a partir de um tema

Participar em actividades interpessoais e de grupo

**2 - Macacos e cágados**

As crianças recordam o texto de teatro *O macaco e o cágado*, trabalhado em Língua Portuguesa. Em seguida movimentam-se imitando o andar dos macacos e o andar dos cágados experimentando diferentes direcções e velocidades, andando ora com dificuldade ora com ligeireza.

**3 - O espaço cénico**

Em grupos, cada grupo organiza o espaço da sala para representar os três actos da peça: o caminho onde as personagens se cruzam, a casa do macaco, a casa do cágado. Definem bem cada um dos espaços cénicos, usando adereços e cenários simples.

**4 - Dramatização com narrador**

Cada grupo representa a peça em mímica seguindo as falas de narradores: as personagens vão mimando as acções enquanto outras crianças lêem as falas das personagens.

### 5 - Solidariedade em cena

Cada grupo prepara livremente uma dramatização a partir do tema solidariedade criando personagens e acções e definindo os espaços cénicos.

Cada grupo mostra a sua dramatização seguida de debate sobre o que se fez e o que se observou.

## Tema 3: PELO RESTO DO MUNDO...

### Sessão 7

Objectivos

Melhorar o domínio corporal

Explorar diferentes níveis e direcções no espaço

Explorar diferentes formas e atitudes corporais

Explorar capacidades expressivas da voz

Utilizar uma linguagem simbólica

Desenvolver o imaginário e a criatividade

Desenvolver a oralidade

### 1 - Em movimento

As crianças movimentam-se pela sala como se fossem ondas do mar.

Movimentam-se como se fossem as chamas de uma fogueira.

Movimentam-se como se fossem um vento muito forte, depois fraco, depois remoinho.

### 2 - O mar, o fogo, o vento, a chuva

Em pequenos grupos, cada grupo representa em conjunto o mar, a sua forma, movimento e som. Depois o fogo, o vento, a chuva.

### 3 - Árvores

Todas as crianças se agacham, imaginando que são a semente de uma árvore, e iniciam movimentos acompanhados de sons vocais representando o crescimento da árvore – das suas raízes, do seu tronco, dos seus ramos, das suas folhas, das suas flores, dos seus frutos. Finalmente deixam-se ficar um pouco *a balançar ao vento* murmurando uma cantiga que inventam. Deslocam-se como árvores que andassem e se relacionassem umas com as outras em movimento.

#### 4 - A Água

Cada grupo discute diferentes utilizações que o ser humano faz da água em diferentes partes do mundo. Em seguida prepara uma dramatização que contemple duas situações: uma com uma boa utilização da água, outra com uma má utilização da água.

No final comentam todas as dramatizações.

#### Sessão 8

Objectivos:

Desenvolver o domínio respiratório

Explorar capacidades expressivas da voz

Utilizar a linguagem corporal para expressar sentimentos e ideias

Organizar e recriar o espaço

Gerir espaços interpessoais

Criar e utilizar caracterização, adereços e cenários

Resolver criativamente situações propostas

Participar em actividades interpessoais e de grupo

Realizar dramatização a partir de situação proposta

#### 1 - Respiração

Imaginam que têm uma pena de galinha na palma da mão, e depois de inspirarem, sopram muito devagarinho como se quisesse pôr a pena a voar, até terem ar. Voltam a inspirar. Repetem o exercício algumas vezes.

#### 2 - Aquecimento da voz

Inspiram e emitem um som de lábios fechados murmurando: ummmmmmm.

Repetem algumas vezes.

De lábios fechados murmuram uma canção que todos conheçam.

#### 3 - Línguas inventadas

Pares. Dialogam com sons vocais mas sem palavras. Um produz um som e o outro responde, etc.

Dialogam em *línguas* inventadas: com pressa, com medo, com vaidade, a ralar, muito contentes, com sono, etc.

**4 - Ajuda-me...**

Cada grupo pensa numa situação em que pessoas de uma determinada parte do mundo precisam de ajuda, e improvisa essa situação em mímica. Cada grupo mostra a sua improvisação. Os outros tentam descobrir quem são as pessoas e em que situação se encontram.

**5 - Acontecimentos mundiais**

As crianças lembram diferentes acontecimentos mundiais que estudaram e que envolvem pessoas de todo o mundo, como os Jogos Olímpicos, por exemplo, e criam uma dramatização sobre esse acontecimento, organizando o grupo, e recorrendo a diferentes formas de expressão.

Exemplo: um grupo de crianças encarrega-se dos noticiários referentes ao acontecimento redigindo as notícias e encenando-as em seguida (televisão, rádio, venda de jornais). Um outro grupo encarrega-se dos cenários e adereços, outro decide quais as actividades desportivas e quem as pratica e representa-as, outro grupo encarrega-se da dança de abertura, etc.

**6 - Vamos falar do que fizemos****Sessão 9**

Objectivos:

Objectivos:

Melhorar o domínio corporal

Desenvolver a imaginação

Desenvolver a capacidade de imitação

Recrir o espaço circundante

Explorar criativamente as potencialidades expressivas do corpo

Gerir espaços interpessoais

Desenvolver a oralidade

**1 - Aquecimento**

As crianças movimentam-se pela sala ao som de música, mexendo os pés, depois as pernas, o rabo, as costas, os braços, os ombros, as mãos, a cabeça, e depois tentando mexer tudo ao mesmo tempo.

**2 - Animal da Terra**

Cada grupo representa em conjunto a forma de um animal que vive na Terra e as suas três funções: andar comer e dormir.

**3 - Animal do Espaço**

Cada grupo inventa um animal fantástico que habita o espaço, dando-lhe forma e as três funções: andar, comer e dormir.

**4 - A criação do Universo**

Cada grupo realiza uma improvisação criando e ordenando o universo, criando e definindo os diferentes espaços do universo e as suas características: sons próprios, criaturas que os habitam, etc.

Cada grupo mostra o universo que criou.

**5 - Desenho síntese**

Cada criança faz um desenho a partir dos universos criados pelos grupos nas suas improvisações. Em seguida, sentadas em roda, as crianças falam dos seus desenhos.

**Sessão 10**

Objectivos:

Desenvolver a capacidade de imitação

Explorar as capacidades expressivas da voz

Desenvolver a imaginação

Desenvolver a oralidade e a escrita

Utilizar a linguagem corporal para se expressar

Explorar capacidades de improvisação

Cooperar com os outros em actividades de grupo

**1 - Palavra inventada e movimento**

De pé, em roda, uma criança de cada vez diz uma palavra inventada acompanhada de um movimento. As outras crianças imitam em seguida.

**2 - Inventar línguas**

Uma criança dá ordens de movimento numa língua inventada, outra criança faz de conta que traduz o que diz a primeira, inventando as ordens que ela vai dando e executando as mesmas. As outras crianças imitam os movimentos.

Exemplo:

1ª criança: – *Blá blá blá tim cásim má.*

2ª criança: – *Levantar os braços e andar para trás.*

Todas as outras imitam.

### 3 - Os turistas

Cada grupo prepara uma improvisação de uma visita turística: cada grupo decide o país que vai visitar, decide quem são os turistas e quem é o guia turístico. O guia fala uma língua inventada e vai mostrando os locais turísticos.

No final cada turista escreve um postal a um amigo relatando o que viu e ilustrando o postal com desenhos do país que visitou.

### 4 - Leitura do postal ilustrado

Cada criança lê o postal que escreveu, de várias maneiras: com pressa, com medo, com vaidade, a ralar, muito contente, com sono.

Cada criança pensa na personagem que recebeu o seu postal e lê o postal imitando a voz dessa personagem.

No final todas as crianças revelam a sua personagem e falam da visita que realizaram.

## Sessão 11

Objectivos:

Explorar maneiras pessoais de desenvolver o movimento

Acompanhar as variações rítmicas

Improvisar a partir de diferentes estímulos

Memorizar sequências de movimentos

Criar coreografias simples

Realizar dramatização a partir de uma história

Aperfeiçoar a técnica do teatro de sombras

Desenvolver a sensibilidade artística e o sentido crítico

### 1 - Descontracção

As crianças movimentam-se e ao sinal de palmas param como estátuas. Novo sinal e voltam a movimentar-se, etc.

## 2 - A Dança do sol e a Dança do mar

As crianças recordam o texto a Lenda do Mar trabalhado em Língua Portuguesa e em grupos criam livremente duas danças para o Sol e para o Mar cortejarem a Lua, escolhendo os sons e os instrumentos que acompanham cada uma das danças.

## 3 - Teatro de sombras

Cada grupo prepara a dramatização do texto e escreve o guião definindo os espaços cénicos, as personagens, a acção, as falas, os sons, etc.. Prepara a dramatização em sombras, incluindo as danças criadas anteriormente. Cada grupo prepara a sua dramatização em sombras com o auxílio dos outros grupos. Cada grupo apresenta a sua dramatização e no final comentam todas as dramatizações realizadas.

(Para a realização do teatro de sombras, é necessário uma fonte de luz que pode ser um projector, uma lanterna, etc., e um pano branco ou papel. As personagens, pessoas, ou figuras recortadas em cartão, colocam-se entre a fonte de luz e o pano onde se projecta a sua imagem).



**Sessão 12**

Objectivos:

Utilizar a linguagem corporal para expressar sentimentos e ideias

Desenvolver a oralidade e a escrita

Gerir espaços interpessoais

Resolver criativamente situações propostas

Cooperar com os outros em actividades interpessoais e de grupo

Reflectir sobre valores e atitudes

Realizar pequenas improvisações

**1 - Descontracção**

As crianças andam apressadamente por todo o espaço e a um sinal param imediatamente em completa imobilidade. Depois continuam a andar repetindo o exercício várias vezes. Por fim pedir às crianças que sempre que pararem pensem no que estariam a fazer na rua, ou na montanha, ou na floresta, ou na praia, etc., na posição em que pararam, e comuniquem a toda a turma ou a quem estiver mais próximo.

**2 - Os jogos preferidos**

As crianças recordam jogos que realizaram em expressão dramática e seleccionam alguns que realizam em seguida.

**3 - Improvisação**

Divididas em grupos as crianças representam livremente (usando o corpo, a voz, objectos, sons, etc.):

**S. Tomé e Príncipe** - escolhendo três ou quatro coisas características do país.

**África** – cada grupo representa o continente africano escolhendo três ou quatro coisas que ache que são características de África.

**Outro Continente** – cada grupo representa um outro Continente escolhendo três ou quatro coisas que lhe são características.

**Espaço** - cada grupo cria um espaço imaginário fora do planeta Terra e representa-o.

#### **4 - Receita para um mundo perfeito**

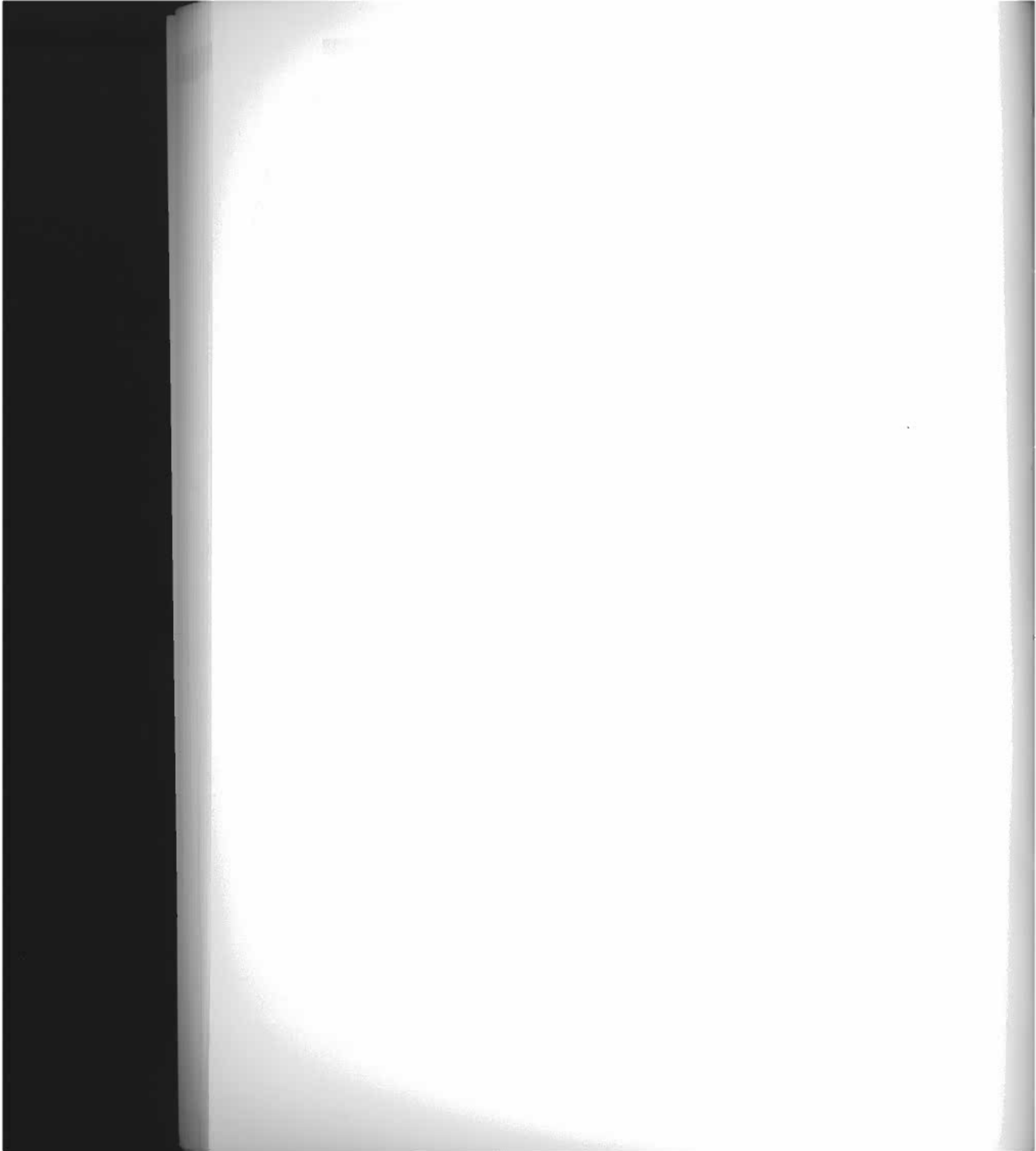
Dividem-se em três grupos. Em cada grupo, cada criança escreve numa folha de papel que passa de mão em mão, um ingrediente para uma receita para um mundo melhor, sem ler o que está escrito anteriormente. No final uma criança de cada grupo lê a receita final.

#### **5 - Coisas importantes**

Cada criança faz um desenho do mundo com as coisas que para si são mais importantes. Depois todas as crianças falam dos seus desenhos.



# **EXPRESSION MUSICAL**



## **ORIENTAÇÕES GERAIS PARA O TRABALHO A DESENVOLVER NO ÂMBITO DA EXPRESSÃO MUSICAL**

Na 4ª Classe, no que respeita à Expressão Musical, pretende-se, sobretudo, consolidar tudo quanto foi trabalhado nos anos anteriores. Trata-se de aplicar os conhecimentos adquiridos, no que respeita à linguagem e código musicais, a uma prática musical que se pretende cada vez mais exigente, não só quanto à complexidade do repertório e das tarefas a executar, mas, sobretudo, quanto à qualidade da produção musical.

Porém, importa insistir na ideia de que só uma prática musical continuada e sistemática permite o desenvolvimento das competências (auditivas, vocais, motoras, rítmicas, etc) indispensáveis à produção musical, seja ela vocal ou instrumental.

Sugerimos, então, que se continue a adoptar a estrutura de aula utilizada até aqui.

Serão dadas algumas sugestões de actividades e de exercícios a realizar em cada um dos momentos, mas espera-se que, no final deste percurso de três anos, os professores sejam capazes de, a propósito desses vários momentos, criar as suas próprias actividades, tendo em conta os recursos de que dispõem e as características dos seus grupos de crianças.

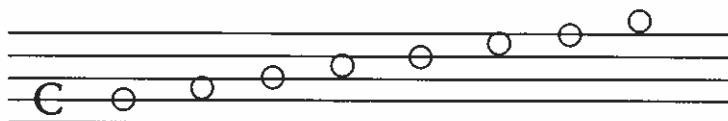
Finalmente, importa ainda referir que, à semelhança do que aconteceu para as 1ª, 2ª e 3ª classes, é em torno das unidades temáticas do Meio Físico e Social que está organizado o trabalho a desenvolver no âmbito da Expressão Musical, tendo-se feito todos os esforços no sentido de encontrar canções que, de alguma forma, estejam relacionadas com as referidas temáticas. No entanto, e sempre que achem oportuno e adequado, os professores poderão trabalhar outras canções, diferentes daquelas que vêm sugeridas nas sugestões pedagógicas. Essa necessidade pode surgir da própria iniciativa das crianças, que gostam de trazer para a escola algumas canções do seu meio familiar. Essa atitude de participação e partilha deve ser apreciada e incentivada.

**1. ORGANIZAÇÃO SOCIAL – AS INSTITUIÇÕES****TRABALHO VOCAL**

1. Exercícios de respiração (nos moldes feitos nos anos anteriores)
2. **Vocalizo 11** (vd. Unidade 9 do Livro da 3ª Classe)
3. **Vocalizo 12** (vd. Unidade 12 do Livro da 3ª Classe)  
**NB.** Chamamos desde já a atenção para o facto de que cada vocalizo, seja ele qual for, deverá ser trabalhado, pelo menos, em 2 tonalidades diferentes, ou seja, cada vocalizo deverá ser feito, pelo menos 2 vezes, devendo o som de partida ter alturas diferentes. Isto é válido para todas as unidades do presente livro.
4. Improvisação vocal colectiva: o(a) professor(a) pede às crianças que, como forma de marcar a pulsação, oscilem entre os dois pés. Seguidamente, propõe-lhes que, utilizando a maior quantidade possível de sons vocais (cada criança explorará a grande diversidade de sons que a sua voz lhe permite realizar) procedem a uma improvisação colectiva. Deverão, contudo, respeitar a pulsação e as indicações de intensidade que vão sendo dadas pelo(a) professor(a). Se as suas mãos estão juntinhas, o som será fraco, e será tanto mais forte quanto mais afastadas estiverem as suas mãos. Sugerimos que este exercício seja feito nas 2 sessões a realizar no âmbito desta unidade temática

**TRABALHO MELÓDICO**

1. Reprodução de pequenas frases melódicas vocalizadas (utilizando, separadamente ou de forma combinada, as sílabas "Nu", "Lá" e "Vi")
2. Reprodução de pequenas frases melódicas, com os nomes das notas e acompanhadas do gesto melódico.  
**NB.** As frases melódicas a reproduzir pelas crianças deverão ser progressivamente mais longas e mais complexas. Todavia, o aumento do grau de dificuldade tem de acontecer de acordo com a capacidade de resposta das crianças, para que elas não se desmotivem. É necessário estar muito atento a isso, pois o desafio não deverá ser desmotivador mas, pelo contrário, motivador.
3. Leituras no diagrama pauta. As crianças deverão dizer/entoar as notas que vão sendo apontadas.

**JOGOS CORPORAIS**

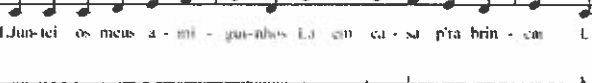
1. Jogos de espelho a partir de um estímulo sonoro (música gravada ou cantada). O "modelo", que tanto poderá ser o(a) professor(a) como uma das crianças, deverá fazer movimentos que permitam sentir e marcar a pulsação.
2. Jogos de coordenação e independência motoras (a título exemplificativo, vd. unidades 4 e 6 do Livro da 3ª Classe).
3. Jogos de roda, pedindo às crianças que inventem coreografias simples para canções já conhecidas. A turma poder-se-á, por exemplo, dividir em 4 grupos. Cada grupo trabalhará uma canção diferente e construirá para ela uma coreografia. No final, cada grupo, por sua vez, apresentará à turma o produto construído.

**TRABALHO RÍTMICO**

1. Reprodução de frases rítmicas, quer utilizando a voz, quer os batimentos corporais, quer ainda os instrumentos disponíveis na sala de aula (isto é válido para todas as unidades deste Livro da 4ª Classe)

**3. Leituras rítmicas.** Sugere-se a seguinte sequência:

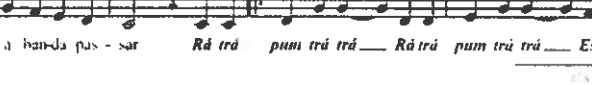



  
 1. Jun-tei os meus a - mi - gos-nhós Lá sem ca - sa prá brin - car L. tor-má-mos u - ma


  
 ban-da Que co-me-çou a to - car De - pois fi-z-mos te-ge-s com o-ni - tes Pa-ra'di


  
 ru - a des - fi - lar E qui - tou-se lá mui - to gen - te Pa-ra


  
 ver a ban-da pas - sar Rá-trá pum-trá-trá Rá-trá pum-trá-trá Esu'a ban-da a to -


  
 car Rá-trá pum-trá-trá Rá-trá pum-trá-trá Passa'a-le-gré sem pu - rar. Rá-trá rar.

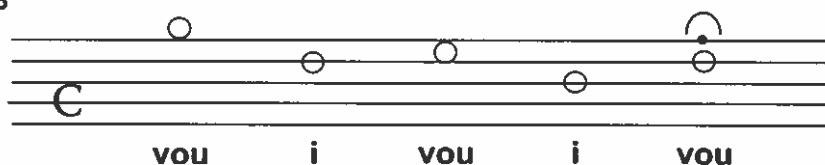
105

**NB. As canções deverão ser trabalhadas da seguinte forma:**

- A letra da canção deverá estar escrita no quadro, bem à vista das crianças;
- O(A) professor(a) pede às crianças que leiam o texto de forma seguida;
- Seguidamente pede que leiam cada uma das frases (é importante não cortar o texto de qualquer forma, pois cortá-lo no sítio errado poder-lhe-ia tirar o sentido) dando-lhe uma determinada expressividade (tristeza, alegria, espanto, etc);
- Repete-se o procedimento para as frases seguintes, mas atribuindo-lhes uma expressão diferente das anteriores;
- Feito este trabalho, o(a) professor(a) diz cada uma das frases, mas já com o ritmo correspondente, repetindo os alinos cada uma delas;
- Finalmente, o(a) professor(a) junta o elemento melódico que, consoante a extensão do texto e a complexidade da melodia, pode ser feito frase por frase ou de forma seguida;
- Sabida a canção, e sobretudo na 2ª aula a realizar no âmbito de cada Unidade temática, importa dar espaço à criatividade das crianças no tratamento da canção, o que pode passar por improvisar um acompanhamento rítmico (quer com instrumentos, quer com batimentos corporais), por mimar a canção com gestos, por inventar uma coreografia, etc, etc.;
- Um outro exercício a fazer de vez em quando é o de suprimir palavras, ou seja, o(a) professor(a) assinala as palavras que não podem ser cantadas em voz alta, mas sim mentalmente, sem, contudo, perder o ritmo da canção.

**2. POVOAMENTO – A LOCALIDADE****TRABALHO VOCAL**

1. Exercícios de respiração
2. Vocalizo 12
3. Vocalizo 13



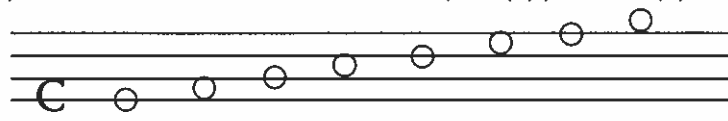
4. Destrava línguas:

**Aqui está a casa  
que fez o João.  
Aqui está o saco do grão e feijão  
que estava na casa  
que fez o João.**

- a) dizer cada frase lentamente, articulando muito bem as palavras que a compõem;
- b) dizer cada frase com diferentes expressões (espanto, alegria, curiosidade, etc);
- c) dizer cada frase acelerando o andamento, ou seja, começar lentamente e aumentar progressivamente a velocidade;
- d) entoar a 1ª frase sobre um som e a 2ª sobre um outro som diferente (mais agudo ou mais grave). Para cada frase, o som escolhido deve ser constante.

**TRABALHO MELÓDICO**

1. Reprodução de pequenas frases melódicas, vocalizadas ou com os nomes das notas, conforme referido na Unidade anterior.
2. Leituras no diagrama pauta, entoando os alunos as notas que o(a) professor(a) vai apontando.



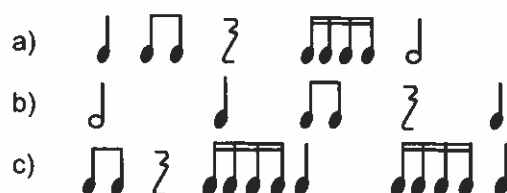
3. Adivinhas. Utilizando a sílaba “Nu”, a sílaba “Lá” ou a sílaba “Vi”, o(a) professor(a) entoia uma série de 5 ou 6 notas musicais, cabendo às crianças adivinhar de que notas se trata. Identificadas as notas, todos repetem a sequência.

**JOGOS CORPORAIS**

1. Movimento livre a partir de um estímulo sonoro.
2. Sequências de batimentos corporais para marcar a pulsação.  
Ex.: Uma sequência de 8 tempos: 2 palmas + 2 estalinhos com os dedos + 2 palmas + 2 batimentos nas pernas.
3. Organizadas as crianças em pares, vamos cantar uma canção já bem conhecida de todos, marcando a pulsação com a alternância de 2 movimentos: 1º, cada criança faz um batimento com palmas; 2º, as crianças fazem um batimento nas mãos uma da outra – a mão direita de uma bate na mão esquerda da outra e vice-versa.

**TRABALHO RÍTMICO**

1. Reprodução de frases rítmicas.
2. Leituras rítmicas. Deixamos aqui a sugestão de uma sequência, sendo o(a) professor(a) livre para propor uma diferente.



3. Adivinhas. O(A) professor(a) faz uma das frases rítmicas da sequência que foi trabalhada e as crianças terão de identificar qual delas foi. Também pode pedir a uma criança que seja mais segura que faça ela a frase a identificar pelos colegas.

**NOTAÇÃO**

Foi abordada no Trabalho melódico e no Trabalho rítmico.

**CRIATIVIDADE**

Tem lugar nos Jogos corporais e na Prática musical de conjunto.

**PRÁTICA MUSICAL DE CONJUNTO****Que linda falua**

Eu peso ao barqueiro que deixe passar,  
Que eu tenho filhinhos, aí, p'ra sustentar!

Então passará, mas alguém ficará,  
Se não for a mãe, aí, um filho será!

**NB** No caso concreto desta canção, e visto que a Unidade temática em que se insere é a do Povoamento – localidade, propomos que, com a ajuda do(a) professor(a), as crianças encontrem nomes de localidades (com 2 sílabas) – que fiquem perto ou longe da sua, tanto faz – para substituir a palavra Belém, que vem na versão original da canção.

**3. ACTIVIDADES ECONÓMICAS****TRABALHO VOCAL**

1. Exercícios de descontração: inspirar profundamente, acompanhando com o movimento de subida dos ombros. Suster o ar durante alguns instantes, ao mesmo tempo que se mantêm os ombros subidos. Finalmente, deixar cair os ombros, de forma brusca, ao mesmo tempo que se deita todo o ar fora – de uma só vez – acompanhado de um forte som “haa!”, revelador de grande alívio.
2. **Vocalizo 13** (a trabalhar nas 2 aulas desta Unidade. Vd. Unidade anterior)
3. Improvisação individual: utilizando todos os sons vocais que quiser, uma criança faz uma pequena improvisação, que funcionará como “pergunta”. Porém, e antes de iniciar a sua “pergunta”, ela indicará qual é o(a) colega que irá dar a “resposta”. Repete-se o exercício com mais dois ou três pares.

**TRABALHO MELÓDICO**

1. Reprodução de fragmentos melódicos (vocalizados ou com os nomes das notas).
2. Improvisação melódica. Trata-se de um jogo de pergunta e resposta entre professor(a) e alunos. Utilizando uma das sílabas sugeridas anteriormente, o(a) professor(a) inventa uma sequência melódica e pede a uma criança que lhe responda, improvisando igualmente uma sequência melódica, recorrendo a essas mesmas sílabas. Repete-se o exercício com mais 2 ou 3 crianças.

- 
- A musical staff with a treble clef. A single note, represented by a circle, is placed on the second line from the bottom. Below the note is the letter 'so'.

A musical staff with a treble clef. It contains four notes: a half note on the first line (sol), a half note on the second line (lá), a half note on the third space (si), and a half note on the fourth space (dó).

sol fá mi ré dó

The first line of musical notation is on a five-line staff with a treble clef. It contains eight notes: a half note on G4, a half note on A4, a half note on B4, a half note on C5, a half note on D5, a half note on E5, a half note on F5, and a half note on G5. The notes are all black circles.

Ex.: 

## 4. Adivinhas.

O(A) professor(a) faz uma pequena frase (Por exemplo, de 4 tempos ) e pede a uma criança que vá ao quadro escrevê-la.

## NOTAÇÃO

Esteve presente no **Trabalho melódico** e no **Trabalho rítmico**.

## CRIATIVIDADE

No quadro desta Unidade temática ela aparece no **Trabalho vocal**, no **Trabalho melódico**, nos **Jogos corporais**, no **Trabalho rítmico** e na **Prática musical de conjunto**.

## PRÁTICA MUSICAL DE CONJUNTO

## Senhor sapateiro

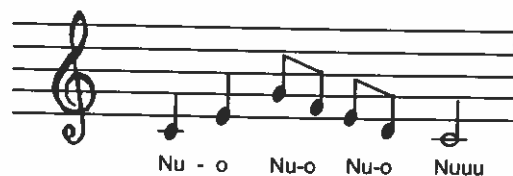


Se-nhor sa-pa-tei-ro, Co-sa o meu sa-pa-to.  
 Não pos-so cal-çá-lo, Es-tá es-tra-ga-do.  
 Sim se-nhor vou ar-ran-jar, Eu já es-tou a mar-te-lar, mar-te-lar.  
 Trá-lá-lá-lá, lá-lá-lá-lá, Lá-lá-lá-lá, lá-lá-lá, lá-lá-lá.

4. TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES

## TRABALHO VOCAL

1. Exercícios de respiração.
2. Vocalizo 14



Nu - o Nu-o Nu-o Nuuu

**NB.** Na 1ª aula é feito com todas as crianças ao mesmo tempo; na 2ª aula desta Unidade vamos fazê-lo

Com a turma dividida em 2 grupos, conforme já aconteceu na 3ª Classe. Enquanto um grupo executa o

Vocalizo, o outro ouve em silêncio, dando depois a sua opinião sobre a prestação dos colegas.

### 3. Texto:

A minha bicicleta  
só tem dois pedais.  
Mas se monto nela  
não tem dois, tem mais!

A minha bicicleta  
tem um guiador  
Quando monto nela...  
... sou aviador!

**NB.** Depois de ter trabalhado o texto da forma habitual (vd. Unidade 2 do presente livro) pede-se a uma

Criança que improvise uma melodia para os 2 primeiros versos, que será repetida por toda a turma.

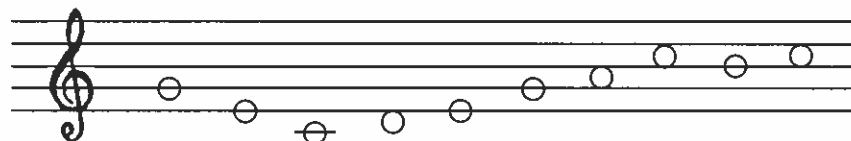
Uma outra criança inventará uma melodia para os 3º e 4º versos, e assim sucessivamente.

## TRABALHO MELÓDICO

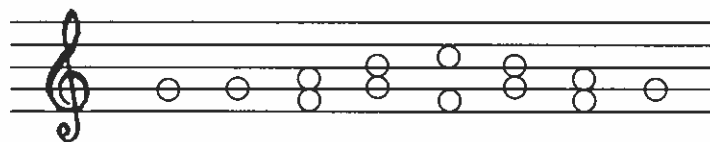
1. Reprodução de pequenas frases melódicas (vocalizadas ou com os nomes das notas)
2. Leituras no diagrama pauta



3. Exercícios de transcrição. Este exercício deverá ser feito nas duas aulas a realizar no quadro desta Unidade. Uma criança de cada vez irá ao quadro escrever (por baixo das respectivas "bolinhas") os nomes de 2 ou 3 notas



4. Leitura a duas vozes:



## JOGOS CORPORAIS

1. De forma audível, o(a) professor(a) marca a pulsação enquanto as crianças se movimentam livremente pela sala, mas respeitando essa mesma pulsação. Simultaneamente, o(a) professor(a) vai dando determinadas imagens, devendo as crianças adequar os seus movimentos corporais a essas imagens, mas tentando não perder a pulsação como referência. (Ex.: O alpinista está a subir à montanha; o pescador vai feliz a remar; o soldado está muito aborrecido, etc)
2. Tendo como referência uma canção já conhecida de todos, as crianças vão acompanhá-la com uma sequência de batimentos corporais previamente acordada. (Ex.: Imaginemos uma sequência de 4 batimentos: 1 batimento com as mãos nas pernas / 1 batimento com palmas / 1 batimento com as mãos nas pernas / 1 estalinho com os dedos)

## TRABALHO RÍTMICO

1. Reprodução de frases rítmicas
2. Leitura rítmica.

Ex.: 

Vamos fazer esta leitura de forma diferente: depois de ter sido feita com a "linguagem métrica" e acompanhada da "escrita no ar", vamos fazê-la atribuindo a cada célula rítmica o som característico das buzinas ou apitos dos diferentes meios de transporte.

Assim,

 = pó-pó (do automóvel)

 = fooomm (do camião)

 = trim-trim-trim-trim (da bicicleta)

 = uuuuuuuu (do barco)

3. Improvisação rítmica a pares. Um dos elementos faz a "pergunta" e o outro "responde".

## NOTAÇÃO

Aparece no Trabalho melódico e no Trabalho rítmico.

## CRIATIVIDADE

Está presente nos Jogos corporais, no Trabalho rítmico e na Prática musical de conjunto.

## PRÁTICA MUSICAL DE CONJUNTO

TV: a caixinha mágica



1. Com tan-ta T. V. é tan-tos ca-nais E a ma-lei-en-ra Che-ga'a ser de-  
2. Cos-to de bo-ne-cos É a-ni-ma-ção Um til-me bo-ni-to Com mui-ta'e-mo-

ção A T. V. em co-sa só dá con-tu-ção Nin-guem se en-ten-de-e  
ção Não se so T. V. Te-nho de'es-tu-dar Fa-lar com a-mi-gos

se com-pli-ca-ção Cos-to mui-to de T. V. Mas sem ter que a-bu-sar  
Com e-le-brin-car. Mas com tan-ta T. V. Não con-ta mais na-da

Ve-o so-o'que eu que-ro se in-cin-te-res-sar. sar.  
E o-lhar p'ra e-la É bo-ca ca-la-da la-da

3. E se acontecer  
A TV não dar  
Mas não há problema  
Nada vai parar.

Ela não é tudo  
Nem podia ser  
E à nossa volta  
Há tanto para ver.

## 5. ALIMENTAÇÃO

### TRABALHO VOCAL

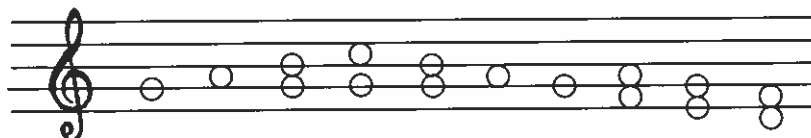
1. Exercícios de descontração facial. Vamos produzir alguns sons vocais que permitam descontrair e estimular os músculos faciais. Por exemplo os sons "brrruum" e "mnham". Seguidamente, vamos mexer o maxilar inferior de um lado para o outro, acompanhado do som "mmm" e, depois de um certo número destes movimentos, vamos "deixá-lo cair", abrindo a boca o mais possível, e acompanhando esse movimento do som "haaa".
2. **Vocalizo 1.** Vamos voltar ao vocalizo 1, já bem conhecido desde a 1ª Classe, mas agora com uma alteração: em vez de o realizarmos com a sílaba "Nu", vamos fazê-lo com a sílaba "Na". Mas atenção, pois a boca deverá estar bem aberta no momento de articular a vogal "a". Deverão caber 3 dedos entre os dentes de cima e os de baixo!!
3. **Vocalizo 14.**

### TRABALHO MELÓDICO

1. Reprodução de pequenas frases melódicas.
2. Improvisação (vd. Unidade 3)
3. Adivinhas (vd. Unidade 2)
4. Leituras no diagrama pauta



5. Leitura a 2 vozes:

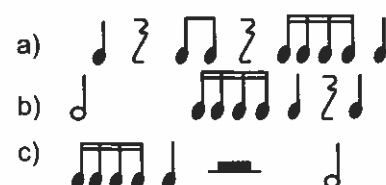


### JOGOS CORPORAIS

1. Organizadas em pares, as crianças vão fazer jogos de espelho, sendo um dos elementos do par o "modelo" e o outro o "espelho". Depois trocam de funções. Este exercício deverá ser realizado com um suporte sonoro, que tanto poderá ser música gravada como o(a) professor(a) a cantar ou a fazer uma improvisação rítmica.
2. Mantendo a organização da turma em pares, as crianças (cada par) vão criar uma coreografia para acompanhar uma canção já conhecida de todos. Depois de se terem dado alguns minutos (aproximadamente 10) para que os pares criassem as suas coreografias, pode-se pedir a 2 ou 3 pares para irem em frente do grupo realizar as suas coreografias, enquanto os restantes elementos da turma observam e cantam a canção que lhes serviu de suporte.

### TRABALHO RÍTMICO

1. Reprodução de frases rítmicas.
2. Leituras rítmicas. Sugere-se a seguinte sequência:



3. Adivinhas. Tanto podem ser feitas sobre as diferentes frases que compõem a sequência, como sobre frases novas. No 1º caso, as crianças identificam a frase pela letra respectiva; no 2º caso irão ao quadro escrevê-la.

### NOTAÇÃO

Aparece no Trabalho melódico e no Trabalho rítmico.

### CRIATIVIDADE

Está presente no Trabalho melódico, nos Jogos corporais e na Prática musical de conjunto.

### PRÁTICA MUSICAL DE CONJUNTO

A mamã fez um bolo

A ma-mã fez um bo-lo e fui eu que a-ju-dei Ba-ti cla-ras em cas-te-lo e o a-çu-car eu jun-tei. O-vos lei-te e fá-ri-nha e um pau-zi-nho de ca-ne-la ca-ne-la ca-nela Ba-ti tu-do c'a va-ri-nha e de-fois fui à ja-nela mas pas-sa do u-ma ho-ra to-da a co-zi-nha chei-ra - va chei-ra-va-chei-rava Eu ti-nha-me i-do em bo-ra e do bo-lo não lem-bra-va E o bo-lo cres-ceu Lá do for-no tor-rou tor-rou tor-rou E o bo-lo cres-ceu cres-ceu e quei-mou

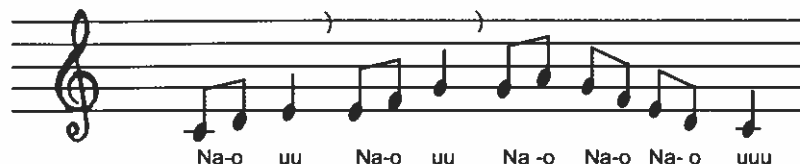
## 6. SAÚDE E SEGURANÇA

### TRABALHO VOCAL

1. Exercícios de respiração. Vamos encher bem o “balão que está na nossa barriga” e depois vamos deitar o ar fora em várias vezes (3, 5, 7, etc), tentando que a quantidade de ar expirado seja, tanto quanto possível, a mesma. Ou seja, se é para deitar o ar fora em 3 vezes, devemos tentar que o ar expirado seja aproximadamente o mesmo em cada uma dessas 3 expirações.

2. **Vocalizo 1** (nos moldes indicados na Unidade 5)

3. **Vocalizo 15**



4. Trabalho sobre texto. O texto que se segue deverá ser trabalhado nos moldes já indicados.

O pião rodopia com a nossa mão.

O peão anda pelo próprio pé.

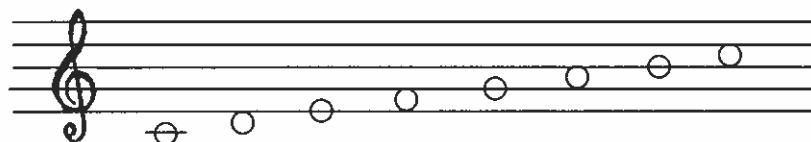
Não, confuso não é!

### TRABALHO MELÓDICO

1. Reprodução de fragmentos melódicos.

2. Adivinhas (vd. Unidade 2)

3. Leituras no diagrama pauta



4. Exercícios de transcrição. O(A) professor(a) desenha uma pauta no quadro e coloca a Clave de Sol na 2ª linha. Por baixo da pauta escreve uma sequência com os nomes das notas e pede às crianças que as representem na pauta. Este exercício é exactamente o inverso daquele que foi realizado na Unidade 4. Também ele deverá ser feito nas 2 aulas de música a realizar no âmbito desta Unidade.

### JOGOS CORPORAIS

1. Jogos de coordenação e independência, tentando, tendo como referência a pulsação que está a ser marcada pelo(a) professor(a), realizar simultaneamente 2 movimentos diferentes.

2. Tendo como referência uma sequência, por exemplo, de 8 tempos, vamos construir um esquema corporal em que a cada tempo corresponde um determinado movimento.

- Ex.:
- 1ª tocar com as duas mãos nos pés respectivos
  - 2º tocar com as duas mãos nos joelhos respectivos
  - 3º colocar as duas mãos na anca
  - 4º colocar as duas mãos nos ombros respectivos
  - 5º fazer 1 batimento com palmas
  - 6º fazer 1 estalinho com os dedos
  - 7º dar um salto
  - 8º fazer um batimento com palmas

Treinada esta sequência, que deve ser acompanhada da contagem dos tempos para que cada um dos movimentos coincida com o tempo respectivo, vamos seguidamente cantar uma canção já conhecida, ao mesmo tempo que realizamos novamente esta sequência corporal.

Mas atenção! O número de tempos, e, consequentemente, o número de movimentos a realizar deve ser adequado à canção que se pretende trabalhar, pelo que o(a) professor(a) tem que, previamente, seleccionar a canção e ajustar a ela o número de movimentos da sequência, para que tudo bata certo.

**TRABALHO RÍTMICO**

1. Reprodução de frases rítmicas
2. Leituras rítmicas (a propor pelo(a) professor(a), ou sob a forma de sequência de frases ou sob a forma de leitura corrida)
3. Adivinhas
4. Improvisação rítmica

**NOTAÇÃO**

Aparece no Trabalho melódico e no Trabalho rítmico.

**CRIATIVIDADE**

Está presente no Trabalho rítmico e na Prática musical de conjunto.

**PRÁTICA MUSICAL DE CONJUNTO****Os sinais**

Quem avisa é teu amigo já diz o velho ditado Olha bem à tua volta Há sinais por todo o lado. Várias cores e muitos sinais Todos com a sua função. O perigo está à espreita O triângulo está a avisar Tenho de ter cuidado Quando a rua atravessar. Pára, olha bem Escuta com atenção O sinal é teu amigo Aprende sua lição. Olha bem para o sinal É proibido, sim senhor Diz o círculo convencido A mostrar o seu valor São três cores muito amigas Passam a vida a piscar Vermelho, amarelo, verde Não há nada que enganar.

(Introdução)

Quem avisa é teu amigo  
Já diz o velho ditado  
Olha bem à tua volta  
Há sinais por todo o lado.

1. Várias formas, muitas cores  
Todos com sua função  
Os azuis da cor do céu  
Dão-nos toda a informação.

O perigo está à espreita  
O triângulo está a avisar  
Tenho de ter cuidado  
Quando a rua atravessar.

Pára, olha bem  
Escuta com atenção  
O sinal é teu amigo  
Aprende sua lição.

2. Olha bem para o sinal  
É proibido, sim senhor  
Diz o círculo convencido  
A mostrar o seu valor

São três cores muito amigas  
Passam a vida a piscar  
Vermelho, amarelo, verde  
Não há nada que enganar.

## 7. OS SERES VIVOS E O AMBIENTE

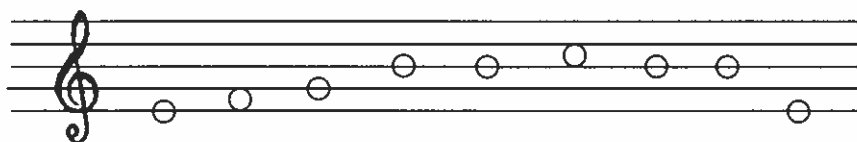
### TRABALHO VOCAL

1. Exercício de descontração: inspirar profundamente, enviando o ar inspirado para o “balão que temos dentro da barriga”. Seguidamente, vamos sacudir as mãos (as 2 ao mesmo tempo), fazendo corresponder a cada uma dessas “sacudidelas” uma expiração enérgica, utilizando o som “pff”.
2. Exercícios de respiração
3. **Vocalizo 1**
4. **Vocalizo 15**
5. Texto (para trabalhar a dicção, a expressão, a entoação e a improvisação sobre texto, conforme referido em Unidades anteriores)

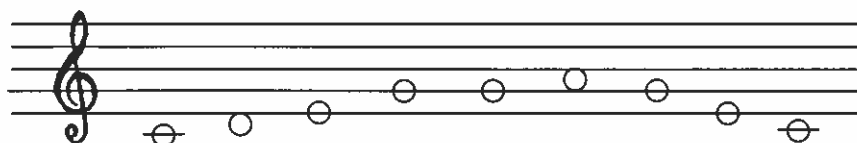
Caracol, caracolinho  
Sai de dentro do moinho  
Mostra a ponta do focinho

### TRABALHO MELÓDICO

1. Improvisação melódica (vd. Unidade 3)
2. Leituras na pauta (que tanto podem ser feitas recorrendo ao diagrama utilizado até aqui, como sob a forma de leitura corrida, tendo o(a) professor(a) escrito previamente no quadro a pauta com a sequência de notas a entoar pelas crianças
3. Adivinhas (nos moldes mencionados na Unidade 2)
4. Exercícios de transcrição utilizando 2 claves diferentes, ou seja, no quadro está escrita, por exemplo, uma sequência melódica que utiliza como referência a Clave de Dó na 1ª linha.



As crianças entoam esta sequência, e, seguidamente, vão escrevê-la utilizando a Clave de Sol na 2ª linha como referência, ficando assim:



Feita a transcrição pelas crianças para a pauta com a Clave de Sol, o(a) professor(a) apaga a outra pauta (que utilizava a Clave de Dó) e todos voltam a entoar a sequência melódica, desta vez escrita na Clave de Sol.

### JOGOS CORPORAIS

Depois de se terem deixado algumas sugestões nas Unidades anteriores, apela-se, a partir de agora, à criatividade e à iniciativa do(a) professor(a) para propor e criar os jogos a trabalhar com as crianças, tendo em conta que este momento da aula é especialmente direccionado para o desenvolvimento do sentido auditivo e do sentido rítmico, para o desenvolvimento da expressão corporal, para o desenvolvimento da coordenação e independência motoras, enfim, para o

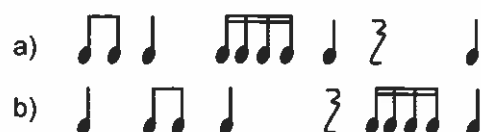
desenvolvimento do corpo como um instrumento de expressão artística na qual movimento e música andam de mãos dadas.

Ninguém melhor que o(a) professor(a) para adequar as actividades a realizar ao grupo de crianças com que trabalha.

Para além das sugestões feitas ao longo dos 4 Livros, chamamos a atenção para o facto de muitos dos jogos propostos no âmbito da Expressão Dramática poderem ser trabalhados aqui ou servirem como fonte de inspiração para a criação de novos jogos por parte dos professores.

## TRABALHO RÍTMICO

1. Reprodução de frases rítmicas
2. Leituras. Com o objectivo de virem a ser executadas em simultâneo, na 2ª aula de música no quadro desta Unidade (com a turma dividida em 2 grupos), deixa-se aqui a seguinte sugestão:



**NB.** Na 1ª aula, as crianças trabalham as 2 frases da forma habitual. Na 2ª, depois de as relembrares, propõe-se a divisão da turma em dois grupos, executando cada um deles uma frase, mas em simultâneo. Sugere-se que uma das frases seja executada com a voz e a outra com palmas.

3. Adivinhas

## NOTAÇÃO

Aparece no Trabalho melódico e no Trabalho rítmico.

## CRIATIVIDADE

Está presente no Trabalho vocal, no Trabalho melódico, nos Jogos corporais e na Prática musical de conjunto.

## PRÁTICA MUSICAL DE CONJUNTO

No alto daquele monte





**NOTAÇÃO**

Aparece no **Trabalho melódico** e no **Trabalho rítmico**.

**CRIATIVIDADE**

Está presente no **Trabalho vocal**, nos **Jogos corporais** e no **Trabalho rítmico**.

**PRÁTICA MUSICAL DE CONJUNTO****Hino Nacional**

O Estado, que tem como um dos seus elementos fundamentais o Território, é representado por 3 símbolos: o Chefe de Estado (que no caso de São Tomé e Príncipe é o Presidente da República), a Bandeira e o Hino. Parece por isso pertinente que a aprendizagem do Hino Nacional constitua o objecto deste momento, justamente no quadro da Unidade temática que está centrada no Território.

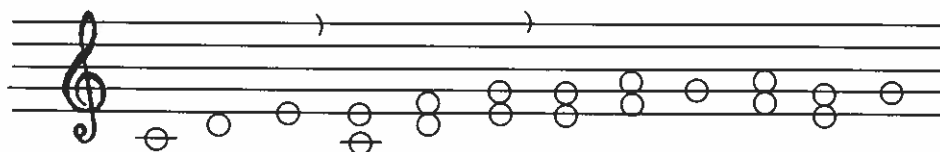
**9. TERRA NO ESPAÇO****TRABALHO VOCAL**

1. Exercícios de descontração
2. Exercícios de respiração
3. **Vocalizo 1** (substituindo a sílaba "Na" pela sílaba "No")
4. **Vocalizo 16**
5. Sugestão de texto (trabalhar nos moldes já mencionados, sugerindo-se que esse trabalho termine com uma aplicação melódica sobre ele, conforme sugerido na Unidade 4)

**Pus-me a contar as estrelas  
Contei duzentas e doze;  
Com mais duas no teu rosto  
São duzentas e catorze.**

**TRABALHO MELÓDICO**

1. Improvisação melódica. Vamos tentar realizar aqui uma improvisação melódica em cadeia, isto é, o(a) professor(a), utilizando uma das sílabas atrás sugeridas ("Nu", "Lá" e "Vi"), improvisa uma pequena frase melódica, desencadeando uma conversação em que deverão participar (individualmente), pelo menos, 5 ou 6 crianças. Assim, na sequência do motivo lançado pelo(a) professor(a), uma criança faz a sua improvisação que, uma vez chegada ao fim, é o motivo que vai servir de estímulo para a improvisação de outra, e assim sucessivamente.
2. Leituras na pauta (recorrendo quer ao diagrama pauta, quer à leitura corrida)
3. Adivinhas
4. Leitura a duas vozes:



**JOGOS CORPORAIS**

A realizar de acordo com as propostas do(a) professor(a).

**TRABALHO RÍTMICO**

1. Reprodução de frases rítmicas
2. Improvisação. Sugere-se que seja feita com instrumentos musicais, nos seguintes moldes: o(a) professor(a), com um instrumento musical, improvisa uma frase, que funciona como "pergunta", seguindo-se a resposta colectiva dos alunos, que também têm instrumentos. O(A) professor(a) faz uma nova "pergunta" e as crianças respondem novamente em conjunto.
3. Leituras rítmicas ( a propor pelo(a) professor(a))
4. Adivinhas

**NOTAÇÃO**

Aparece no **Trabalho melódico** e no **Trabalho rítmico**.

**CRIATIVIDADE**

Está presente no **Trabalho melódico**, nos **Jogos corporais**, no **Trabalho rítmico** e na **Prática musical de conjunto**.

**PRÁTICA MUSICAL DE CONJUNTO**

Com a ajuda do(a) professor(a), as crianças vão construir uma quadra alusiva à temática desta Unidade, para a qual vão, em seguida, inventar uma música.

Sabida a canção por todos vão, em conjunto, inventar uma coreografia para a acompanhar.

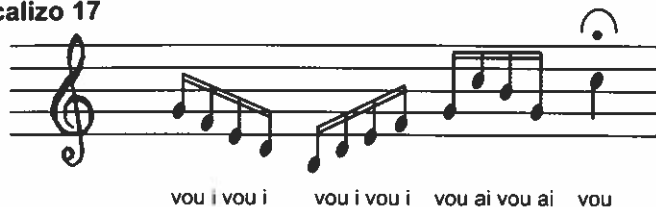
NB. Terminada a última aula de música desta Unidade, o(a) professor(a) pede às crianças que, junto das respectivas famílias e amigos, recolham canções tradicionais de São Tomé e Príncipe, para que nas 2 próximas aulas de música as possam trazer para a escola para as partilhar com os colegas.

**10. PATRIMÓNIO CULTURAL: LÍNGUA E TRADIÇÕES****TRABALHO VOCAL**

1. Exercícios de descontração
2. Exercícios de respiração
3. Improvisação vocal colectiva, explorando os diferentes sons que a nossa voz é capaz de produzir (vd. Unidade 1)

#### 4. Vocalizo 1 (nos termos indicados na Unidade 9)

## 5. Vocalizo 17



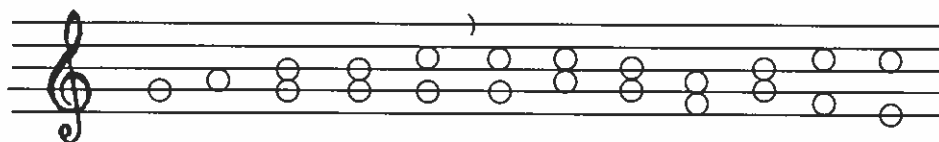
## 6. Destrava línguas

**Debaixo daquela pipa  
Está uma pita.  
Pinga a pipa,  
Pia a pita,  
Pia a pita,  
Pinga a pipa.**

**NB.** O destrava línguas deverá ser trabalhado conforme já indicado, mas com um novo desafio: tentar dizê-lo cada vez mais depressa sem, contudo, perder a clareza da articulação.

## TRABALHO MELÓDICO

1. Reprodução de fragmentos melódicos
2. Leituras na pauta (nos moldes já referidos)
3. Adivinhas
4. Exercícios de transcrição (sob qualquer uma das formas atrás sugeridas)
5. Leitura a duas vozes:



## JOGOS CORPORAIS

A realizar de acordo com as propostas do(a) professor(a).

## TRABALHO RÍTMICO

1. Reprodução de frases rítmicas
2. Improvisação. Organizada a turma em pares, e recorrendo aos batimentos corporais, as crianças vão improvisar seguindo o esquema pergunta – resposta. Uma das crianças do par formula a “pergunta” e a outra responde. Seguidamente invertem-se os papéis.
3. Leituras rítmicas - a propor pelo(a) professor(a) (para a 1ª aula da presente Unidade)
4. Adivinhas
5. Leitura rítmica a 2 partes (para a 2ª aula da presente Unidade)





**JOGOS CORPORAIS**

A realizar de acordo com as propostas do(a) professor(a).

**TRABALHO RÍTMICO**

1. Reprodução de frases rítmicas
2. Improvisação
3. Leituras
4. Adivinhas

**NOTAÇÃO**

Aparece no Trabalho melódico e no Trabalho rítmico.

**CRIATIVIDADE**

Está presente no Trabalho vocal, no Trabalho melódico, nos Jogos corporais, no Trabalho rítmico e na Prática musical de conjunto.

**PRÁTICA MUSICAL DE CONJUNTO****Caixinha de cores**

Te - nho u - ma cai - xi - nha apm lá - nis ilo co - res vou pin - tar o

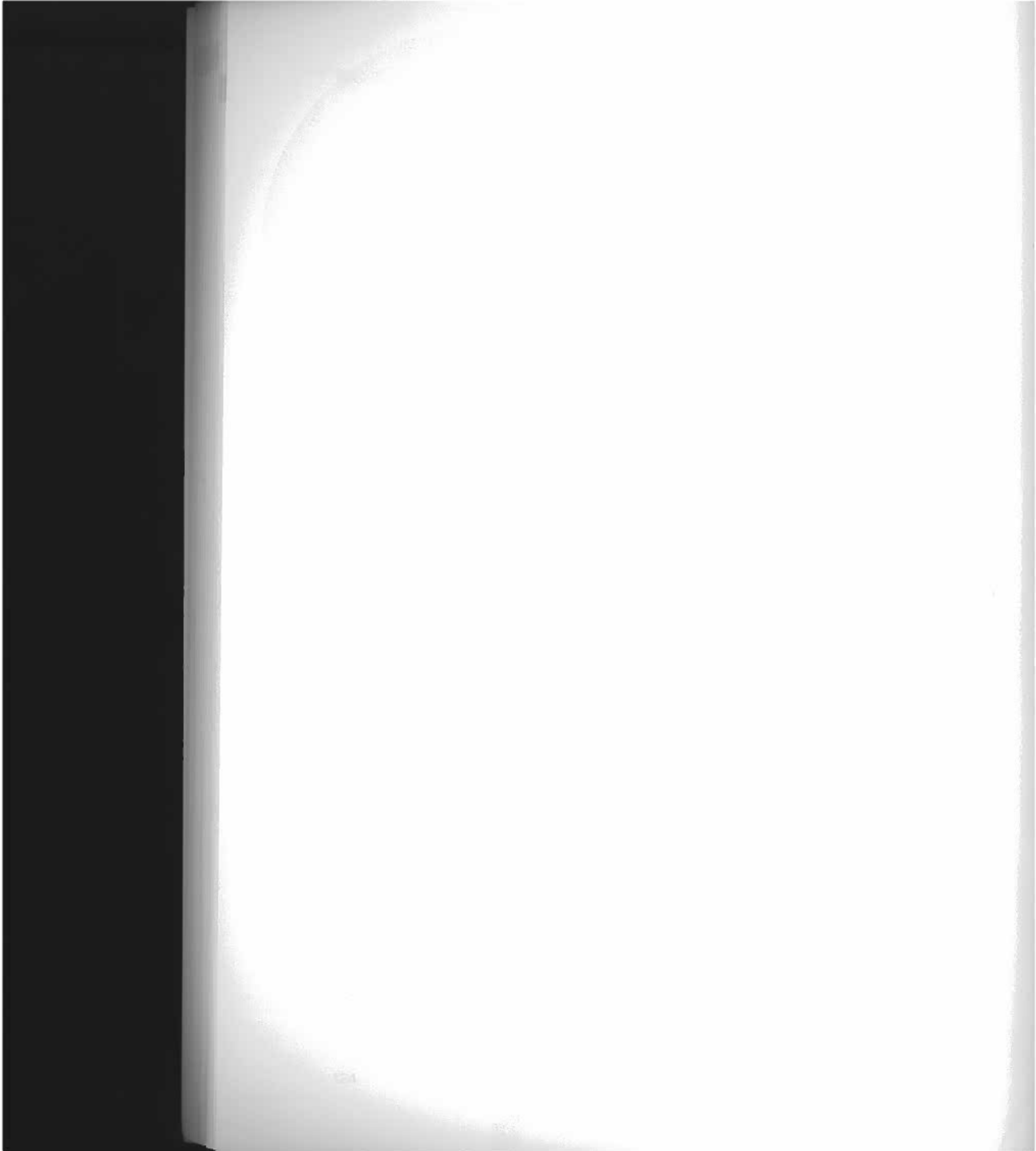
mar o sol e as flo - res. O sol é ver - me - lho a - zul é o

mar ver - di - nha é a fo - lha ao ven - to a dan çar.

Solfège syllables: fá, dó7, solm, dó7, fá, fá7, sib, dó7, fá, sib, fá, dó7, fá.



# **EXPRESSÃO MOTORA**



## Introdução

A sugestão de actividades apresentadas neste Manual na área de Expressão Motora tem como pressuposto um Programa cujos objectivos se apresentam em termos de competências motoras a realizar por todos os alunos, no final de cada ano de escolaridade (do 1º ao 4º anos). Não obstante se sistematizarem em seis Domínios Obrigatórios, *Perícia e Manipulação, Deslocamentos e Equilíbrios, Deslocamentos e Equilíbrios/Ginástica, Jogos, Actividades Rítmicas e Expressivas e Percursos na Natureza*, o manual dará maior ênfase, nesta fase de desenvolvimento do Sistema Educativo, ao Domínio *Jogos e Actividades Rítmicas e Expressivas* dadas as condições materiais actualmente existentes nas escolas de S. Tomé e Príncipe.

Decidiu-se apresentar, desde já, sugestões de actividades nos Domínios, *Perícia e Manipulação, Deslocamentos e Equilíbrios e Ginástica*, não obstante se reconhecer que a sua concretização dependerá da melhoria das condições materiais das escolas.

O domínio, *Percursos na Natureza*, requer uma formação específica dos professores, pelo que será objecto de tratamento futuro.

As sugestões de actividade apresentadas são precedidas de um primeiro capítulo destinado à explicitação dos Princípios e Orientações Didácticas da intervenção pedagógica, quanto ao Planeamento e Gestão das Sessões de Expressão Motora.

## CAPÍTULO I

## 1. CRONOGRAMA DOS CONTEÚDOS DA EXPRESSÃO MOTORA

Os pré-requisitos para a aprendizagem da *Ginástica*, que tem lugar no 3º e 4º anos, resultam das experiências realizadas nos Domínios *Perícia e Manipulação* e *Deslocamentos e Equilíbrios*. Por isso estes domínios formam uma unidade coerente entre si.

Os restantes Domínios devem ser realizados em cada um dos primeiros 4 anos de escolaridade.

| DOMÍNIOS TEMÁTICOS OBRIGATÓRIOS           | 1º Ano | 2º Ano | 3º Ano | 4º Ano |
|-------------------------------------------|--------|--------|--------|--------|
| Perícia e Manipulação                     | X      | X      |        |        |
| Deslocamentos e Equilíbrios               | X      | X      |        |        |
| Deslocamentos e Equilíbrios / Ginástica   |        |        | X      | X      |
| Jogos                                     | X      | X      | X      | X      |
| Actividades Rítmicas e Expressivas/ Dança | X      | X      | X      | X      |
| Percursos na Natureza                     | X      | X      | X      | X      |

## 1. CONTRIBUTO DA EXPRESSÃO MOTORA (E.Mo) PARA O DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS TRANSVERSAIS A OUTRAS ÁREAS CURRICULARES.

As competências em EMO adquirem-se pela prática de actividade física adequada às possibilidades e necessidades de cada aluno, em situações em que o esforço físico, a descoberta e o desafio pessoal e colectivo sejam uma constante.

A atitude de *empenho, perseverança, esforço e autodisciplina* imprescindíveis num processo de desenvolvimento em que o aperfeiçoamento e a superação são um desafio constante, passa pela *autonomia e responsabilidade* dos alunos na realização e regulação da sua própria actividade.

É neste quadro que, na Expressão Motora, o *cumprimento de regras* assume grande importância em cenários diversos mas complementares.

Apesar da diversidade dos contextos de aprendizagem, as situações e os métodos de trabalho utilizados devem evidenciar sempre o aluno como protagonista do processo ensino-aprendizagem, apelando a uma *participação activa* em todas as situações de aula.

As opiniões e sugestões dos alunos são, obviamente, valorizadas e incentivadas. Por este motivo, esta preocupação vem explícita nos Programas de Expressão

Motora, nomeadamente nos Objectivos Gerais comuns a todas as áreas, referindo que o aluno deverá participar em todas as situações, apresentando iniciativas e propostas pessoais de desenvolvimento da actividade individual e do grupo, e considerando as que são sugeridas pelos companheiros com interesse e objectividade.

A promoção e aceitação da iniciativa dos alunos, orientando-a para a elevação da qualidade do seu empenho e dos efeitos positivos das actividades, traduz a valorização da *criatividade*.

Um dos aspectos particulares do *desenvolvimento de estratégias cognitivas* ocorre, por exemplo, nas situações de jogo, que solicitam constantemente ao aluno a *adequação das suas acções à leitura que faz do jogo*, isto é, às acções dos companheiros de equipa e adversários, ou, noutro exemplo, na resposta que o aluno encontra face aos problemas colocados em percursos de Orientação, na procura da melhor solução.

As competências associadas à *resolução de problemas* são amplamente solicitadas na EMo. A construção do *pensamento estratégico*, que permite ao aluno escolher a acção mais favorável ao êxito pessoal e do grupo nos Jogos Desportivos colectivos ou na acumulação de vantagem nos desportos de raqueta ou na pertinência das opções tomadas em percursos de Orientação, são exemplos do contributo único da EMo.

O *relacionamento interpessoal e de grupo* assume importância vital nesta área, em que grande parte das realizações dos alunos devem ser colectivas. A qualidade deste relacionamento é uma das preocupações da EMo no ensino básico que está expressa nos princípios de organização das actividades educativas que assentam na *promoção da autonomia*, pela atribuição, reconhecimento e exigência de responsabilidades efectivas aos alunos, nos problemas organizativos e de tratamento das matérias que podem ser assumidos e resolvidos por eles e na *orientação da sociabilidade* no sentido de uma *cooperação efectiva entre os alunos*, associando-se não só à melhoria da qualidade das prestações, especialmente nas situações de competição entre equipas, mas também ao clima relacional favorável ao *aperfeiçoamento pessoal* e ao prazer proporcionado pelas actividades.

As competências relacionadas com a utilização de diferentes formas de *comunicação verbal e não verbal* desenvolvem-se, nas actividades de Expressão Motora pedagogicamente orientadas, pela utilização de terminologia específica da cultura física e de cada uma das matérias de ensino, e pela utilização de comunicação gestual específica das modalidades desportivas, como são, por exemplo, as acções

técnicas de arbitragem, a comunicação dentro equipa nos jogos desportivos colectivos e também as habilidades de expressão e comunicação nas actividades rítmicas expressivas.

## 2. ORIENTAÇÕES PARA UMA INTERVENÇÃO EDUCATIVA DE QUALIDADE EM EXPRESSÃO MOTORA.

De um modo geral, em cada um dos ciclos do Ensino Básico deve assegurar-se que os alunos participem em situações características da aprendizagem de todos os Blocos do Programa (*Perícia e Manipulação, Deslocamentos e Equilíbrios, Ginástica, Jogos, Actividades Rítmicas e Expressivas/ Dança e Percursos na Natureza*) de forma a garantir o ecletismo da Expressão Motora e promover o desenvolvimento multilateral das crianças e jovens.

No plano mais operacional a concepção e organização do Planeamento deve ser feito para que as aulas:

- Sejam **inclusivas**, pois nenhum aluno pode ser excluído por dificuldades ou aptidão insuficiente, nem por exigências gerais que deixem de considerar as suas possibilidades.
- Proporcionem muito **tempo de prática de actividade física com significado e qualidade**, isto é, adequada às necessidades e características dos alunos:
- Se componham de **actividades significativas**, correspondendo às expectativas de aperfeiçoamento pessoal do aluno. Os desafios devem ser colocados de modo a que sejam acessíveis a curto prazo. No seu conjunto, a actividade do aluno deve ser moderada a intensa constituindo-se como carga física que permita a elevação do nível funcional das capacidades motoras.
- Sejam **agradáveis**, possibilitando aos alunos a realização a actividade de que necessitam, mas também a que gostam, conciliando-a com motivações, gostos e interesses.
- Sejam **variadas**, solicitando diferentes capacidades e colocando exigências diversificadas do ponto vista motor e do tipo de esforço.
- Se realizem num **ambiente pedagógico** que promova a **cooperação e entreajuda**, o **respeito pelos outros**, o sentido da **responsabilidade**, a **segurança** e o espírito de **iniciativa**, reconhecendo-se que as actividades específicas da Expressão Motora se realizam fundamentalmente em grupo (em

cooperação / oposição), apresentando-se como terreno excelente para a **Educação para a Cidadania**.

### 3. PRINCÍPIOS ESTRUTURANTES DAS SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM QUE INTEGRAM AS AULAS.

As **situações de aprendizagem** são oportunidades de prática, organizadas para que todos os alunos tenham o máximo tempo de actividade motora significativa e especificamente orientada para o alcance das competências. A selecção das situações de aprendizagem deve obedecer aos seguintes princípios essenciais:

1. **a actividade formativa deve ser tão global quanto possível e tão analítica quanto necessário.** Entende-se por actividade *global* a organização da prática do aluno segundo as características da actividade referente – *jogo, concurso, percurso, sequência, coreografia*, etc. Por actividade *analítica* entendemos a exercitação, o aperfeiçoamento de elementos parciais e críticos, das diferentes competências técnicas ou técnico-táticas, em situações simplificadas ou fraccionadas da actividade referente.
2. Considerando as características, já referidas, dos processos de aprendizagem desta área curricular, a **constituição dos grupos**, deve ser uma preocupação constante na medida em que os alunos aprendem, em grande parte na interacção que estabelecem com os outros. Assim, a actividade formativa proporcionada aos alunos deve ser tão colectiva (de conjunto, interactiva) quanto possível e tão individualizada (ou diferenciada por grupos de nível) quanto o necessário. Esta diferenciação é garante também da inclusividade, característica das aulas de Expressão Motora.
3. **As situações de aprendizagem na Expressão Motora** podem assumir **formas de organização** muito variada. No entanto, as situações que a seguir se enumeram, são uma referência fundamental na organização do processo ensino-aprendizagem.
  - 3.1. **O exercício individual** é uma situação simples de aprendizagem ou aperfeiçoamento de acções técnicas e/ou técnico-táticas das várias matérias dos programas. A sua construção deve considerar, sempre que possível, a associação de várias habilidades de forma a aproximá-la do contexto da actividade referente. É o caso das situações de exercício nos Jogos Desportivos Colectivos. Mesmo na Ginástica, é fundamental que à

aprendizagem de cada habilidade seja associada outra, de forma a garantir o seu encadeamento e facilitar aprendizagem.

- 3.2. **Os exercícios em grupo** devem ser situações simples de aprendizagem ou aperfeiçoamento de acções técnicas e/ou técnico-tácticas em várias matérias do programa, com o propósito de valorizar atitudes de cooperação e entreajuda, ou quando a natureza das aprendizagens implica que a realização das situações sejam necessariamente em grupo.
- 3.3. **As sequências de habilidades e coreografias** são situações de aprendizagem mais complexas que ocorrem. Nalguns casos, quando não são pré-determinadas pelo professor, exigem um trabalho prévio, do aluno ou grupo de alunos, de concepção da sequência ou da coreografia. Não se trata só da realização de determinadas habilidades mas sim da composição de umas com as outras, o que faz realçar importância da harmonia e fluidez de movimentos. É o caso da sequência gímnica no solo ou na trave, ou da coreografia na Dança e na Ginástica Acrobática.
- 3.4. **As situações de jogo**, típicas de aprendizagem dos Jogos Colectivos, estão dependentes da capacidade de os alunos "lerem o jogo". A constituição dos grupos assume, nestas situações, uma importância decisiva garantindo que todos os alunos tenham a possibilidade de se evidenciar.
- 3.5. **Nas situações de jogo simplificado**, procura-se retirar alguma complexidade às situações de jogo formal, reduzindo o número de jogadores e/ou reduzindo as dimensões do campo. Tão importante como estas modificações estruturais é a simplificação das regras, e da sua introdução gradual, iniciando com aquelas que são essenciais para que o jogo possa ser jogado.
- 3.6. **As situações de exploração do movimento** são típicas da Dança em que os alunos, individualmente ou em grupo, combinam um conjunto de movimentos, locomotores e não locomotores, segundo um ritmo (musical ou outro), em que a expressão tem um relevo fundamental.

#### 4. ESTRUTURA DAS SESSÕES DE EXPRESSÃO MOTORA.

##### PRINCÍPIOS GERAIS APLICÁVEIS AOS 4 ANOS DE ESCOLARIDADE

Para adequarmos a sessão de Educação Motora às características das crianças, teremos de propor uma estrutura que contemple 3 momentos ou etapas:

- Um primeiro momento, relativamente intenso, baseado em formas organizativas simples com actividades de baixo nível de complexidade.
- Um segundo momento destinado à prática de Jogos.
- Um terceiro momento ou etapa final composto pela prática de uma a duas Danças (Actividades Rítmicas e Expressivas).

**Nota:** A proposta da Sessão de Educação Motora parte dos seguintes pressupostos; que o tempo dedicado à sessão é de 45 minutos; que existe algum destes materiais móveis (Arcos, Cordas, Bolas, Fitas, Raquetas). Caso a escola não os possua a sessão será organizada em 2 Momentos (Jogos e Actividades Rítmicas e Expressivas).

Antes do 1º Momento da aula, o professor deve reunir os alunos em círculo. De modo breve, procura que estes recordem o que se fez na aula anterior e informa, sucintamente, que actividades se vão realizar na aula que estão a iniciar. Deve aproveitar para relembrar algumas regras principais de conduta. Este intróito designa-se por *Apresentação*.

**1º Momento:** *Exploração Livre de Materiais Móveis.* É o momento para realizar actividades dos Domínios *Perícia e Manipulação* e *Deslocamentos e Equilíbrios*. No caso do 3º e 4º anos de escolaridade este Domínio assume a designação de *Ginástica*. Por isso as actividades a incluir neste Momento são, também as que se propõem neste Domínio.

Este 1º momento não deve ser confundido com *Ativação Geral* (vulgarmente designado por *Aquecimento*), devendo, em vez disso, ser considerado como primeira etapa da sessão.

Os materiais a utilizar serão: Bolas, de preferência com tamanhos, cores e texturas diversas, Fitas (usadas na Ginástica Rítmica), Arcos, Cordas, Balões, Raquetas entre outros.

A metodologia a seguir neste Momento da sessão deve permitir amplos graus de liberdade a cada criança com recurso à exploração livre destes materiais móveis acompanhadas, sempre que possível, por um fundo musical adequado. O professor deve deslocar-se por todo o espaço da em que a sessão está a decorrer, dando ao

aluno a iniciativa de agir, recorrendo a uma metodologia, com características de Descoberta Guiada, intervindo de quatro modos distintos mas complementares:

- 1º. Observar e entrar apenas em comunicação não verbal conjugando a mímica, a direccionalidade do olhar, o contacto físico e os distanciamentos, as atitudes, os trajectos divergentes e convergentes.
- 2º. Observar e imitar exactamente o desempenho da criança;
- 3º. Observar e sugerir algumas variações à actividade;
- 4º. Observar e sugerir uma actividade diferente.

**2º Momento:** A seguir a este momento de exploração livre, deverá ocorrer uma segunda etapa destinada a *Jogos*. Conforme o tempo disponível, assim se realizarão um ou dois Jogos. Neste caso, a escolha deve recair sobre um Jogo mais simples e outro mais complexo, ou um Jogo que os alunos já dominem bem, e outro que ainda esteja na fase de iniciação.

**3º Momento:** É o momento de finalizar a aula com uma Dança / Roda Cantada. Mas adiante apresentam-se algumas sugestões no domínio Actividades Rítmicas e Expressivas. Para além de proporcionarem o desenvolvimento expressivo e rítmico, estas actividades têm um efeito calmante nos alunos, permitindo criar um clima propício à transição para os outros momentos curriculares.

A aula deve ser finalizada com os alunos, novamente em círculo, para uma conversa breve sobre o que de mais relevante se passou na aula. É o momento ideal para reforçar comportamentos adequados e corrigir atitudes que possam ter surgido em certos momentos da aula. Este encerramento da aula designa-se, *Reflexão Final*.

## 5. RECOMENDAÇÕES DIDÁCTICAS ESPECÍFICAS PARA O DESENVOLVIMENTO DOS BLOCOS DE GINÁSTICA E JOGOS

O desenvolvimento das aprendizagens na Ginástica e nos Jogos requer alguns cuidados especiais, dada a complexidade das variadas formas de organização que devem ser adoptadas. Para além das preocupações com a segurança, deve haver especial atenção com a inclusão de todos os alunos, evitando situações que possam pôr em risco o seu desenvolvimento psico-afectivo.

### 5.1. Recomendações Didácticas para o desenvolvimento do Bloco *Ginástica*:

- Utilizar preferencialmente percursos e circuitos como formas de trabalho privilegiadas;

- Utilizar percursos quando se trate de aperfeiçoar ou consolidar habilidades já conhecidas dos alunos, permitindo manter a dinâmica específica desta forma de trabalho;
- Nos percursos, devem intercalar-se habilidades de famílias diferentes (ex. um salto, um equilíbrio, um enrolamento, etc.) .
- Utilizar circuitos (com a sua característica estacionária) para a aprendizagem de habilidades novas ou complexas que requerem maior concentração dos alunos e/ou grande número de repetições sucessivas;
- Incluir nos percursos e circuitos tarefas de revisão e consolidação de habilidades já conhecidas do bloco de Deslocamentos e Equilíbrios;
- Quando o professor quiser introduzir uma nova habilidade, pode montar um circuito com habilidades já conhecidas, devendo colocar-se na estação em que ensina a nova habilidade;
- Tanto nos percursos como nos circuitos, o professor deve posicionar-se junto das situações que envolvam maior risco (ex. saltos no plinto (obstáculos), posições invertidas, enrolamentos na barra, etc.)
- As sequências de habilidades gímnicas, apesar de propostas apenas no 4º ano, podem eventualmente começar a ser trabalhadas antes. No entanto, sendo uma forma mais exigente e elaborada de realização das habilidades que implicam a sua combinação com harmonia e fluidez de movimentos, só devem ser exigidas quando os alunos dominam cada uma delas isoladamente.
- É vantajoso que os alunos comecem por combinar as habilidades em pequenas sequências que irão sendo progressivamente mais complexas.

## **5.2. Recomendações Didácticas para o desenvolvimento do Bloco Jogos:**

- Na aprendizagem dos jogos, o professor deve assegurar que os alunos tenham um domínio básico das habilidades características do jogo, para que o aluno possa participar efectivamente nele.
- A formação de grupos/equipas deve ser normalmente efectuada pelo professor, evitando deste modo conflitos e perdas de tempo, evitando a fixação de preferências entre os alunos e a rotulação dos alunos menos aptos que, naturalmente, seriam sempre os últimos a ser escolhidos pelos companheiros.
- O professor deve formar grupos homogéneos e/ou heterógeneos, consoante as suas intenções pedagógicas. Deve formar grupos ou equipas com alunos do mesmo nível de desempenho, assegurando uma maior igualdade de oportunidades de participar no jogo, e equipas heterógeneas oferecendo

oportunidades aos alunos de conviverem com modelos superiores de execução e participação no jogo (os alunos mais hábeis).

- A dimensão do espaço de jogo e o nível de desempenho dos alunos deve determinar o número de jogadores por equipas.
- Nas sessões iniciais dos jogos de equipa, o número de jogadores deve ser reduzido - 3 ou 4 jogadores por equipa para facilitar a compreensão do jogo e permitir muitas oportunidades de prática.
- Nos jogos de equipa com bola, as equipas devem ter um número reduzido de jogadores, aumentando a participação de cada um dos alunos no jogo, simplificando o contexto de jogo e a intervenção do professor. Nas primeiras fases de aprendizagem deve insistir-se em jogos com 2 ou 3 elementos por equipa, podendo este número aumentar até ao máximo de seis jogadores por equipa.
- Nos jogos de perseguição o número de jogadores por equipa depende essencialmente da dimensão do espaço de jogo.
- O professor, primeiro, deve explicar globalmente o jogo, focando o objectivo e as principais regras que o caracterizam, dando tempo para que os alunos experimentem e percebam a dinâmica do jogo.
- As regras devem ser explicadas de forma clara e precisa, e progressivamente introduzidas à medida que os alunos vão melhorando o seu jogo. Só depois de algum tempo de prática se devem introduzir novas regras e exigir o seu cumprimento.
- Só depois dos alunos perceberem o jogo e cumprirem as suas regras essenciais é que o professor se deve preocupar com os aspectos técnico-tácticos.
- Nos Jogos em que existe a regra que proíbe o contacto físico entre jogadores, a sua aplicação deve ser rigorosa.
- A utilização de sinais que distingam as equipas (coletes, fitas ou camisolas de cor diferente) ajuda a participação dos alunos no jogo e facilita a intervenção do professor.
- Os alunos devem habituar-se desde cedo a não discutir as decisões do árbitro, quer ele seja o professor ou um colega.
- Nos jogos em que um aluno tem funções distintas dos restantes (tipo Rei Manda, Macaquinho do Chinês, etc.) o professor deve trocar frequentemente de funções para que todos os alunos passem por essa situação.

## 6. SUGESTÃO DE ACTIVIDADES EM CADA DOMÍNIO E POR ANO DE ESCOLARIDADE

### SUGESTÃO DE ACTIVIDADES

**Nota:** As sugestões apresentadas nos sub-capítulos seguintes procuram dar continuidade às aprendizagens realizadas nos 1º e 2º anos de escolaridade.

As sessões de Educação Motora não devem ser compostas apenas pelas actividades que são apresentadas para os 3º e 4º anos. Os professores devem continuar a dinamizar as sugestões da etapa anterior (1º e 2º anos) como forma de consolidar aprendizagens adquiridas.

#### 6.1. DOMÍNIO: DESLOCAMENTOS E EQUILÍBRIOS / GINÁSTICA

As actividades propostas para o 3º e 4º anos representam uma progressão das actividades incluídas no Domínio Deslocamentos e Equilíbrios (1º e 2º anos), e correspondem a algumas das habilidades representativas da Ginástica Desportiva. Nesta fase do Sistema Educativo não se pretende que os alunos as realizem com carácter de especialização, pelo que não se aconselha demasiada preocupação com correcções técnicas formais dos movimentos. Sugere-se, também, que as aulas de Educação Física para alunos do 3º e 4º anos não se limitem apenas às habilidades propostas neste capítulo, mas integrem as que se propuseram no Domínio Deslocamentos e Equilíbrios (1º e 2º anos).

Em percursos que integram várias habilidades:

1. Executar a CAMBALHOTA À RETAGUARDA com repulsão dos braços na parte final, terminando com as pernas afastadas e em extensão.
2. CAMBALHOTA À RETAGUARDA, com repulsão dos braços na parte final, terminando com as pernas flectidas e os pés juntos na direcção do ponto de partida.
3. CAMBALHOTA À FRENTE num plano inclinado, terminando com as pernas afastadas e em extensão.
4. SALTAR AO EIXO por cima de um companheiro, após corrida de balanço e chamada a pés juntos, passando com os membros inferiores, bem afastados e chegando ao solo em equilíbrio.

5. SALTO DE COELHO para um banco comprido (situado à altura média da cintura das crianças) após corrida de balanço e chamada a pés juntos, com apoio na extremidade mais próxima, seguida de SALTO DE EIXO com o apoio das mãos na outra extremidade.
6. SALTO DE BARREIRA à esquerda e à direita, com apoio das mãos no banco comprido (baixo), após chamada a pés juntos, com recepção no solo em equilíbrio.
7. RODA, com apoio alternado das mãos na "cabeça" do plinto (transversal), passando as pernas o mais alto possível, com recepção equilibrada do outro lado em apoio alternado dos pés.
8. ROLAMENTO À RETAGUARDA, suspenso na barra, passando as pernas entre os braços, soltando-se com oportunidade para recepção em pé no solo.
9. SUBIR E DESCER uma corda suspensa, sem nós, pela acção coordenada dos membros inferiores e superiores
10. PINO DE CABEÇA, aproximando-se da vertical, beneficiando de ajuda de um companheiro ou de apoio na parede.
11. SUBIDA PARA PINO, apoiando as mãos no colchão e os pés num plano vertical, recuando as mãos e subindo gradualmente o apoio dos pés, aproximando-se da vertical, mantendo o olhar dirigido para as mãos.
12. PASSAR POR PINO, seguido de cambalhota à frente, partindo da posição de deitado ventral no plinto, deslizando para apoio das mãos no colchão (sem avanço dos ombros).
13. COMBINAR posições de equilíbrio estático com marcha lateral, para trás e para a frente, voltas e saltos simples com recepção equilibrada, na trave baixa ou banco sueco.
14. COMBINAR posições de equilíbrio estático, com marcha lateral para trás e para a frente, e "meias-voltas".
15. POSIÇÕES DE FLEXIBILIDADE variadas (afastamento lateral e frontal das pernas em pé e no chão, com máxima inclinação do tronco: "mata-borrão": etc.).

## 6.2. DOMÍNIO: JOGOS ESPECÍFICOS PARA OS 3.º e 4.º ANOS

Participar em jogos, ajustando a sua iniciativa própria e qualidades motoras à situação de jogo e seu objectivo, realizando habilidades básicas e acções técnico-tácticas fundamentais, com oportunidade e correcção de movimentos

Cooperar com os companheiros procurando realizar as acções favoráveis ao cumprimento das regras e do objectivo do jogo. Tratar os colegas de equipa e os adversários com igual cordialidade e respeito, evitando acções que ponham em risco a sua integridade física.

### **MATA LIVRE**

#### **DESCRIÇÃO E OBJECTIVO DO JOGO**

Os alunos estão dispersos pelo ginásio. O professor inicia o jogo lançando para o meio deles uma bola leve. Quem a agarrar procura de seguida lançá-la contra um companheiro e acertar-lhe abaixo da cintura. Os perseguidos fogem e esquivam-se. Depois de lançada a bola fica livre e quem a apanhar passa a "caçador" e tenta "matar".

#### **REGRAS**

##### **1.ª Variante – Individual**

- Sempre que um "caçador" acertar num companheiro marca um ponto.
- Não é permitido correr com a bola nas mãos.
- Ganha quem maior número de pontos alcançar.

##### **2ª Variante – Colectivo**

- O jogo é disputado entre duas equipas, sendo cada uma delas, durante determinado tempo, perseguidora e igual tempo perseguida.
- Ganha a que alcançar mais pontos.

### **A BOLA E A RÃ**

#### **DESCRIÇÃO E OBJECTIVO DO JOGO**

Os alunos formam um círculo, com excepção de um jogador que se coloca no meio. Ao sinal de início do jogo, os jogadores do círculo pontapeiam a bola, tentando acertar abaixo dos joelhos nos (pés ou pernas) do jogador do meio - a rã.

**REGRAS:**

- O jogador do meio (a "rã") salta e/ou desvia-se da bola, evitando que esta lhe toque;
- Se a bola sai do recinto do jogo, o jogo recomeça como no início;
- O jogador que conseguir acertar na "rã", passa a assumir essas funções;
- O jogo prossegue durante o tempo definido e vence o jogador que for mais vezes "rã" ou que, nessas funções, evite que a bola lhe toque durante mais tempo.



### **BOLA AOS POSTES.**

(com as Mãos ou com os Pés)

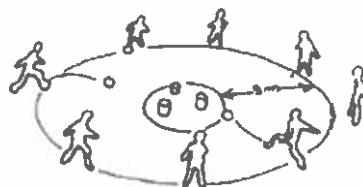
### **DESCRIÇÃO E OBJECTIVO DO JOGO**

No meio de um círculo com 5 metros de raio colocam-se vários objectos de pé (cones, pinos, garrafas de plástico vazias, etc.) e 2 ou 3 bolas para jogar.

Os alunos dispostos em redor e fora do círculo procuram fazer cair os objectos no interior acertando-lhes com as bolas utilizando na mãos (1.ª Variante), ou os pés (2.ª Variante).

### **REGRAS**

- As bolas somente podem ser lançadas ou pontapeadas de fora do círculo.
- Ganha quem maior número de objectos derrubar.



**BOLA AOS POSTES****(com Defensores)****DESCRIÇÃO E OBJECTIVO DO JOGO**

O dispositivo é idêntico ao anterior. Duas equipas de 6 a 8 jogadores (por ex.), ficando uma por fora, em redor do círculo, e à outra por dentro deste.

A equipa de fora é a atacante e procura acertar nos objectos do interior, enquanto a de dentro é a defensora, tentando evitar que tal aconteça fazendo cortes.

**REGRAS**

- Nenhum jogador pode entrar no círculo.
- Cada equipa ataca ou defende durante um minuto, trocando de funções no final de cada tempo.
- Ganha aquela que maior número de derrubes efectuar.

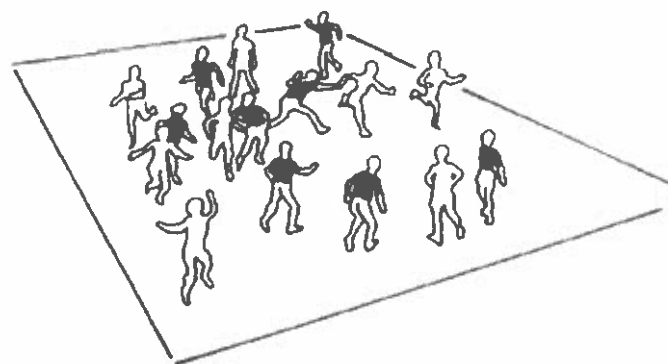
**Variante:** O mesmo jogo mas somente 2 defensores protegem os objectivos do interior.

**ROLHA****DESCRIÇÃO E OBJECTIVO DO JOGO**

Duas equipas com igual número de jogadores, uma de "caçadores" e outra de "fugitivos". Num espaço amplo e limitado, a equipa de caçadores tenta apanhar, o mais rápido possível todos os jogadores fugitivos.

**REGRAS**

- Quando um jogador "fugitivo" é tocado, fica parado (como uma estátua) no local onde foi tocado e só pode reentrar no jogo quando um companheiro livre o "salvar", com um simples "toque"
- Qualquer jogador "fugitivo" que saia dos limites do campo é considerado "tocado", ficando em estátua, no sítio mais próximo do local onde saiu, dentro do campo;
- No final do tempo previsto, ou quando todos os "fugitivos" forem apanhados, as equipas trocam de funções.



### **JOGO DA RABIA**

#### **DESCRIÇÃO E OBJECTIVO DO JOGO**

Duas equipas com uma bola. Os jogadores de uma equipa (O) tentam fazer o maior número de passes entre si, sem que a bola seja interceptada pelos jogadores da outra equipa (X), ou perdida por mau passe ou má recepção.

#### **REGRAS**

- A equipa que tenta interceptar os passes tem menor número de jogadores;
- As equipas (X e O) podem deslocar-se por todo o espaço de jogo.
- A bola é jogada com as mãos;
- O jogador em posse da bola só pode fazer dois apoios com a bola na mão (o drible é interdito);
- O contacto físico entre jogadores não é permitido;
- Não é permitido a qualquer jogador tirar a bola das mãos do adversário;
- Quando um dos jogadores X consegue interceptar a bola, troca com o jogador que fez o mau passe ou a má recepção.
- A duração do jogo é determinada por tempo previamente estabelecido.



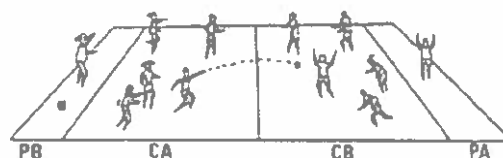
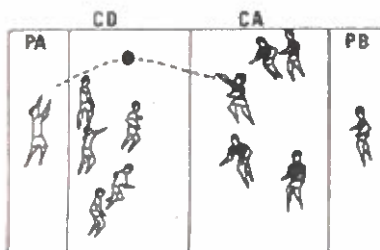
## JOGO DO MATA

### DESCRIÇÃO E OBJECTIVO DO JOGO

Duas equipas (A e B) com igual número de jogadores, com uma bola ou ringue, num espaço delimitado conforme a figura:

Cada equipa coloca-se no seu meio-campo, (Ca e Cb), com excepção de um jogador que se coloca no respectivo "piolho" ("zona de reserva" ou "campo dos atingidos" na figura, Pa e Pb).

Após trocar a bola através de passe entre os jogadores de campo e o(s) que se encontra(m) no "piolho", cada equipa procura atingir com a bola todos os jogadores adversários.



### REGRAS

- A bola é jogada com as mãos;
- O jogo tem início com uma equipa de posse da bola, que a troca através de passes com o jogador que se encontra no seu "piolho", procurando uma boa situação para "atingir" directamente com a bola os adversários que se encontram no meio campo (Ca ou Cb);
- Qualquer jogador, quer se encontre no campo principal ou no "piolho" pode tentar "atingir";
- Os jogadores adversários que se encontram na zona principal do campo, tentam esquivar-se do remate adversário ou agarrar a bola sem a deixar cair no chão. Se a conseguir agarrar pode de imediato tentar "atingir" os jogadores da outra equipa;

- O jogador que é atingido vai para a "piolho". Os jogadores "atingidos" permanecem na "zona de reserva" até ao final do jogo. O primeiro jogador a ser "atingido" substitui o jogador que lá se encontra desde o início do jogo.
- O jogador "atingido" fica em posse da bola a reinicia o jogo do piolho:
- Só se pode "atingir" quando a bola for agarrada sem tocar antes no chão ou em qualquer obstáculo;
- Não se considera "atingido" o jogador a quem a bola, rematada pelo adversário, acerte na cabeça;
- Sempre que a bola sai dos limites do campo, pertence aos jogadores do piolho ou campo mais próximo, que reiniciam o jogo;
- O jogo termina quando uma equipa conseguir "atingido" todos os adversários.

### **BOLA NO FUNDO**

#### **DESCRIÇÃO E OBJECTIVO DO JOGO**

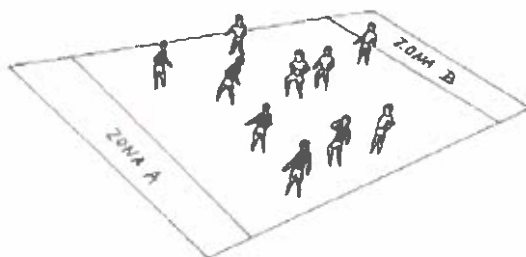
Duas equipas com uma bola, num espaço limitado, com duas zonas nas extremidades (ver figura).

A equipa de posse da bola tenta colocar esta na "zona de fundo" da equipa contrária (zona tracejada A ou B), progredindo no espaço de jogo através de passes entre os jogadores da mesma equipa enquanto que a outra equipa tenta interceptar a bola.

#### **REGRAS**

- O jogo tem início, com a bola na posse de uma equipa, no centro do campo;
- As duas equipas, A e B, podem deslocar-se por todo o espaço de jogo, excepto pelas zonas de fundo;
- A bola é jogada através de passes e recepções com as mãos;
- Sempre que um jogador coloque a bola na zona de fundo contrária, a equipa ganha um ponto.
- Vence a equipa que somar mais pontos;
- A bola tem que ser colocada na zona, (não pode ser lançada ou atirada).
- O jogador em posse da bola só pode fazer dois apoios (o "drible" é interdito) com a bola na mão;
- Os jogadores só podem entrar nas "zonas de fundo" se estiverem em posse da bola (para finalizar);
- Não é permitido o contacto físico entre os jogadores;
- Não é permitido a qualquer jogador tirar a bola das mãos do adversário;

- A infracção a qualquer regra implica a marcação de uma falta e o jogo recomeça, com a bola de posse da equipa contrária, no local da falta;
- Nenhum jogador com bola, ou esta, podem sair das linhas limites do campo;
- A bola é reposta em jogo, sempre que sai das linhas limites do campo, no local onde saiu, pela equipa contrária àquela que tocou a bola em último lugar;
- A duração do jogo é previamente estabelecida em tempo ou número de pontos.



### **BOLA AO CAPITÃO**

#### **DESCRIÇÃO E OBJECTIVO DO JOGO**

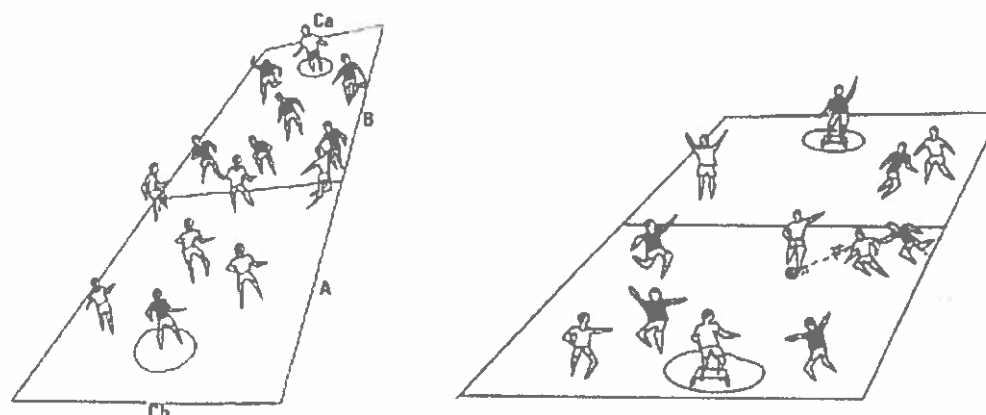
Duas equipas com uma bola, num espaço limitado, com dois círculos desenhados nas extremidades (ou com cordas, arcos, etc.) (ver figura). Cada equipa tenta passar a bola ao seu "capitão" (Ca e Cb) - o companheiro colocado no círculo do campo adversário - tentando evitar que a outra equipa o faça.

Sempre que o "capitão" receba a bola sem a deixar cair, a sua equipa marca um ponto.

#### **REGRAS**

- As duas equipas (A e B) podem deslocar-se por todo o espaço de jogo, excepto pelos círculos dos capitães;
- O jogo inicia-se com a bola atirada ao ar pelo professor no centro do campo e disputada por dois alunos que a devem tocar para um dos colegas (não a podem agarrar);
- A bola é jogada com as mãos, através de passes e recepções;
- O jogador em posse da bola só pode fazer dois apoios com a bola na mão (o drible é interdito)
- Nenhum outro jogador, para além do designado "capitão", pode entrar nos círculos (assinalados na figura);
- O contacto físico entre os jogadores não é permitido;
- Não é permitido a qualquer jogador tirar a bola das mãos do adversário;
- O jogador com bola, ou esta, não podem sair das linhas limites do campo;

- A bola é reposta em jogo (após ter saído das linhas limites do campo) no local onde saiu pela equipa contrária à que a tocou em último lugar;
- Quando uma equipa marca ponto a bola é reposta em jogo no centro do campo, pertencendo a bola à equipa que sofreu ponto;
- Qualquer infracção às regras, intencional ou não, é sancionada com a marcação de uma falta e o jogo recomeça com posse da bola da equipa contrária à que cometeu a falta, no local da infracção;
- A duração do jogo é determinada por tempo ou número de pontos previamente estabelecido.



### **BITOQUE RAGUEBI**

#### **DESCRIÇÃO E OBJECTIVO DO JOGO**

Duas equipas, com uma bola (de preferência oval, tipo rãguebi) num espaço de jogo delimitado como na figura.

Cada uma das equipas tenta colocar a bola na zona de fundo da equipa contrária, através de passes (para o lado ou para trás) entre os jogadores da mesma equipa ou da progressão em corrida de um jogador na posse de bola. Sempre que isso acontece a equipa marca um ensaio (quatro pontos).

#### **REGRAS**

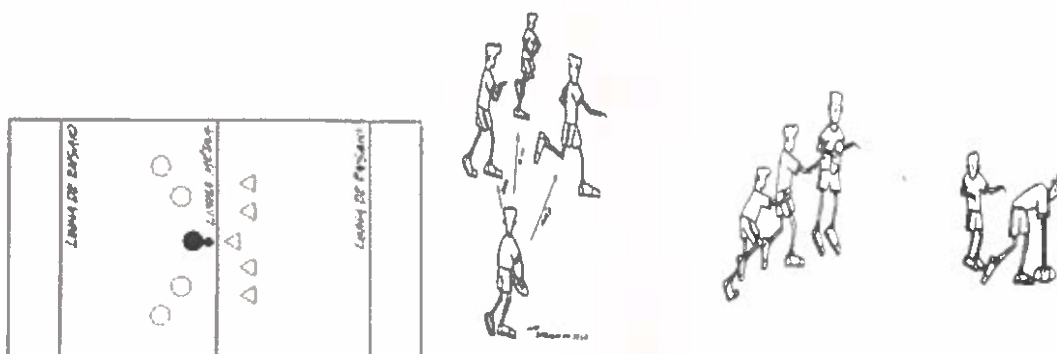
- A duração do jogo é estabelecida previamente;
- A bola é jogada através de passes e recepções com as mãos, só podendo ser passada para o lado ou para trás (em relação à linha de fundo do adversário);
- O jogador na posse da bola pode correr livremente com esta, até ser tocado com as duas mãos ("bitoque") por um adversário. O "bitoque" é um toque simultâneo das duas mãos na zona da cintura ou coxas do portador da bola, efectuado por um defensor;

- Quando um jogador fizer o "bitoque" o portador da bola é obrigado a passar ou largar a bola imediatamente sem continuar a deslocar-se;
- Os jogadores só podem entrar nas zonas de fundo se estiverem de posse de bola (para finalizar);
- O contacto físico entre jogadores é limitado ao "bitoque", sendo proibido noutras formas, quer para o portador quer para os defensores;
- Não é permitido tirar a bola das mãos do adversário;
- A infracção às regras implica a marcação de uma falta. O jogo recomeça com a bola na posse da equipa contrária e todos os jogadores da equipa infractora têm que se colocar entre a linha da bola e a sua linha de fundo.
- Nenhum jogador com bola, ou a bola, podem sair das linhas limites do campo (laterais). Neste caso a bola é reposta pela equipa contrária à responsável pela saída, no local onde saiu, com a equipa que defende disposta para trás da linha da bola como nas faltas.

**Nota:**

Este jogo pode ser simplificado com as seguintes alterações às regras:

- A bola pode ser passada, também, para a frente;
- O "bitoque" só pode ser feito, com as duas mãos, na zona do tronco (costas).

**FUTEBOL DE 5****DESCRIÇÃO E OBJECTIVO DO JOGO**

Num espaço relativamente amplo (por ex. pátio do recreio) no qual estão duas balizas, uma de cada lado, jogam duas equipas de 5 jogadores, dos quais um é guarda-redes. O objectivo é o de introduzir a bola na baliza que se ataca, (a da outra equipa), evitando que esta o faça na que se defende.

A bola pode ser jogada com toda e qualquer parte do corpo menos com os membros superiores, com excepção do guarda-redes, a quem é permitido fazê-lo dentro da área de baliza respectiva.

### REGRAS

- O início do jogo é feito, com cada equipa no meio campo respectivo, através de um pontapé na bola;
- Não é permitido empurrar, rasteirar, pontapear os companheiros da outra equipa, e mesmo da sua, bem como tocar intencionalmente com a mão (menos o guarda-redes) na bola em jogo. Caso se verifiquem estes comportamentos é marcada falta;
- A falta é punida com pontapé livre executado no local onde foi cometida;
- Sempre que a bola entrar completamente na baliza em consequência de jogo válido, é golo. A bola é reposta em jogo, tal como no início, a meio campo, pela equipa que sofreu o golo;
- Sempre que a bola sair pelas linhas laterais (lados maiores do campo rectangular) é reposta em jogo por um dos jogadores da equipa que não a tocou em último lugar, sendo feito um lançamento da bola com as duas mãos por cima da cabeça e sem levantar os pés, que devem estar fora daquela linha lateral;
- Sempre que a bola sair pela linha de cabeceira (ou linha de baliza) e tiver sido tocada em último lugar por um jogador atacante é executado um pontapé de baliza pela equipa defensora (por ex. o guarda-redes), sendo a bola colocada no solo à frente da baliza; se tiver sido tocada em último lugar por um defensor é executado pontapé de canto pela equipa atacante, sendo a bola colocada no solo em frente ao ponto de encontro das linhas lateral e de baliza;
- Quando o guarda-redes agarrar a bola na sua área, devolvê-la-á para jogo com as mãos ou a pontapé depois de a ter deixado cair;
- Ganha a equipa que maior número de golos alcançar e menos sofrer.

### 6.4. DOMÍNIO: ACTIVIDADES RÍTMICAS E EXPRESSIVAS

- Combinar deslocamentos, movimentos não locomotores e equilíbrios adequados à expressão de motivos ou temas combinados com os colegas e professor, de acordo com a estrutura rítmica e melodia de composições musicais

O trabalho a realizar neste capítulo não se deve limitar a estas sugestões de Rodas Cantadas. São apenas exemplos que o professor pode ter como referência. Para além destas, outras devem ser realizadas com os alunos, integradas no último momento da sessão de Educação Física, ou tratadas de forma isolada.

### **CARANGUEJO NÃO É PEIXE**

#### **Letra:**

Caranguejo não é peixe,  
Caranguejo peixe é!

Caranguejo não é peixe,  
Quando anda na maré!

Roda, Roda, Roda,  
Pé, Pé, Pé

(bater palmas três vezes)  
Caranguejo peixe é!

#### **Movimento:**

A dança começa com os alunos em Roda, de mãos dadas, movendo-se em círculo para a direita enquanto cantam: (Caranguejo não é peixe, Caranguejo peixe é!). Neste momento invertem o sentido do movimento movendo-se, sempre de mãos dadas, para a esquerda, enquanto cantam: (Caranguejo não é peixe, Quando anda na maré!). Nesta altura deixam de estar de mãos dadas e, cantando (" Roda, Roda, Roda"), rodam sobre si mesmos para a esquerda, até darem uma volta completa. Param e batem os pés, alternadamente, três vezes, enquanto cantam: ("Pé, Pé, Pé").

### **RODA RODA RODA RODA RODA**

#### **Letra:**

A bater o pé,  
ai olé, ai olé.  
A bater a mão,  
Plim, plim, plão, Plim, plim, plão.

Roda, Roda, Roda, Roda, Roda

Bate o pé.

Gira, gira, gira, gira, gira,

Bate a mão.

### **Movimento:**

Alunos em roda. No mesmo local batem os pés, alternadamente (marchar), ao ritmo de: ("A bater o pé, ai olé, ai olé."). Param e batem as mãos enquanto cantam: ("A bater a mão, Plim, plim, plão, Plim, plim, plão.").

De seguida rodam em torno de si mesmos para a esquerda enquanto cantam ("Roda, Roda, Roda, Roda, Roda"), param e batem os pés enquanto cantam ("bate o pé").

Voltam a rodar sobre si mesmos, agora para a direita, ao ritmo de ("Gira, gira, gira, gira, gira"). Param e batem as palmas ao ritmo de ("Bate a mão").

### **YIENKA**

Letra: Assim se dança Yenca

Assim se dança yenca

Esquerda, esquerda

Direita, direita

Frente, trás

Um, dois, três

Esquerda, esquerda

Direita, direita

Frente, trás

Um, dois, três.

**Movimento:** Alunos espalhados pelo espaço disponível, à mesma distância uns dos outros e virados para o professor. A dança começa com dois passos laterais para a esquerda e dois para a direita, enquanto cantam ("Assim se dança Yenca, Assim se dança Yenca").

Param e saltitam duas vezes sobre a perna esquerda e duas sobre a direita, enquanto cantam ("esquerda, esquerda, direita, direita"). Sem pausa dão um salto para a frente a pés juntos e outro para trás cantando ("frente, trás") e voltam à posição inicial, batendo as palmas três vezes, enquanto cantam ("um, dois, três").

Repete esta parte: "Esquerda, esquerda, direita, direita, frente, trás, um dois três"

**BARCA****Letra:****1ª Parte**

A barca virou, deixá-la virar  
Por causa da Maria que não soube remar.

A barca virou, deixá-la virar  
Por causa do João que não soube remar.

A barca virou, deixá-la virar  
Por causa da Gualberta que não soube remar.

(vai repetindo sempre incluindo, a cada vez, o nome de uma das crianças que estão a jogar.)

**2ª Parte**

Se eu fosse peixinho e soubesse nadar  
Tirava a Gualberta do fundo do mar

Se eu fosse peixinho e soubesse nadar  
Tirava o João do fundo do mar

Se eu fosse peixinho e soubesse nadar  
Tirava a Maria do fundo do mar

**Movimento:** Esta dança deve ser praticada em grupos de 10 alunos no máximo. Os alunos iniciam a dança em fila, de mãos dadas, de lado uns para outros. Em nenhum momento da dança as mãos se podem separar.

**1ª Parte:** O aluno de uma das extremidades dirige-se para os dois alunos da outra extremidade, e passa por baixo dos seus braços, levando todos os restantes alunos a fazer o mesmo. Depois de todos terem executado este movimento, o resultado é o segundo aluno da fila ficar de braços cruzados e sempre de mãos dadas ("A barca fica virada"). Esta acção é realizada enquanto cantam: ("A barca virou, deixá-la virar, Por causa da Maria que não soube remar"). Neste caso Maria é o nome do segundo aluno da fila que irá ficar de braços cruzados.

Esta acção repete-se tantas vezes quanto os alunos que compõem a fila, e a letra da canção é a mesma, variando apenas o nome do aluno (o 2º, 3º, 4º etc). No final, todos os alunos, com excepção do primeiro, ficam de braços cruzados e de mãos dadas.

**2ª Parte:** Neste momento a letra da canção é: (“Se eu fosse peixinho e soubesse nadar, Tirava a Gualberta do fundo do mar”). Enquanto a cantam, os alunos realizam o movimento da 1ª Parte, mas em sentido inverso. O último da fila passa por debaixo dos braços do penúltimo e antepenúltimo. Com esta acção estes deixam de estar de braços cruzados (“são tirados do fundo do mar”). A acção repete-se variando apenas o nome do aluno que vai ser liberto. No final todos os alunos voltam a ficar como estavam no início: Em fila, de mãos dadas, de lado uns para os outros.

## **DOMÍNIO 6: PERCURSOS NA NATUREZA**

- **Escolher e realizar habilidades apropriadas, em percursos na natureza, de acordo com as características do terreno e os sinais de orientação, colaborando com os colegas e respeitando as regras de segurança e preservação do ambiente.**

### **1.º, 2.º, 3º e 4º ANOS**

1. Realizar um percurso na mata, bosque, montanha, etc., com o acompanhamento do professor, em corrida e em marcha, combinando as seguintes habilidades: correr, marchar em espaço limitado, transpor obstáculos, trepar, etc., mantendo a percepção da direcção do ponto de partida e indicando-a quando solicitado.

### **3.º e 4.º ANOS**

2. Colaborar com a sua equipa interpretando sinais informativos simples (no percurso e no mapa), para que esta, acompanhada pelo professor e colaboradores, cumpra um percurso na mata, bosque, montanha, etc., combinando as habilidades aprendidas anteriormente, mantendo a percepção da direcção do ponto de partida e outros pontos de referência.

## Índice

- Área da Língua Portuguesa .....pág. 5
- Área da Matemática .....pág. 23
- Área do Meio Físico e Social .....pág. 35
- Área das Expressões
- Expressão Plástica .....pág.71
- Expressão Dramática .....pág. 83
- Expressão Musical .....pág. 101
- Expressão Motora .....pág. 125

Cooperação entre

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA  DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, CULTURA, JUVENTUDE E DESPORTO

e



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN